

Amanda Farias



TORCIDAS ORGANIZADAS E SOCIABILIDADE JUVENIL NO NORDESTE

Ministério do
Esporte

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Amanda Farias



**TORCIDAS ORGANIZADAS
E SOCIABILIDADE JUVENIL
NO NORDESTE**

Projeto gráfico e diagramação: Fields Comunicação

Impressão e acabamentos: Ministério do Esporte

Ilustração: Nido Farias

Santos, Amanda Farias.

Torcidas Organizadas e Sociabilidade Juvenil no Nordeste

/Amanda Farias dos Santos. -- Maceió, 2013.

170F.

ISBN 978-85-60719-07-5

Ministério do Esporte – Brasília

1. Futebol no Brasil. 2 Aspectos sociais. 3. Violência nos esportes. 4. Torcidas Organizadas.
5. Sociabilidade. I. Título.

Ilustração: Nido Farias

DEDICATÓRIAS

Dedico este trabalho à minha tão querida família, pelo incansável empenho e abnegação em cada passo de minha formação como pessoa e como profissional.

À minha mãe, Arlete, minha sustentação, sempre presente e acreditando em meu potencial e meu sucesso. A meu pai, Eronides, meus irmãos, Fabrício e Nido, minha avó, Audália, meu querido filho, David, e seu pai, Williams, que complementam a base de uma vida calcada na generosidade, integridade e nos valores e respeito ao ser humano. E, por fim, ao futebol brasileiro que, por sua singular trajetória, inspirou-me a desenvolver um tema tão polêmico quanto o presente.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora, Professora Dra. Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira, por sua paciência e dedicação, que tornaram possível a realização da pesquisa.

Ao Programa de Mestrado em Sociologia – PPGS-UFAL – por proporcionar-me a oportunidade de adquirir valiosos conhecimentos e uma formação humanística.

Ao Professor Dr. Paulo Décio de Arruda, pelo incentivo intelectual ao mostrar-me os caminhos de um trabalho árduo, porém, tão gratificante.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – Fapeal –, pelo apoio financeiro que concretizou o desenvolvimento deste estudo.

Ao meu grande amigo, jornalista Jorge Henrique Martins de Castro, e ao Ministério do Esporte, por acreditarem e investirem no resultado da presente obra.

A Deus, por conceder-me a graça de vivenciar momento tão sublime.

“O nosso futebol mulato é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa ou a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal”

Gilberto Freyre

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I	
1 Torcidas Organizadas como objeto sociológico	35
1.1 A origem de uma sociabilidade complexa das TOFs	35
1.2 O contexto de formação das TOFs	39
1.3 O desenvolvimento do esporte como pano de fundo	43
1.4 A lógica de mercado e as TOFs no Brasil	47
1.5 Violência urbana, conflitos e crise da modernidade.....	48
1.6 Atualidade das TOFs: novo cenário	52
1.7 Perfil e realidade das TOFs brasileiras	55
CAPÍTULO II	
2 As Torcidas Organizadas como um grupo social.....	63
2.1 Clube de Regatas Brasil	65
2.2 Comando Alvi Rubro.....	69
2.3 Operacionalização da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro	71
2.4 Relações e alianças entre as TOFs	72
2.5 O predomínio juvenil nas TOFs.....	73
CAPÍTULO III	
3 Juventude e os processos de identificação na contemporaneidade	79
3.1 Identidade social e atualidade juvenil.....	79
3.2 Perspectivas juvenis e conjuntura social	86
3.3 A construção social da masculinidade	89
3.4 Dúvidas e incertezas juvenis – um panorama	94
3.5 Pertenças e conflitos grupais.....	99
3.6 TOFs e conflitos	104
CAPÍTULO IV	
4 Violência, conflitos e comportamento nas TOFs	109
4.1 Um fato histórico: TOCV e violência	112
4.2 Relações inter-grupos e imprensa	115
4.3 A lógica dos grupos.....	120
4.4 Sociabilidade no grupo	125
4.5 Indivíduo x grupo	126
4.6 Heterogeneidade e coesão	131
CAPÍTULO V	
5 Efeitos de sentido	137
5.1 Comando Vermelho: uma simbologia criminosa?.....	146
5.2 O discurso, os sentidos e a ideologia	148
CONCLUSÃO	155
BIBLIOGRAFIA	163

PREFÁCIO

Já acumulei, nessas mais de duas décadas de vida acadêmica, algumas boas experiências como educadora e pesquisadora no espaço universitário; e, com certeza, guardo num lugar muito especial de minhas lembranças, a relação de orientação que vivenciei com Amanda no âmbito do Mestrado em Sociologia da UFAL. O livro que ora vem a público é o melhor testemunho da riqueza do nosso encontro e dos intensos diálogos que estabelecemos, nesses diferentes percursos de nossas formações. Tentamos colocar em prática nossa melhor imaginação sociológica, lançando mão dos movimentos teóricos que nos possibilitariam compreender a dinâmica das torcidas organizadas de futebol (TOFs) e o complexo processo de socialização vivenciado pela juventude através de sua inserção nessas grupalidades.

Conheci Amanda ao ministrar uma disciplina no Mestrado em Sociologia. Posteriormente, não hesitei em aceitar o convite para orientar sua dissertação. Tudo indicava que viveríamos uma experiência de crescimento mútuo, de trocas acadêmicas importantes e partilhas existenciais comuns a esses espaços de formação educacional. Meu prognóstico se confirmou: caminhamos juntas, crescemos juntas, e juntas construímos sua dissertação, desbravando caminhos teóricos e metodológicos, em busca da melhor compreensão das lógicas subjetivas que presidem as relações juvenis nos espaços constituídos através das TOFs.

Não escolhemos o caminho mais fácil para abordagem dessa temática. Recusamo-nos a fazer qualquer vinculação reducionista e/ou essencialista entre torcidas organizadas e violência na contemporaneidade. Adotar essa perspectiva seria tomar como verdade um conhecimento de senso comum que se apresenta como hegemônico nos espaços midiáticos e, também, no tecido social. Tínhamos a compreensão de que, se assim o fizessemos, perderíamos a chance de problematizar a própria condição de ser jovem na sociabilidade contemporânea, bem como de compreender as dinâmicas grupais que se estabelecem em suas relações sociais e interpessoais.

Para enfrentar os desafios impostos por sua investigação, Amanda se acompanhou de autores de reconhecida envergadura intelectual. Assim, sua dissertação, que tinha como objetivo “adentrar no universo e nas ações dos membros da Torcida Organizada do Comando Alvi Rubro”, terminou por abrir um leque de discussões sobre temas de grande valor sociológico, cumprindo assim, o papel de lançar luz para a compreensão da complexidade do significado de ser jovem em tempos de tantas incertezas e inseguranças, onde a sociedade vivencia os efeitos do esgarçamento dos referenciais valorativos no tecido social, e onde os laços e vínculos sociais encontram-se gravemente encurtados e fragilizados.

Assim, para discutir as torcidas organizadas, Amanda terminou por nos brindar com muitas outras discussões originais, fato que só é possível àqueles que se lançam nas atividades de campo com abertura para conhecer, curiosidade para descobrir e paixão para superar todas as dificuldades encontradas no trajeto da investigação.

Reconhecendo a importância dos processos de construção das identidades e identificações na estruturação dos sujeitos, Amanda trabalha com a hipótese de que as torcidas organizadas cumprem um papel significativo na vida dos jovens, na medida em que é nesse lugar de interação (nas torcidas organizadas) que os mesmos experimentam o raro sentimento de pertencimento a um grupo, unidos em torno de um objetivo comum: a defesa do seu time de futebol e a demonstração de sua força nas disputas por território onde os seus rivais são considerados inimigos, e não adversários.

Nesse sentido, o presente livro traz uma importante discussão acerca dos efeitos produzidos pela precariedade dos processos de identificação vivenciados na atualidade em função da crise de valores e do declínio das instituições familiares, educacionais e religiosas que, em outros tempos, exerciam um papel de controle, contenção e ancoragem subjetiva para a juventude em formação. Vivemos um tempo em que as instâncias de “regulação psíquica e social” estão em crise, e onde essa instabilidade tem gerado desarticulações e produzido cenários ainda mais incertos e de grande vulnerabilidade para a juventude contemporânea.

Concordando que os recortes de classe, gênero, raça, local de moradia, escolaridade, entre outros, produzem diferenciações importantes nas várias trajetórias juvenis, Amanda sugere que os episódios de violência, efetivamente presentes nas dinâmicas das torcidas organizadas, têm relação direta com uma tendência e disposição juvenil de se autoafirmar a partir da negação do outro, de se sentir honrado pelas demonstrações de força e virilidade, de se perceber prestigiado quando reconhecido através das expressões de sua masculinidade e bravura diante dos grupos a que pertencem, enfim, de viver com intensidade, no âmbito da lógica grupal, o “narcisismo das pequenas diferenças” que estabelece uma dinâmica onde o vínculo amoroso que faz o laço no interior do grupo, se contrapõe ao sentimento de ódio em relação aos outros grupos que se posicionam como seus rivais. Muito importante essa discussão trazida por Amanda através de autores como Sigmund Freud, George Simmel, Laurinda de Souza entre outros, para esclarecer que na dinâmica social “se o que une o grupo é o amor, todos os que não fazem parte dessa grupalidade podem ser alvo de crueldade, intolerância e violência” (Souza, 2005, p. 72).

Muitos outros temas importantes e interessantes são abordados por Amanda nesse livro composto a partir de sua dissertação de Mestrado defendida em 2009. Deixarei ao leitor a surpresa dos outros tantos temas abordados pela autora, que vão desde o sentido e o significado do futebol para a sociedade brasileira, até o resgate da história da formação das primeiras torcidas organizadas no Brasil, a reconstituição histórica da torcida organizada do CRB em Alagoas, além de discussões teóricas sobre conflitos sociais, configurações da violência na atualidade e temas que transversalizam a problemática da constituição das subjetividades nesses tempos de modernidade líquida.

Resta-nos esclarecer que esse texto foi construído a partir de um rico trabalho de campo realizado por Amanda, no qual ela lançou mão de vários recursos metodológicos, tais como: entrevistas, observação participante, etnografia, análise documental e análise do discurso. Seguindo algumas pistas da etnometodologia e do interacionismo simbólico, utilizou como fonte de investigação os jovens que participam de torcidas organizadas,

bem como jornalistas e um rico material de divulgação que revela os referenciais simbólicos para os torcedores do CRB, quais sejam: bandeiras, cantos, gritos de guerra, manifestações pela internet, material gráfico, camisas, bonés, panfletos, etc.

Por fim, quero partilhar com os leitores o quanto foi gostoso e bonito saber dos acontecimentos do futebol, dos campeonatos estaduais e nacionais, através de Amanda. Sentia uma diferença enorme ao ouvir comentários sobre a dinâmica futebolística através das palavras de uma mulher. Talvez um efeito de gênero, pois, esse é um tema discutido por homens “em qualquer esquina ou em qualquer botequim”; mas, por mulheres, é algo ainda raro. Os homens estão, a todo momento, manifestando entusiasmo e apaixonamento pelos seus times e ídolos do futebol. Poucas mulheres, pelo menos de meu ciclo de relações, vivenciam o futebol como uma “paixão nacional”. Confesso que ficava admirada de ver o gosto de Amanda quando falava sobre os times e as trajetórias dos jogadores de futebol. Era também curioso perceber sua disposição em ir aos estádios assistir os jogos “ao vivo e a cores”. Seu entusiasmo me contagiou, mas não ao ponto de acompanhá-la nessas atividades de pesquisa.

Foi longo e trabalhoso o caminho que percorremos para conseguir chegar aonde chegamos. A publicação desse livro para mim tem um sabor de vitória, e representa uma belíssima coroação de todo o processo que vivenciamos juntas. Lembro, ainda, que tudo ficou mais emocionante com a notícia da gravidez de Amanda em pleno processo de elaboração de sua dissertação. Com Amanda revivi minha própria trajetória, pois também engravidei, pela primeira vez, quando escrevia minha dissertação de mestrado. Minha experiência fortaleceu a experiência de Amanda, pois jamais reforcei a tese, defendida por muitos, de que a gravidez seria um impedimento ou obstáculo para conclusão e defesa de sua dissertação. Fiz isso quando estava no sétimo mês de minha gravidez. Amanda preferiu apresentar sua dissertação já com o testemunho de David, que lhe deu mais força e alegria durante esse lindo processo que tive o privilégio de acompanhar. E assim, Amanda foi agraciada com dois filhos: uma dissertação e David, ambos merecedores de todo o nosso reconhecimento e elogio. Ruth Vasconcelos.

INTRODUÇÃO

Nossa publicação trata das identidades coletivas a partir de um fenômeno de massa no Brasil, que são as Torcidas Organizadas de Futebol (TOFs). Para falar de torcidas organizadas, no entanto, sugerimos refletir primeiramente sobre o lugar que o futebol vem ocupando na sociedade. O esporte sempre esteve presente nos processos de socialização na história da humanidade; no entanto, a partir do século XX, transformou-se num dos fenômenos mais significativos, destacando-se como um meio de socialização que, além de proporcionar prazer aos participantes, favorece a atividade coletiva, o desenvolvimento da consciência comunitária, e, principalmente, constitui-se num importante veículo de construção de processos de identificação social (Tubino, 2001, p.16).

Constatamos, no entanto, que o fenômeno esportivo ao tempo em que produz espaços de sociabilidade e troca, também se constitui num espaço de disputas e rivalidades que, muitas vezes, resultam em atos de violência, seja entre as torcidas, seja entre os participantes dos jogos, nas mais variadas modalidades. Tanto é assim que a violência nos espetáculos esportivos foi pauta de discussão no ano de 1985, em reunião do Conselho da Europa, realizada em Estrasburgo, onde foi editado o Tratado de nº 20 (ver Tubino), que estabelece medidas para combater a violência no esporte, mas dedicando especial atenção ao futebol. Um dos resultados mais significativos deste encontro foi a discussão que produziu o entendimento de que o esporte deveria ser visto como um microcosmo da sociedade que o compreende, ou seja, uma reprodução da sociedade e dos padrões sociais que o envolve. Tubino (2001) diz que o conhecimento em profundidade dos jogos esportivos proporciona valiosas informações sobre a sociedade que o adotou.

Esse entendimento é muito pertinente para refletirmos sobre o futebol no Brasil, permitindo-nos reconhecer a importância que este esporte tem para a cultura nacional. A relevância que o futebol adquiriu ao longo do século XX na sociedade brasileira proporcionou mudanças na concepção e formulação da identidade nacional, como poucos povos tiveram

a oportunidade de experimentar. A identificação do brasileiro com o futebol é tamanha que não podemos sequer falar dos elementos que o constituem sem fazer referência a tal esporte, trazido pelos ingleses, porém radicado aqui com uma moldura própria.

O futebol fez habitat na cultura nacional, e a partir dele podemos apreender muito do que forma e representa a dinâmica cultural do Brasil. O brasileiro levou o futebol para seu dia a dia e este passou a ser uma referência nacional. Apesar de todas as resistências e discriminações, por parte da elite brasileira, nas três primeiras décadas da chegada dessa nova prática esportiva, principalmente entre negros e pobres, o futebol conseguiu resistir a essa separação elitista e, por incrível que pareça, foram esses mesmos (negros e pobres) os que mais tarde acabaram se beneficiando com a novidade.

O caráter segregador impresso no novo esporte promoveu uma separação entre o povo brasileiro. As críticas eram muitas em torno de sua prática elitista, deixando grande marca entre os negros e mulatos que, aos poucos, fora se dissipando. Em 1923, o Vasco, que empregava jogadores do clube em seus armazéns, lojas e fábricas, venceria o campeonato carioca com um time pela primeira vez formado por brancos, negros e mulatos. "Pode-se dizer, assim, que os portugueses endinheirados do Rio de Janeiro iniciaram a 'recolonização' do futebol brasileiro à sua maneira, sob o timbre da mestiçagem, dando condições econômicas para arrancá-lo do modelo anglófilo" (Wisnik, 2008, p. 205).

O interesse pelo futebol de elite continuaria crescendo no Brasil, impossibilitando que se mantivesse naquele isolamento classista. Os moleques e trabalhadores se contagiavam com o que viam nos campos ricos e que se expandiam pelas várzeas e clubes populares. Cresciam os times de fábricas como o Bangu, que já assimilava trabalhadores, inclusive negros, mas também os times de ferrovias inglesas, próximos às várzeas, onde já havia a mistura entre funcionários ingleses e operários brasileiros, como o Corinthians, que acabou se tornando o nome mais popular do futebol brasileiro, juntamente com o Flamengo. "Pode-se dizer, assim, que os dois times mais po-

pulares do Brasil surgiram de uma fissão originária em que o futebol elitista e branco partiu-se no futebol popular miscigenado" (Wisnik, 2008, p. 206-207).

O processo de popularização do futebol foi lento e árduo. A introdução dos negros e pobres no futebol foi problemática. A discriminação era tamanha que, ainda nos idos de 1970, muito tempo depois da profissionalização do futebol, deparamo-nos com o fato de que muitos jogadores, negros e pobres, eram impedidos de entrar pela porta da frente dos clubes, como é o caso do Fluminense¹.

Ainda assim o futebol se inscreveu de maneira sólida na realidade brasileira, oferecendo ao seu povo uma forma promissora de mostrar suas habilidades físicas e esportivas, mas principalmente, a oportunidade de ascender socialmente por meio do trabalho e de suas potencialidades. Não é difícil imaginarmos o que os meninos pobres das favelas e periferias brasileiras escolheriam ao tornarem-se adultos; a resposta é quase unânime: "jogador de Futebol". A idéia de que o futebol é o caminho mais "fácil" para se conseguir "vencer na vida", construir um futuro, ser respeitado perante as pessoas da comunidade, do lugar onde vive, do país a qual pertence, através do jogo de bola, é quase que uma representação coletiva nacional².

O povo brasileiro sonha vencer uma Copa do Mundo como se esse feito fosse tornar o país mais próspero. Vencer o mundial, conquistar a vitória nas quatro linhas³, acaba sendo uma demonstração de força. O brasileiro tem no futebol a esperança, ainda que momentânea, de se sentir importante, potente, representativo e "igual" aos "outros",

¹ Em 13 de maio de 1914, num jogo com o Fluminense, que terminou empatado em 1x1, jogou pelo Tricolor, Carlos Alberto Fonseca, um dos dissidentes da crise Americana de 1913. Esse jogador, que por ser mulato, costumava empoar-se para se disfarçar, foi recebido pela torcida do América ao gritos de "pó-de-arroz". Resultado; originado na torcida do América, o apelido generalizou-se, e até hoje é dado, amistosamente, a todos que torcem pelo Fluminense. Disponível em (www.caiazzo.com.br/Fluminense.html) acesso em 23 mar. 2009.

² Não estamos discutindo o sentido ideológico desta representação, pois bem sabemos que a sociedade está fortemente dividida entre ricos e pobres, e que o desejo de ascensão social pelo esporte passa por questões de classe, e que a desigualdade social não fica nem um pouco alterada com a ascensão de uma centena de jogadores ao rol dos milionários.

³ Expressão que denota o espaço referente ao campo de futebol, onde ocorrem as partidas.

ainda que seja nesse aspecto futebolístico. Esta percepção fica explícita na reflexão de DaMatta (1986), quando faz a seguinte assertiva: *"aqui, se podemos falar do futebol como ópio, temos que dele falar como um instrumento de resgate da cidadania e de uma confiança em nós mesmos que nenhuma outra instituição chegou a dar ao Brasil na mesma proporção"* (1986, p.91).

Com o pensamento de DaMatta (1986) podemos compreender também que o futebol é uma das poucas "instituições" com credibilidade nesse país. Credibilidade no sentido em que fortalece a auto-estima, faz-nos sentir importantes, referencia-nos perante os outros e dá-nos o direito de sonhar com um futuro melhor.

"O segundo milagre do futebol é precisamente esse resgate da nossa própria alma por meio de uma atividade que nos traz confiança e nos permite penetrar no universo saboroso e nobre da vitória. E isso é mais do que crítico para as massas brasileiras que ano após ano somente têm experimentado sofrimento e desesperança" (DaMatta, 1986, p. 91).

Por isso, estudar o futebol é adentrar no seio da cultura brasileira. É entender um povo, seus costumes, a imagem que faz de si e, muitas vezes, o sentido que esse povo dá à sua própria história. "Ora, num país onde a massa popular jamais tem vez e quando fala é através de seus líderes, dentro da hierarquização do poder, a experiência futebolística parece permitir uma real vivência da horizontalização do poder 'por meio da reificação esportiva'" (DaMatta, 1986, p. 113). Neste sentido, e concordando com o autor, entendemos que através do futebol podemos compreender um pouco da sociedade brasileira, pois compreendendo o lugar que este esporte ocupa na vida do povo brasileiro, talvez possamos até dizer que o povo brasileiro fala e se expressa através do futebol.

O interesse por essa prática esportiva no Brasil está sempre em ascensão, pois ela

está cada vez mais presente no cotidiano do brasileiro. O pensamento de DaMatta, importante estudioso da cultura nacional, torna-se essencial para reforçar tal idéia e a relevância dos estudos sobre esse esporte. É também com essa noção de inexorabilidade entre o povo brasileiro e o esporte bretão que levantamos o tema de nosso estudo: as Torcidas Organizadas de Futebol (doravante TOFs), que repercute hoje com mais ênfase no nosso cotidiano, e que sem elas os espetáculos futebolísticos, no modo que o encontramos, não existiriam. As TOFs compõem o cenário dos campos produzindo momentos que enriquecem os já reconhecidos espetáculos futebolísticos.

As TOFs começaram a ganhar o formato que têm hoje a partir da década de 70. Nos anos 40, as torcidas tinham um caráter familiar, com forte presença de mulheres, crianças, idosos, pais e filhos que lotavam os estádios de futebol. As transformações vivenciadas no Brasil, com a industrialização e urbanização, modificaram este caráter familiar das torcidas, mudando não só o seu perfil, mas principalmente seu comportamento. As torcidas ganham o status de fenômeno de massa, passando a ser constituídas hegemonicamente por jovens e grupos com características particulares, tema que discutiremos no capítulo três.

Segundo Pimenta (2000), as TOFs ganharam o caráter organizativo que conhecemos hoje a partir da forte influência do período de ditadura militar. Para este especialista, *"as primeiras 'torcidas organizadas' [aqui se entende como "organizada", segundo ele, os grupos de jovens associados ao movimento de torcedores burocrático-militar] datam do fim da década de 60 e o começo da década de 70"* (Pimenta, 2000, p. 41). Pimenta afirma ainda que *"esta modificação se deu, segundo alguns pesquisadores, pelo surgimento de configurações organizativas com característica burocrático/militar, fenômeno esse essencialmente urbano que criou uma nova categoria de torcedor, ou seja, o chamado 'Torcedor Organizado'"* (Pimenta, 2000, p. 41). Essas organizações foram se adaptando de forma progressiva aos espetáculos futebolísticos e ganharam ainda mais notoriedade a partir dos atos de vandalismo em que, por muitas vezes, acabaram envolvendo-se. Seguindo o movimento mundial das conhecidas lutas travadas

pelos *hooligans* na Europa, podemos observar como marcaram de forma substancial o fenômeno da violência entre torcidas organizadas.

A intenção em dissertar sobre o tema proposto surgiu em setembro do ano de 2005, quando o fenômeno da violência entre torcidas organizadas ganhou notoriedade no estado de Alagoas, após partida entre CSA x CRB Master, evento onde mais de cem pessoas foram detidas, acusadas de agressões mútuas. Após este acontecimento, o tema da violência produzida pelas TOFs passou a ser alvo de interesse e discussão não só da imprensa local, mas também do Ministério Público, Polícias e sociedade como um todo (discorreremos sobre esta questão em tópico específico no capítulo 4). Esse fenômeno já existia também em Maceió, mas quando o fato passou a ganhar maior visibilidade por parte da imprensa, a sociedade e entidades governamentais começam a tomar posições mais claras a partir da própria pauta estabelecida pelos meios de comunicação de massa.

Com esse episódio, o Ministério Público Estadual iniciou seu trabalho tomando os depoimentos dos dirigentes das duas Torcidas Organizadas envolvidas que, vale ressaltar, são as maiores do Estado: Comando Alvi Rubro, do Clube de Regatas Brasil – CRB – na época ainda Comando Vermelho, e Mancha Azul – do Centro Sportivo Alagoano – CSA. Após essas ações as duas torcidas foram impedidas de entrar nos estádios de futebol de Alagoas com camisas, bonés e adereços que representassem os grupos, sendo extintas oficialmente, por ordem judicial. Esta decisão revela a magnitude das TOFs, bem como o quanto as mesmas interferem na dinâmica esportiva da realidade alagoana.

Apesar de nosso interesse em estudar as TOFs ter sido despertado pelas ações de violência perpetrada pelas TOFs alagoanas, não trabalhamos com a perspectiva de que existe uma vinculação essencialista e necessária entre a violência e as TOFs. Ou seja, a constatação de atos de violência como prática das TOFs foi importante para despertar nossa atenção pelo estudo, porém, pretendemos investigar não somente a violência vinculada aos torcedores mas, principalmente, focalizar o processo de constituição desses grupos, a for-

ma de participação dos torcedores e o processo de sociabilidade e identificação vivenciado pelos mesmos. Para atingirmos esse objetivo escolhemos a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, antiga Comando Vermelho, radicada na capital alagoana desde o ano de 1993.

Inicialmente a proposta da pesquisa estava centrada nas duas principais torcidas do Estado, a Comando Alvi Rubro, do Clube de Regatas Brasil, e a Mancha Azul, do Centro Sportivo Alagoano; porém, com o andamento dos trabalhos decidimos focalizar nossa análise apenas num grupo, a Comando Alvi Rubro. Esta opção deve-se ao fato de termos constatado, ao iniciarmos nossa pesquisa, que os torcedores tomados como fonte demonstravam certa “desconfiança” por imaginar que iríamos repassar as informações oferecidas ao grupo rival. Além do desconforto que passamos a sentir no processo de investigação, ficamos convencidas de que poderíamos problematizar as questões propostas tomando apenas um grupo como referência.

Optamos pela Comando Alvi Rubro por dois motivos: no início da pesquisa, julho de 2007, o CRB estava atuando pela série B do Campeonato Brasileiro e entendemos que, com isso, teríamos mais subsídios para realização da pesquisa de campo e a observação participante naquele dado momento, uma vez que o CSA não participava de nenhuma competição oficial no período. Um outro fator que favoreceu a escolha foi o item acessibilidade; residimos em localidade próxima à sede da Torcida Alvi Rubra e ao Campo Severiano Gomes Filho, do CRB. Desta forma, o contato tanto com jogadores quando com torcedores seria melhor viabilizado, já que uma grande parte da torcida regatiana ou habita neste local ou transita quase que diariamente por ele.

Recortado o objeto de estudo e expostos os motivos práticos, passemos à delimitação dos objetivos do trabalho. Nosso intento foi investigar como os torcedores alvirrubros constroem significados acerca de si mesmos; entender os motivos que os levam a integrar tal grupo e o tipo de identificação que eles têm com os demais componentes e com a massa em geral. Visamos compreender o lugar da violência em suas

ações, considerando que ela está sempre presente nos discursos e práticas cotidianas dos torcedores. Foi isto que definiu com que o tema da violência transversalizasse todo o texto. O foco de nossa análise, no entanto, é o processo de sociabilidade que os envolve. Assim, caracterizamos a TOF Comando Alvi Rubro em suas particularidades regionais e sociológicas e, ao mesmo tempo, discutimos o lugar da violência nesse tipo de agremiação. Nesse contexto, buscamos identificar o papel da mídia na divulgação de atos praticados pelas TOFs, revelando como os meios de comunicação local abordam a temática junto à população alagoana.

Sabemos não ser unanimidade, porém, relacionamos alguns profissionais da imprensa que fazem, muitas vezes, uma associação direta entre TOF e violência, sendo este também um discurso predominante no senso comum. Percebemos que este discurso midiático produz representações e reforça certas estigmatizações em relação às TOFs. Essa realidade deixou-nos curiosos e influenciou em nosso mergulho no mundo dessa formação para estudarmos seus costumes e conhecermos sua rotina. A intenção era a de entender a realidade, ainda que provisória, dessa massa.

A torcida denominada Comando Alvi Rubro é um grupo majoritariamente composto por jovens, entre 15 e 25 anos, que buscam reforçar seus laços identitários, constituir-se como indivíduos ativos, que procuram no seio da massa de torcedores um lugar onde possam explicitar suas personalidades, exercitar-se como sujeitos de ação e, ao mesmo tempo, relacionar-se com os demais moldando suas redes de interações e significações. Para compreendermos o processo de constituição das torcidas, de associação dos integrantes, da sua permanência e relações inter e intra-grupais foi necessário explorarmos os temas relativos à Juventude. Assim como as categorias de Identidade, Masculinidade e também de Violência. Os estudos sobre o comportamento da massa, das multidões, também foram fundamentais na produção do presente trabalho.

Como já explicitava Fiengo (2003), os sociólogos e estudiosos do esporte têm direcio-

nado atenção especial ao papel do esporte nos processos de interação social e produção da sociabilidade, operando tanto para a geração de capital social como também para o estabelecimento de vínculos comunicativos carregados de intensidade afetiva. Porém, como reforça, o esporte estaria deixando de ser uma prática desinteressada e lúdica para assumir o caráter de um grande ramo da indústria do entretenimento, sobretudo midiático. Coube-nos também mostrar essas transformações ocorridas no mundo do desporto que vão desembarcar, inevitavelmente, na maneira como os torcedores organizados se comportam perante os seus, os grupos rivais e a sociedade. Não seria precipitado assumirmos que essa mudança no aspecto prático do futebol, no processo de comercialização e hipermediatização, tem contribuído bastante para a caracterização do que é "ser torcedor organizado" hoje.

Os valores esportivos, desenvolvidos desde a antiguidade e consolidados no associacionismo e no "fair play", vão sendo destroçados pelos aspectos pragmáticos do lucro. *"Deve-se também dizer que esta lógica do mercantilismo introduzida efetivamente no esporte, principalmente pelo maior chamamento do espetáculo esportivo, é também uma manifestação do mundo atual de sociedade de massa"* (Tubino, 2001, p.56).

O interesse dos pesquisadores pelos estudos culturais, principalmente a partir da década de 90, decorre do processo de formação de identidades socioculturais no marco dos espetáculos futebolísticos, no qual embasaremos esse trabalho. Nessa mesma direção, e vendo no mundo futebolístico um campo de disputa simbólica, que busca definir os sentidos identitários, podemos considerá-lo, na mesma medida, como um cenário de conflitos, entre os grupos sociais que buscam impor sentidos aos outros e, portanto, um lugar onde se disputa a hegemonia (Fiengo, 2003). Essa mesma percepção pode ser aplicada às torcidas, uma vez que o fortalecimento de seus grupos é trabalhado na busca da imposição e da força dos seus valores em detrimento dos rivais, da disputa pela citada hegemonia.

Reforçamos que os torcedores das organizadas buscam sua afirmação, seu sentido de pertencimento mediante a construção de uma auto-imagem que seja reconhecida

pelos outros grupos como legítima. Ao mesmo tempo, entendemos que os torcedores trabalham para que essa imagem seja sempre respeitada e vista como um lugar sólido, respeitoso e, principalmente, temido. Nesses grupos, os indivíduos constroem e reconstroem suas identidades, reforçam suas redes de sociabilidades, encontrando referências que os façam sentir-se coesos.

O que significa torcer por determinado clube? O que representa para a vida desses jovens a participação em grupos organizados de torcidas de futebol? De que forma eles reforçam seus laços e vínculos afetivos nessa massa? Como eles se relacionam com os demais associados e de que forma essa relação atua na constituição e fortalecimento de suas identidades como torcedores e como cidadão? De que maneira eles exercem essa cidadania dentro do grupo? A relação intragrupo seria um reflexo da realidade social? No decorrer do texto tentaremos responder a essas indagações, pois imaginamos que esses questionamentos podem trazer-nos respostas para alguns dos dilemas sociais que envolvem a juventude e a sociedade como um todo.

Uma das hipóteses trabalhadas foi a percepção de que através das TOFs os jovens torcedores buscam construir uma imagem de si positiva, onde se visa valorizar a auto-estima em detrimento de um sentimento de inferioridade plantado pelas próprias condições sócio-psíquicas desses jovens. Baseamo-nos em estudo feito com jovens de periferia da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, onde Norma Takeuti (2002), faz uma análise das características das turmas formadas a partir dessa sociabilidade descrita e afirma que a integração a um grupo é uma necessidade no seu processo de identificação; as torcidas podem significar a procura da expressão das angústias e da energia vital. É uma busca de espaços, meios e signos que lhes ajudem a conquistar sua auto-estima. "A partir de suas possíveis pertenças grupais e/ou comunitárias, eles buscam construir suas referências identitárias, produzir a sua auto-estima (valorizar-se narcisicamente) e, para alguns jovens, "salvar-se" de um colapso" (Takeuti, 2002, p. 284).

Takeuti ressalta ainda que a grande maioria dos estudiosos da Juventude refere-se às "galeras" ou "turmas" como a uma idéia do "estar juntos" de jovens adolescentes cuja sociabilidade estaria composta de atividades lúdicas e também transgressivas, porém, nem sempre necessariamente violentas.

"As atitudes hard de certos jovens ou de grupos juvenis – quer sejam os movimentos hip-hop, funk, skin-head, punk, torcidas organizadas ou simplesmente galeras – fazem parte de uma dinâmica de visibilização e de valorização (de si e do grupo e, às vezes, de sua comunidade de pertença)" (Takeuti, 2002, p. 284).

As identificações que os integrantes (em sua maioria jovens, como já citamos) possuem dentro de um grupo como esse podem ser de diversas ordens, mas vão sempre influir em seus atos e na maneira pela qual eles vêem o mundo. Assim, como a sua vida fora desse grupo tem grande importância no agir e na conduta desses jovens nos grupos e em comunidade. É certo que, como essa massa tem características heterogêneas, seria inviável traçar um perfil dessa juventude que compõe a Torcida Organizada de Futebol - Comando Alvi Rubro. Mas uma discussão sobre alguns elementos fortemente presentes, como o da juventude, é fundamental para a compreensão do seu comportamento. Isso porque na grande maioria dos estudos sobre juventude, seja ela inserida em grupos constituídos ou não, sempre estão presentes, como já dito, outras categorias que detectamos serem cruciais dentro das torcidas, como Masculinidade, Violência e Identidade, ou Identificação, como preferem alguns.

Não se pode negar que os jovens menos providos de bens materiais e simbólicos encontram-se em um processo maior de vulnerabilidade social e são, muitas vezes, seduzidos às situações violentas com maior facilidade. Porém, o cerne da questão da violência e delinquência juvenil está muito mais no enfraquecimento dos processos de

identificação em uma sociedade que não lhe oferece um sentido para o mundo e para a sua vida, do que basicamente numa explicação simplista de exclusão social.

Onde estão as referências dos jovens na contemporaneidade? Numa sociedade onde os valores de honestidade, integridade, legalidade ficam obscurecidos, como é o caso brasileiro, as identificações encontram-se ainda mais comprometidas e difíceis de acontecerem. "Diante da precariedade de uma ordem simbólica consistente em que não se disponibiliza modelos identificatórios, os jovens buscam, à sua maneira, com base em valores fetichizantes, produzir a sua existência que não estaria em conformidade com certas práticas existentes na sociedade brasileira" (Takeuti, 2002, p. 242).

Concordamos que a procura pelo entendimento do comportamento e das ações na Comando Alvi Rubro irá proporcionar melhores esclarecimentos sobre o fenômeno das torcidas organizadas no Estado como um todo, uma vez que nos deparamos com a escassez de material referente ao tema. Além disso, esse estudo explicitará uma realidade que é esportiva, mas que abarca também todos os campos da sociedade quando acordamos que a vida grupal pode ser um reflexo da vida social. Por isso, procuramos saber como acontece a relação desse grupo de TOF com a comunidade externa, que influências ele proporciona à sociedade, quais os reflexos sofridos e sua relação com o mundo que o cerca.

Buscando discutir esses elementos teóricos e a realidade empírica de nosso estudo, organizamo-nos a partir da seguinte estrutura: no primeiro capítulo, discorreremos sobre as TOFs no contexto da crise da modernidade que abarca sua constituição; formações e transformações; o processo de urbanização e industrialização vivenciado pelas cidades; a sociabilidade complexa vivenciada pelos jovens na atualidade, juntamente com a violência urbana que culmina na crise de valores que afeta a juventude. Nossa intenção com esse capítulo foi apresentar a conjuntura na qual a juventude e as TOFs estão inseridas. No segundo capítulo, definimos as TOFs como um grupo social, expondo os elementos

que compõem um grupo social, o histórico da torcida Comando Alvi Rubro, quem participa dessa formação, como ela foi originada, seu perfil sociológico, assim como a importância do Clube de Regatas Brasil no cenário esportivo do Estado.

No capítulo três, fizemos uma discussão sobre a presença marcante dos jovens nessa realidade e tentamos conjugar essa categoria com as noções pertinentes à identidade grupal, o papel das expressões de masculinidade e virilidade no contexto juvenil e esportivo e as relações de conflitos nesse meio. No quarto capítulo tratamos dos conflitos e comportamento das TOFs, onde buscamos evidenciar o que existe de mais essencial no comportamento das multidões como um todo. Demos grande ênfase também aos conflitos intra e inter Torcidas Organizadas como forma de explicitar os efeitos que tais atitudes acarretam no imaginário tanto do grupo quanto da sociedade, expondo a origem das rivalidades, a competição, e como desembocam em ações conflituosas, ou até mesmo agressivas perante o outro. No quinto, e último capítulo, coube-nos ressaltar que a violência não parte apenas de embates físicos entre os integrantes ou torcidas, mas que subsiste, na maioria das vezes, nos símbolos, linguagens e expressões advindos da própria massa. Através de algumas noções da análise do discurso procuramos traduzir seus reflexos nas ações e comportamento do torcedor.

Transversalizamos os conceitos-chave de nosso livro, de forma a reforçar as principais categorias do objeto estudado. Buscamos ainda conjugar as teorias abordadas com a análise dos dados empíricos colhidos por acreditamos que desta forma nos faríamos entender com mais precisão, o que facilitaria também os resultados obtidos. Não esperamos aqui esgotar a abordagem do fenômeno de torcidas organizadas de futebol em Alagoas, mas pretendemos, a partir de uma análise social e conjuntural da Comando Alvi Rubro, trazer mais contribuições para os estudos pertinentes ao tema.



CAPITULO I

1 - TORCIDAS ORGANIZADAS COMO OBJETO SOCIOLÓGICO

O objetivo desse capítulo é apresentar o contexto das formações de Torcidas Organizadas de Futebol (TOFs), desde a sua criação até os dias de hoje. O processo de urbanização e industrialização brasileiro influenciou na constituição desses grupos e favoreceu o surgimento de uma sociabilidade complexa, tomando como reflexo dessa realidade a violência urbana intensificada, principalmente, na segunda metade do século XX.

O interesse do texto que se segue é trazer elementos para a compreensão de uma realidade conturbada, mergulhada no excesso de informações e tão carente de entendimento e perspectivas que possam proporcionar ao indivíduo/membro uma convivência positiva com a sociedade e o mundo que o cerca. O propósito, com isso, é lançar instrumentos que nos façam adentrar no universo e nas ações dos membros da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, também conhecida como TOCV, e na imersão em possíveis práticas violentas.

1.1 - A ORIGEM DE UMA SOCIABILIDADE COMPLEXA DAS TOFS

Estudos pioneiros remetem à década de 40 a origem das torcidas organizadas no Brasil, quando era forte a presença de famílias e indivíduos socialmente estabelecidos nos estádios de futebol. A Charanga do Flamengo – reunião de torcedores em torno de um grupo musical que tocava marchinhas carnavalescas festejando nos estádios – foi fundada em 1942 por iniciativa do Flamenguista Jaime Rodrigues de Carvalho. Os são-paulinos, inspirados por Manoel Porfírio da Paz e Lauro Natel, fundaram a torcida do São Paulo F.C. (Pimenta, 2004, p. 264).

Um jornalista da área esportiva no Estado remonta ao tema e reforça o fato de os espetáculos serem promovidos pelas famílias nos estádios, com seu colorido característico e as famosas charangas da época. Ele relembra também a “Charanga do Jaime”, que

se notabilizou e virou também letra de música⁴. Em nível local, destaca as organizadas do Zé Emílio, do CSA, e a do Waldomiro, do CRB, formadas entre os idos de 70 e 80. “A bandinha do Emílio existe até hoje, mas todas essas naquele clima de espetáculo. Todas em clima muito romântico, avessas à violência”, afirma o jornalista.

O formato tomado na época estava longe de possuir o caráter das Organizadas atuais. Aquele tipo de manifestação proliferou país a fora, porém não era ainda considerado um movimento de torcida organizada nos moldes que a concebemos hoje, devido a sua falta de estrutura organizativa e, “naquele momento, o vínculo dos torcedores se dava com o clube de futebol e não com as torcidas propriamente ditas” (Pimenta, 2004, p. 265). Característica bastante marcante no formato das Organizadas atuais e bastante importante para se entender o contexto ao qual estão inseridas tais formações. Atualmente os torcedores estão ligados às Organizadas e sua relação com o clube acontece através destas.

Para Toledo (1996), posterior à fase romântica da uniformização de torcedores e da visibilidade dos *torcedores-símbolos*, que personalizavam e identificavam as torcidas, o surgimento das Torcidas Organizadas acompanhou algumas das mudanças ocorridas na época, impondo gradativamente outras formas de sociabilidade, de desfrute do futebol

⁴ Samba Rubro-negro (Intérprete: João Nogueira / Compositor(es): Wilson Batista - Jorge De Castro)

Flamengo joga amanhã
Eu vou pra lá
Vai haver mais um baile no Maracanã
O mais querido
Tem Rubens, Dequinha e Pavão
Eu já rezei pra São Jorge
Pro mengo ser campeão
O mais querido
Tem Rubens, Dequinha e Pavão
Eu já rezei pra São Jorge
Pro mengo ser campeão

Pode chover, pode o sol me queimar
Que eu vou pra ver
A charanga do Jaime tocar:
Flamengo! Flamengo!
Tua glória é lutar
Quando o mengo perde
Eu não quero almoçar
Eu não quero jantar

como lazer e hábito, fundamentando um outro modo de torcer diverso do comportamento anteriormente observado (1996, p. 26).

Ao longo dos anos essas torcidas (carnavalescas) foram sendo substituídas pela cultura jovem, “partidária”⁵. A torcida do Clube de Regatas Flamengo, no Rio de Janeiro, e a do Sport Club Corinthians Paulista, em São Paulo, constituíram-se em grupos que cresceram muito ao longo das décadas e estavam fortemente ligados ao hooliganismo europeu nos anos 80 e 90. Pimenta (2004) define as TOFs como agrupamentos de pessoas simpatizantes de um clube de futebol, sem fins lucrativos, estruturados de forma relativamente burocrática, com o objetivo de incentivar o time durante os jogos e defender a integridade do grupo nos momentos de confrontos físicos ou verbais com os adversários.

Para o autor, a estrutura administrativa das Torcidas Organizadas no Brasil assume aspectos militaristas, contemplando estratégias de confronto aliadas e táticas de ataque e de defesa. Sobre esse aspecto é importante ressaltar que durante o trabalho etnográfico realizado com a Comando Alvi Rubro, nenhum de seus membros admitiu o planejamento de táticas para ataque aos adversários. Porém, quando interpelados sobre o assunto, explicavam serem os confrontos formas de defesa do grupo, onde os conflitos eram iniciados sempre pela torcida rival. Em contrapartida, o “caráter burocrático” está na linguagem desses grupos, na subdivisão e na maneira como eles vivenciam a hierarquia no coletivo.

Ao questionarmos sobre o papel da violência no grupo o rapaz M, de 21 anos, da TOF Comando Alvi Rubro, responde: “Não, não precisa... E acontece porque às vezes bate de frente assim e não tem como evitar... tem que ir pra cima ou apanha... Ou vai pra cima ou apanha...”. E diz ainda que quando ocorre o encontro de torcidas rivais é praticamente impossível evitar o confronto. “Não tem jeito, é briga... Não tem jeito não. Se não der apanha... a gente anda na da gente, né? A gente anda no percurso da gente. Só porque sempre tem um mais espertinho que tem que vir pra cima, ai... rola madeira...”

⁵ Este termo remete à idéia de organização hierárquica com propósitos e planos de ação definidos.

Partindo de uma abordagem etnometodológica, podemos encarar esses membros das TOFs como sujeitos reflexivos em seu meio social. São capazes de interpretar suas ações, que são construídas a partir de suas interações rotineiras. Como afirmamos anteriormente, essa perspectiva valoriza a compreensão que estes têm da realidade que os cerca e a capacidade de compreensão e modificação de seu universo. Portanto, acreditando que as falas são cruciais para o entendimento da sociabilidade vivenciada por esses membros, podemos perceber que, ainda não assumindo a busca pela violência ocasionada pelos confrontos, esse elemento é um dos aspectos encontrados nessa realidade, que oferece sentido no imaginário coletivo do grupo como instrumento seja prático (de defesa), seja simbólico (discurso). O símbolo é importante para a formação da sua representação social, que discutiremos mais adiante.

A passagem acima citada, retirada de conversas com associados da TOF estudada, nos remete à fala de Bill Buford (1992) quando se reporta ao que fora seu objeto de estudo por quatro anos: os *Hooligans*. Apesar de ser uma realidade tão distinta da que encontramos no Brasil, há uma identidade entre os discursos. Os *Hooligans* não reconheciam em suas práticas qualquer elemento de agressividade e violência.

"Até então, cada um com quem eu falara tinha se dado ao trabalho de deixar claro que, embora pudesse parecer um hooligan, não o era de fato. Era um torcedor de futebol. É verdade: se alguém provocasse uma briga, ele não fugiria – ele era um inglês, não era? -, mas não andava à procura de encrenca. Todo mundo estava ali pela diversão, pela viagem ao exterior⁶, a bebida e o futebol" (Buford, 1992, p.46).

Observem que os torcedores refletem sobre aquilo que fazem, ainda que não tenham plena consciência sobre o fato, de acordo com o conceito de reflexividade.

⁶ Bill Buford refere-se à viagem realizada por ele e os torcedores *Hooligans* a Turim, na Itália, para a partida entre a Juventus de Turim e Manchester United, da Inglaterra, pela Copa da Uefa.

Parece que, tanto num caso quanto noutro há uma percepção dos próprios danos, de que as transgressões às regras de civilidade e os atos de vandalismo e violência, muitas vezes praticados por estes, são um ato ilegal e repreensível. O que nos leva a crer que tais sujeitos são conscientes de sua imagem no meio social. Essa sociabilidade complexa, por vezes expressa pela violência, pode aparecer também, segundo Buford (1992), como uma forma de protesto: "as partidas de futebol ofereciam uma válvula de escape para frustrações de natureza profunda" (1992, p. 12). Talvez esse trecho explique a consciência do ato delituoso ao mesmo tempo em que é praticado.

1.2 - O CONTEXTO DE FORMAÇÃO DAS TOFS

As Torcidas Organizadas, como a conhecemos na atualidade, formaram-se em paralelo com o aceleramento do processo de industrialização e de urbanização nos grandes centros do país. A transição do modelo de torcida organizada, para Pimenta (2004), deu-se na década de 60, quando os agrupamentos de torcedores nos estádios foram transferidos dos lugares mais privilegiados, as "sociais", para os mais populares, as "arquibancadas". Neste momento dá-se início a uma nova fase onde os torcedores passam a fazer parte do espetáculo do futebol televisionado, empunhando bandeiras gigantescas, faixas, adereços e exibindo coreografias ensaiadas, manifestações dificilmente vistas nos grupos anteriores. Segundo o autor, "na transformação de um modelo de agrupamento para outro, a violência em forma de arruaças, tumultos, brutalidades e vandalismo começa a ser utilizada como marca registrada dos torcedores fanáticos em oposição aos métodos adotados até então, considerados por eles pacíficos demais" (Pimenta, 2004, p. 265).

Ao contrário de Pimenta (2004), que faz uma associação clara entre TOFs e o fenômeno da violência, entendemos que a violência é uma possibilidade e não uma marca registrada destas. Ou seja, não necessariamente as TOFs agirão com violência e intolerância em suas práticas cotidianas. Devem-se observar, com bastante atenção, os noticiários a respeito das

arruaças e vandalismo ocorridos em cenários urbanos. Não eximindo os grupos da autoria por muitos desses delitos, é imprescindível notar que muitas dessas ações são creditadas aos grupos por meio de informações oficiosas, mal apuradas ou preconceituosas. Por vezes, a pressa pela notícia prejudica a qualidade do trabalho da imprensa que, ocasionalmente, pode não se dar ao trabalho de checar os dados expostos nas matérias.

Como exemplo temos uma informação veiculada no site de notícias www.alagoas24horas.com.br, de 23 de julho de 2008. Na reportagem, cujo título é “Vândalos apedrejam coletivos após jogo do CRB”, o repórter fala de dois coletivos que foram apedrejados em Maceió e que tiveram suas portas e janelas quebradas por vândalos “que supostamente seriam integrantes da torcida organizada do CRB.” A palavra SUPOSTAMENTE não dá credibilidade à informação e prejudica a imagem da Organizada, que poderia não ser responsável por tais brutalidades.

Essa tese pode ser compartilhada com a opinião da população que se manifesta através do próprio veículo digital. No espaço reservado à opinião do leitor internauta encontramos o seguinte comentário: “há enganos tanto na matéria como nos comentários, tive o desprazer de presenciar a ação em pauta e não havia nada que identificasse integrantes de nenhuma torcida. Foram gestos gratuitos de vândalos mesmo sem motivação nenhuma. Eram adolescentes descontrolados e incentivados pelo despoliciamen- to e pela impunidade” (23/07/2008).

Não queremos, com isso, desvalorizar o trabalho da imprensa, muito pelo contrário. Acreditamos ser essa categoria formada por profissionais, em sua maioria, comprometidos com a informação fiel à sua realidade. Porém, percebemos que os generalismos, muitas vezes aplicados ao tema, desembocam na formação de uma idéia negativa relativa às TOFs. Outro agravante desse quadro é o fato de muitos dos incidentes serem praticados por pessoas vestidas com a camisa do time do CRB, ou da Comando, sem serem torcedores registrados, ou seja, associados. Como no caso da vítima Jaelson Gui-

lherme Bezerra, 21, torcedor do CSA, baleado após a partida entre CSA e Sergipe, no Estádio Rei Pelé. Segundo a própria imprensa (www.alagoas24horas.com.br) o acusado seria um homem com a camisa do time rival, o CRB. O que, para muitos, acaba sendo identificado como torcedor organizado.

Propomos, com isso, oferecer elementos que ajudem o leitor a interpretar com cautela os fatos e as informações midiáticas. Longe de excluirmos a violência das ações desses torcedores, queremos ponderar o que é transmitido e mostrar que essa violência não deve ser o único instrumento identificador da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro.

A Gaviões da Fiel é considerada a primeira torcida organizada brasileira, fundada em primeiro de julho de 1969, com o fim de fiscalizar os dirigentes do SC Corinthians Paulista e apontar-lhes os erros. Foi a primeira a pautar-se por regras estatutárias, com eleições bianuais e registro civil em cartório, apresentando-se como pessoa jurídica, com responsabilidades e deveres legais. Esse fenômeno, que era restrito aos grandes centros do país, logo foi se alastrando pelos outros estados da federação, sendo possível presenciar a atuação destas por todo o território nacional (Pimenta, 2004), a exemplo da Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, fundada em 1993 e com forte atuação até os dias atuais.

O referido estudioso acredita ser o grau de truculência demonstrado pelo grupo e o poder expresso em suas ações um fator de atração de mais e mais adeptos. “É importante ressaltar que a violência, seja ela direta ou como defesa a ataques de outros grupos, é elemento constitutivo das vinculações de torcedores ao grupo” (Pimenta, 2004, p.267). Para ele, são justamente os desfechos trágicos que fomentam o crescimento das organizadas, por mais contraditório que possa parecer. “A violência sem limites estabelecidos pela ordem social tornou-se a nova marca registrada das organizadas, pelo menos no período da década de 1990, em que seus atos tiveram maior visibilidade na mídia em decorrência dos crimes cometidos” (Pimenta, 2004, p.269).

O autor prossegue afirmando que um membro de qualquer organizada conquista prestígio, respeito e confiança pelo uso da força, pela assiduidade e pela agressividade. À medida que demonstra capacidade tanto de resistir aos confrontos quando de ocupar territórios nas ruas e nas arquibancadas. Reforça que no mundo atual a violência faz parte das experiências de determinados grupos de jovens, como um elemento intrínseco e indispensável.

É certo que, segundo Toledo (1996), as brigas e transgressões praticadas pela torcida também são fatores que contribuem para o crescimento destas. "Porém esse fator não deve ser considerado como o único ou, em alguns casos, o preponderante já que, por exemplo, há algum tempo os Gaviões da Fiel têm evitado confrontos abertos com outras torcidas e nem por isso deixaram de prosperar enquanto organização de prestígio junto aos torcedores" (Toledo, 1996, p. 107-108). Concordando com Toledo (1996), entendemos que a atração pelo lúdico e a necessidade de vivenciarem um sentimento de pertencimento a um grupo faz com que os jovens se integrem às TOFs.

Mesmo admitindo a presença da violência nas TOFs, o autor faz as seguintes ponderações: "certamente, esses indivíduos vivenciam experiências comuns que não podem ser, todavia, reduzidas somente a um discurso normativo sobre violência, expressos nos jornais como foram criados para bater. Não obstante, a violência é um fenômeno próximo e constante entre os torcedores, sobretudo entre aqueles que são oriundos das camadas populares. Violência enraizada no meio urbano em que vivem, quer seja objetivada nas ações dos órgãos expressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas na mídia, nas condutas autoritárias que perpassam nas instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol (Federações, clubes) e que, sob esse aspecto, as Torcidas Organizadas e os indivíduos que a elas convergem não estão descolados desta realidade" (Toledo, 1996, p. 32).

Torna-se imprescindível reforçarmos a necessidade do conhecimento da literatura produzida até hoje sobre essas agremiações, uma vez que irão nos proporcionar mais

subsídios para pensar um fenômeno tão difundido na contemporaneidade, principalmente pelos meios de comunicação. Ao longo desta obra, pretendemos expor as peculiaridades encontradas no objeto pesquisado, sem deixarmos de considerar os aspectos históricos e globais dessa categoria de torcedores. Por isso, expomos também no presente texto idéias de autores que, apesar de não aceitas em sua integralidade pelos pesquisadores em questão, são importantíssimas tanto para traçar o histórico do tema quanto para confrontar os argumentos e enriquecer a pesquisa.

Como se pode observar, estamos dialogando também com autores que apresentam divergências em relação ao tema, uma vez que entendemos ser importante trabalhar esta literatura.

Sendo assim, apesar de concordarmos com algumas das teses propostas por Pimenta, não encontramos, no trabalho de campo empreendido, elementos suficientes que nos autorizem estabelecer uma associação necessária entre as TOFs e a violência praticada por seus membros.

A proposta de nosso estudo está baseada, então, na busca pelo entendimento da sociabilidade e pelo que é atribuído como essencial para a formação dessa TOF. Desta forma, procuramos conhecer os elementos oferecidos por seus integrantes e entender sua atuação como reflexo do que é disseminado e vivido dentro dessa coletividade. Ou seja, as características particulares de suas trocas e a dinâmica de sua socição nos termos postos por Simmel.

1.3 - O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE COMO PANO DE FUNDO

A participação dos torcedores no futebol tornou-se mais "problemática em razão de um contexto mais complexo e dinâmico que aquele vivido pelos torcedores-símbo-

los desde a década de 40" (Toledo, 1996, p.30). Dos anos 80 para cá, sabe-se que, no Brasil, o comportamento do torcedor nas arquibancadas dos estádios de futebol ganhou outra forma.

Toledo (1996) entende a emergência dessas torcidas vinculadas ao surgimento do futebol profissional e ao processo exacerbado de crescimento das cidades, principalmente nas décadas de 50 e 60. Essas transformações teriam culminado, segundo ele, com as novas formas de sociabilidade, emoções e estilo de vida da massa trabalhadora.

Caracterizando esses grupos "enquanto organizações burocratizadas, com relativa autonomia dos clubes" (1996, p.27) o autor relaciona também o surgimento das organizadas ao grande impulso dado pelo Campeonato Brasileiro e pela conquista do tricampeonato no México, já na década de 70. Vale ressaltar que em período de repressão militar, esses torcedores teriam buscado nas organizadas um espaço de participação popular cerceada aos partidos políticos e a outras formas de associacionismo. Explica que, para muitos, o movimento de emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivenciado no país. E, portanto, juntamente com outras formas de organização e associação, formaram canais de participação populares diante da ausência de partidos e representações legais (Toledo, 1996, p.28). Elas (as TOFs) "regulam e socializam regras, valores e condutas, estabelecendo relações de poder, acionando certos instrumentos simbólicos a partir de uma vivência concreta" (Toledo, 1996, p. 32). Talvez essas características nos ajudem a entender o comportamento dos torcedores no processo inicial de sua constituição.

Como veremos no capítulo 3, esses grupos podem funcionar como um abrigo, proporcionando a esses jovens a segurança e o lugar que estes desconhecem em outros espaços sociais. O comprometimento dos membros com a Organização funciona, muitas vezes, de forma semelhante àquele implementado nos compromissos diários, como o do trabalho e o da família, propiciando uma relação em comum no interior do grupo. Os gru-

pos de torcedores não são homogêneos, já se diferenciam por estratificações sociais, idade, status etc. São formados por pessoas comuns que assumem diversos outros papéis na sociedade; membros de todas as classes freqüentam o ambiente das TOFs. Porém, essas torcidas garantem coesão enquanto grupo na medida em que, além da organização burocrática, partilham de um "certo estilo peculiar de conceber e externar as paixões pelo futebol, tomando-o como uma dimensão importante da vida de cada um que ali se dispõe a vivenciá-lo desta, e não de outra maneira" (Toledo, 1996, p. 81). Muitas vezes, a relação com a TOF torna-se tão importante quanto a própria vida pessoal e familiar.

Esse aspecto está diretamente ligado ao conceito de sociabilidade, empregado por George Simmel (2004). O que é autenticamente "social" nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. Ou seja, para a sociabilidade, se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidade da vida, a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia (pgs.64-65).

Um dos dirigentes da Torcida Organizada do Ceará, a Cearamor, nos relata que muitos desentendimentos conjugais já ocorreram devido aos compromissos externos com a TOF. *"Eu, por mim, o amor pela Cearamor é o mais forte de tudo. É como eu falo com a minha boca, eu falo com o meu coração. Conversa de torcida, a gente passa seis anos conversando... dez anos, você não vai parar de falar tão cedo. Relembrando..."* E complementa: *"Ninguém vai... ninguém vai amar... Todo relacionamento tem as suas intrigas e as suas cobranças... No meu caso aqui, não sei como o meu celular não tocou ainda, que tá tocando de meia em meia hora aqui... A mulher de tanto perguntar: Ei, que hora tu vem? Não sei o que... Ela sabe que... Ela já disse faça uma escolha: você quer eu ou quer o Ceará? Eu, não, foi bom te conhecer... rrsrrrs".*

Tal relato reforça os argumentos de Toledo (1996) quando não desvincula o mundo esportivo das relações vivenciadas pela sociedade. Não existe autonomia entre o futebol e as práticas sociais, ele está condicionado ao nosso contexto histórico, cultural e político. A ideia de Toledo (1996) vem ao encontro da citada por Tubino (2001), exposta na introdução deste trabalho, quando vê o esporte como um microcosmo da sociedade, com os padrões sociais que a envolve. A ligação pela Torcida pode funcionar, muitas vezes, como o complemento de uma falta que não é preenchida na rotina de seus integrantes quando estão fora do grupo.

Apesar de reconhecermos as diversas dimensões que possuem as formações de TOFs, como expomos acima, o fenômeno das TOFs é frequentemente lembrado em detrimento da violência. O auge da visibilidade midiática atingida pelas organizadas no Brasil surgiu com a batalha campal do Pacaembu, entre palmeirenses e são-paulinos, em 20 de agosto de 1995, na final da Supercopa São Paulo de juniores. Na confusão, que aconteceu após a vitória do Palmeiras, houve um saldo de 110 feridos. Um torcedor - Márcio Gasparin da Silva - morreu. A partir daí, a maioria das torcidas organizadas de São Paulo migrou para o Carnaval depois de enfrentar problemas com a Justiça devido a vários casos de violência nos estádios.

Na capital alagoana, como realçamos anteriormente, o tema teve bastante relevância no ano de 2005, num episódio onde mais de 100 pessoas foram detidas, após uma partida entre os times do CSA e CRB de Master. Foi nesse período que se percebeu maior atenção, por parte do poder público e da mídia, à violência praticada “pelas Organizadas”. Pimenta (1997) explica que, “no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira, os grupos sociais foram se atomizando, ocorrendo o fenômeno da diluição das relações interpessoais, cuja trajetória abre espaço às relações de agressividade e de violência diversas” (Pimenta, 1997, p.22).

Mas na visão de muitos dos torcedores, a responsabilidade do episódio desastroso não foi exclusivamente dos membros das duas principais TOFs alagoanas. O que Pimenta acredita

apenas à diluição das relações interpessoais, os integrantes da Comanda relacionam à incapacidade de ação da Polícia. Um dos representantes da Organizada que estudamos, de 21 anos, dá a seguinte versão em relação aos conflitos ocorridos em 2005: *“Conseguiram extinguir a Comanda e a Mancha em 30 dias. A gente teve uma briga, por falta de capacidade da Polícia. Porque tinha dois anos sem ter clássico. Pegaram um jogo de coroa aí divulgaram pra passar na televisão o jogo. Não colocaram policiamento capacitado no momento, aí aconteceu aquele confronto entre as torcidas. Aí quem pagou foi quem? Quem pagou foi as torcidas.”*

Sobre a extinção das principais TOFs alagoanas, que ocorreu no mesmo ano em decorrência do confronto citado, outro dirigente de 29 anos expõe: *“...ninguém bota culpa em cima de Polícia. Ninguém bota culpa em cima de televisão. A corda só arrebenta para o lado mais fraco. E naquele momento foram as torcidas organizadas. Em 30 dias a reportagem em rádio, televisão e jornal. Uma atrás da outra. Três, quatro reportagens por dia. Fizeram um julgamento sem defesa. A gente não teve tempo nem de se defender. Em 30 dias arranjaram um juiz e o cara extinguiu as torcidas até hoje, né? Aí a gente fez o quê? A gente veio com outra formação, outro padrão, outro Instituto. Aí foi, e tamo aqui novamente. Por que, porque é uma paixão. Torcida é uma paixão”, explica.*

1.4 - A LÓGICA DE MERCADO E AS TOFS NO BRASIL

O consumismo e o aspecto mercadológico do esporte também reforçaram esse conturbado cenário. A radiografia do futebol na atualidade indica que para a elite dominante atual que administra os clubes o espetáculo objetiva atrair expectadores consumistas e não apenas satisfazer os torcedores fiéis. Com isso, de acordo com Agostino (2002), “a perda da influência direta sobre o clube marca o início da marginalização do torcedor” (2002, p.235). No mercado capitalista do esporte os clubes perdem a afetividade e adquirem a fidelidade consumista do torcedor. E o mesmo interesse parece operar nas Torcidas Organizadas, caracterizadas nacionalmente pela

inexistência de vínculos com os times, traçando um perfil de burocratização e militarização, onde o objetivo é mais de crítica do que de apoio às equipes.

Nesse cenário, a estrutura mercadológica das TOFs torna-se bastante evidente e segue o modelo mercantil globalizado, começando a gerar renda que, segundo seus membros, é totalmente destinada à manutenção da Organização, com gastos em viagens, entre outros. Das TOFs que entrevistamos, a Cearamor demonstrou ser a mais organizada no aspecto estrutural e financeiro. No trecho a seguir, de um de seus dirigentes, de 27 anos, pode-se ter essa idéia:

"Existem pessoas que são funcionários das torcidas, né? Normal, carteira assinada e tudo. Existem outras pessoas que a gente faz uma política lá de loja, a gente faz política franqueada. A gente compra material do preço mais barato pra vender, certo? E essas pessoas, lógico, que se elas têm uma loja ninguém vai fazer uma loja só pra não ter fins próprios. E existe, tem o presidente, né, que ele ganha, ele ganha pra ser o presidente, que ele vive em função da torcida. Ele tem que ganhar da torcida mesmo, realmente. Existe mais dois, três funcionários, eu, no caso, sou diretor de caravana..."

Como se pode observar, é vasta e complexa a rede de relações que se constituem na organização dos grupos como as TOFs. Vários são os ingredientes que compõem tal fenômeno, porém a grande maioria dos autores concorda que o advento dessas formações ocorre em um momento de severas mudanças sociais e culturais em cenário nacional e isso, de certo, contribuiu para modelar o perfil destes grupos.

1.5 - VIOLÊNCIA URBANA, CONFLITOS E CRISE DA MODERNIDADE

Tomando como foco a violência praticada no formato delineado especialmente neste

século, partimos do princípio de que ela tem contribuído de forma imprescindível para as citadas mudanças comportamentais e posicionais da atualidade, não sendo possível assim, desvincularmos os eventos agressivos da complexidade de estilos de vida e situações existentes numa grande metrópole.

Toledo (1996) refuta a hipótese dos que concedem ao comportamento do torcedor aspectos de irracionalidade. Ele vê no embate entre os torcedores uma dramatização social e uma expressão ritualizada de práticas e representações do cotidiano. A partir daí, não há como dissociar o futebol moderno das grandes transformações pelas quais passou e ainda passa a vida urbana.

O aumento da violência criminal no Brasil, acima da taxa de crescimento da população, tem sido atribuído por especialistas ao elevado índice de urbanização entre os anos 50 e 80, à criação de grandes bolsões de pobreza urbana nas periferias das grandes cidades. Segundo Misse (2006), a violência também se associa "à enorme desigualdade econômica e social do país, à eclosão de um individualismo de massa nos grandes centros urbanos e à incapacidade dos aparelhos estatais da justiça de acompanharem essas transformações e modernizarem sua intervenção preventiva e punitiva". Assim, segundo ele, "as violências dizem muito sobre a complexidade de uma sociedade e sobre o estado em que se encontram suas instituições. Dizem mais ainda sobre o modo como a modernização vem se desenvolvendo em países pós-coloniais (...)" (Misse, 2006, p.106).

Essa multiplicidade de eventos dá forma ao agir das TOFs e à maneira com que elas se integram e atuam como grupalidades, uma vez que as colocamos aqui na categoria de grupos sociais. Tais eventos dizem muito sobre as condutas praticadas por seus membros, já que estas estão associadas à realidade brasileira e como as sociedades apreendem e lidam com suas transformações, seus valores, novos "ideais" e perspectivas.

Mas o que entendemos por violência é suficiente para rotularmos as condutas agressivas praticadas nas TOFs? Os perfis e as motivações daqueles que incidem em atos danosos nas TOFs possuem caráter singular daqueles que a cometem fora desse universo? O estudo em questão não nos permite associar, de forma direta, a violência às ações da TOCV. Pois enquanto presenciemos agressões em alguns momentos da Comandante Alvi Rubro, na mesma medida nos deparamos com comportamentos positivos e atitudes compatíveis com o cumprimento das normas necessárias a uma convivência social pacífica e equilibrada.

Propomos, então, a compreensão de que a agressividade expressa por alguns integrantes da TOCV e das TOFs em geral, pode estar relacionada às transformações complexas vivenciadas pelas sociedades; às relações conflituosas inerentes à multiplicidade de sujeitos e idéias; à intolerância na convivência com o diferente; ao desrespeito em relação ao processo de democratização da sociedade; à condição de desesperança e falta de perspectivas da juventude contemporânea (melhor expostos no 3º capítulo deste trabalho), dentre muitos outros fatores que surgem com o panorama mostrado acima.

Para Toledo (1996), é preciso reconhecer que sociabilidade e conflito estão imbricados em uma só dinâmica imposta pela competição esportiva. Se o futebol é um provedor de formas e padrões de sociabilidade na metrópole, ele também é, concomitantemente, a manifestação de conflitos, preferências, paixões, excessos e violências. “Seguramente o futebol apresenta inúmeros temas e dimensões das sociedades contemporâneas: política, organização burocrática, interesses econômicos, a expansão do fenômeno da violência urbana etc” (1996, p.100).

Reforça também que a sociabilidade engendrada pelo futebol impõe um jogo de diferenças sempre aberto a negociações, aos conflitos, aos imprevistos, ao possível, à violência, ao mesmo tempo de afirmação diante do outro. Desta forma, é impossível também excluirmos o fator violência das competições esportivas, por seu caráter de disputa

e embates. Estas são características das sociedades modernas ocidentais, de mercado, assentadas nos parâmetros da individualidade e de um liberalismo positivo (regras universais). O autor conclui dizendo: “não é à toa que o futebol se desenvolve primeiro neste tipo de sociedade” (Toledo, 1996, p.103).

Concordando com Elias (1990), acreditamos que os conflitos nascem das diferenças entre os seres humanos. São esses conflitos, ou seja, a impossibilidade de administrá-los, que fazem insurgir a agressividade entre as pessoas. E esse talvez seja um ponto chave na presente observação. Vale supor que em ambientes onde o respeito ao outro como detentor de direitos é desconhecido, ignorado ou mesmo fragilizado, maiores as possibilidades de intensificação dos conflitos. Junto a isso, faz-se necessário lembrar a necessidade da busca de auto-afirmação em meio a um conturbado cenário alienante e alienador, que obriga o sujeito à sua individuação sem proporcionar os meios viáveis a tal intento. Este é um papel que talvez as torcidas exerçam na vida desses jovens: “constituidora” de sujeitos ativos e reconhecidos socialmente.

Possivelmente habite na dificuldade de negociação desses conflitos o descontrole da agressividade nos grupos em geral e, em especial, nas TOFs. Essa impossibilidade de aceitar o diferente, de admitir sua existência, de almejar sua eliminação a todo custo, e de evitar a alteridade pode acarretar graves conseqüências no tecido social. É assim que a multiplicidade de idéias e o debate democrático dão lugar à intolerância e as possibilidades de entendimento se dissipam. Neste cenário, os diferentes tornam-se inimigos e não adversários, como já alertava a pesquisadora Ruth Vasconcelos (2007). Na realidade, a hierarquia e o respeito existentes intra-organização são inversamente proporcionais àqueles relacionados à torcida rival.

“Esta relação com o outro é sempre potencialmente ameaçadora e ao mesmo tempo fundadora. Ameaçadora porque coloca à tona a ambivalência do conflito e situações de violência contidas nos momentos de festas reuniões sociais, jogos. É fundadora porque cada

jogo instaura e reafirma a diferença simbólica entre torcedores”(Toledo, 1996, p.104-105). Assim, entendendo o conflito como algo imbricado nesse “jogo”, acreditamos que a incidência ou não de momentos que desembocam em atitudes agressivas e, por conseguinte, violentas perante os outros grupos vai depender em muito do tipo de identificação compartilhado pelo grupo, no que ele entende como mais relevante para si e nas possibilidades de negociação e enfrentamento das diversidades, que são vivenciados em coletividade.

Apesar de criticar alguns pontos relativos às conceituações entre agressividade e violência sob a óptica de Freud, a qual discutiremos mais adiante, Costa (2003) concorda num aspecto bastante pertinente para o caso citado: atribuir à “agressividade” toda a responsabilidade pelo aparecimento da violência da história e na cultura não convence. Para ele “o que existe é um instinto agressivo que pode coexistir perfeitamente com a possibilidade do homem desejar a paz e a possibilidade do homem empregar a violência” (Costa, 2003, p. 35).

1. 6 - ATUALIDADE DAS TOFs: NOVO CENÁRIO

Há cerca de 60 anos os estádios brasileiros são frequentados por torcidas organizadas de futebol. Poder-se-ia afirmar que as facções foram surgindo e se modificando através das gerações, criando uma divisão interessante. A já citada Charanga do Flamengo, fundada por Jaime de Carvalho em 1942, foi a “primeira geração” de torcidas organizadas do Brasil. Nos anos da repressão, veio a “segunda geração”, surgidas entre 1967 e 1970, mas ainda seguindo o modelo da primeira geração, não inovando, apenas tentando se afirmar num período difícil de cerceamento da liberdade. A “terceira geração” surgiu nos tempos da abertura, por volta de 1977 até 1983: é a última formação das grandes torcidas brasileiras (Monteiro, 2005, p. 77).

Como se pôde perceber, justamente nessa terceira geração muitas mudanças ocorreram no cenário nacional e o modelo de torcedores se transformou. Nesse novo quadro

pôde-se notar a forte presença dos delitos e atos violentos que envolvem os torcedores e a imagem negativa que esses conseguiram deixar no imaginário coletivo.

Uma das fortes impressões deixadas pelas Organizadas modernas e que parece caracterizar essa marcante transição está na fala de um de nossos entrevistados, ex-integrante e um dos fundadores da Torcida Inferno Coral na década de 80, principal Organizada da Equipe do Santa Cruz, do Recife, quando ainda se chamava Santa Amante. Hoje com 39 anos, ingressou na Torcida com 14 e permaneceu nesta por quase uma década. Afastou-se em 89 por motivos pessoais, até que foi convidado em 1990 para refundar a Organizada. A refundação ocorreu entre os anos de 1990 e 1992, com a fusão das Torcidas Santa Amante, Santa Amor e Guerrilheiros Tricolor, resultando na então Inferno Coral. Um ano após a nova formação decidiu deixar o grupo.

Ele nos conta que um dos motivos de sua desistência foi a mudança de filosofia, a disputa de poder que ali havia. “O pessoal não via mais o jogo... Muita briga, muita confusão”, afirma. Seu pensamento reflete um pouco do já expresso aqui, quando associa as mudanças nas TOFs às transformações sociais. “As torcidas mudaram. A sociedade tornou-se mais violenta. A violência no futebol é concomitante com o processo de violência na sociedade, o tráfico e o crime organizado”, opina.

Diz que nos 10 anos de Santa Amante, nunca teria visto ninguém fumar maconha. “As torcidas eram compostas por estudantes que iam aos estádios para torcer, para se divertir, diferentemente dos dias atuais”, afirma. E é ainda mais enfático: *Jamais colocaria meu filho em Torcida Organizada, são gangues e se comportam como tal*”.

Reforça ainda o dito anteriormente por Pimenta: “Vi a Força Jovem e a Inferno cantando canções militares... Refletem a militarização; andam em colunas duplas como um agrupamento militar realmente”, afirma o ex-integrante que por dois anos serviu ao Exército. Ele atribui essa característica à forte influência do crime organizado. “Elas surgem mais violentas

na década de 90 e florescem quase que análogas ao crime organizado... Não adianta extinguir, não resolve... Tem que fazer trabalho de investigação pra extinguir...”, afirma.

O ex-integrante cita também o trabalho feito com os Hooligans na Inglaterra como forma de minimizar essa violência, com a utilização de câmeras nos estádios e o levantamento das fichas dessas pessoas. De acordo com o ex-integrante, essa seria uma das medidas, uma vez que “eles se apóiam na certeza da impunidade”. Mas reconhece a importância das TOFs para os clubes. Enfoca as demonstrações de amor ao clube, os cânticos, as coreografias, porém faz uma ressalva: “muitas não são TOFs, são gangues, que têm de ser afastadas. Tem que ter trabalho judicial, policial e social”, complementa.

Demos relevante atenção a esse depoimento devido ao fato de o entrevistado possuir a visão de quem participou, de certa forma, de dois momentos das TOFs e de quem também sofreu por conta da violência. No ano de 2000, na decisão do terceiro turno entre Santa Cruz x Sport, quando o Sport já havia praticamente vencido o turno e a torcida do Santa Cruz não era significativa na partida, afirma ter sido agredido, juntamente com mais cinco colegas ao sair do estádio.

É fato que a violência é um fenômeno que não pode ser desprezado nesse meio, mas não é particular, está no seio da sociedade, transversaliza-se com muitas temáticas, caminha com a complexidade inerente a uma nova época e se expande por outros campos sociais, refletindo, inclusive, no atuar das TOFs. Deixemos claro aqui que não nos cabe provar a veracidade da relação entre as TOFs modernas e o processo de militarização no Brasil, tampouco problematizar sobre o Crime Organizado. Pois, da mesma forma que temos opiniões como as de Pimenta (1997), que afirma possuírem as TOFs influências do período militar, deparamo-nos também com idéias como as de Toledo (1996), de que as TOFs surgiram exatamente para se contraporem ao cerceamento da liberdade, imposto pelo militarismo. De forma imparcial pretendemos, com tais exposições, mostrar a multiplicidade de idéias e vertentes inerentes a essas formações que torna seu entendimento tão complexo e diversificado.

Cabe- nos, então, apenas buscar os elementos que se assemelham nas assertivas dos autores e depoimentos dos componentes, para avaliar os impactos e significações que esses dão ao pensamento e à práxis das formações de TOFs modernas. Uma vez que tais ações e discursos fazem parte da prática desses grupos, de como eles refazem suas realidades a partir de elementos advindos de suas interações. Esse é o fator básico para a compreensão etnometodológica, que nos propomos realizar.

1.7 - PERFIL E REALIDADE DAS TOFs BRASILEIRAS

Outro aspecto bastante curioso no Brasil, diferentemente do ocorrido na Europa, Inglaterra e Alemanha em especial, é a questão da ideologia, ou melhor, da falta de ideologia precisa para se justificar as agressões nos campos de futebol; fator esse reforçado pelo rabino Henry Sobel (2007): “Não existe no Brasil um problema de anti-semitismo como tem na Europa e mesmo em alguns países da América Latina. O que acontece são atos isolados” (Sobel, 2007, p. 2).

Na mesma direção, Pimenta (2004) verifica que o que diferencia o hooliganismo dos demais movimentos de torcedores organizados é a afinidade político-ideológica de extrema direita e a quase ausência de burocracia na organização. Não possuem uma estrutura com quadro associativo e registro formal em cartório, como as torcidas organizadas brasileiras. Além disso, não aceitam candidatos com posturas e estilo de comportamento diferente dos adotados pelo grupo (2004, p.255). O perfil da violência entre torcedores no Brasil é diferente do de outras regiões do mundo, uma vez que é moldada por uma realidade política, econômica e cultural diferenciada. É praticada conforme as características particulares a uma dada sociedade. É marcado por um estilo próprio de desenvolvimento, por lutas e conquistas diferenciadas, uma exclusão social intensa e aspectos bastante peculiares.

Nas Organizadas brasileiras não existem restrições ao ingresso: o negro, o branco, o pobre, o rico, jovem ou não, todos são admitidos como torcedores. Na TOCV, mais especificamente, pode-se constatar a presença de policiais, estudantes, comerciários dentre outros que reforçam o aspecto heterogêneo do grupo. Assim, para muitos as torcidas organizadas podem possuir um papel que vai além do proposto, como um ambiente de (re) construção de suas identidades e fortalecimento de suas relações sociais. Sem ideologia clara, cada integrante pode agregar sentidos e expectativas à TOF pertencente, o que vai depender das singularidades da formação e das “necessidades” de cada membro.

Na interação com os demais, o indivíduo pode encontrar coesão e sustentabilidade, sensações que talvez não possua na vida em sociedade ou no meio familiar. Como afirma Pimenta (1997) “a violência entre as Torcidas Organizadas também permeia a rede de relações formada por um tecido social débil. A maioria dos filiados às Torcidas Organizadas é de jovens, em média de 13 a 22 anos de idade, e buscam a construção de suas identidades sociais” (Pimenta, 1997, p.21).

Da mesma forma, Toledo (1996) apresenta seu diagnóstico: “O futebol, sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão-somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um estilo de vida próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada torcida, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano (...) Desta forma, pode-se afirmar que a experiência de muitos daqueles que integram e vivenciam uma Torcida organizada com o futebol não se restringe tão somente à lógica do binômio tempo de trabalho - tempo livre” (Toledo, 1996, p. 114).

Como já assinalamos, o caráter de burocratização tem contribuído para a mudança de comportamento do Torcedor, sendo isto o que diferencia as TOFs brasileiras das demais

do mundo. O cenário mundial futebolístico sofreu fortes modificações após a acentuada mercantilização entre os jogadores e equipes. A qualificação dos times para Clube/Empresa favoreceu uma estrutura montada para o mercado, como já dito, que anteriormente não existia, e os jogadores passam a ser negociados como mercadorias. Estes profissionais, que anteriormente eram identificados por estarem em seus “times do coração” e nestes fizeram carreira (exemplo Rogério Ceni, goleiro do São Paulo; Danrlei, goleiro do Grêmio, Pelé, do Santos e Zico, no Flamengo, que passaram mais de 10 anos num clube), hoje se deparam com a idéia da mudança constante nos clubes a partir da venda de seus passes. Esse caráter burocrático, que ocasiona um maior distanciamento torcedor/clube, e o troca-troca de times pode influenciar também no comportamento do torcedor brasileiro que, normalmente, é fiel à sua equipe e não se conforma com a perda acentuada de jogos. O que não justifica, é claro, reação violenta por parte do time perdedor.

Muitas vezes, quando não se consegue reverter a má fase, vem a revolta e conseqüentemente, as depredações, agressões, as ameaças; a não aceitação diante de resultados negativos etc. A partir daí o amor se transforma em ódio. A soma de muitos fatores com os quais os torcedores têm de lidar constantemente pode despertar os impulsos agressivos. O indivíduo, no grupo, expressa a agressividade a partir do momento em que expõe seus sentimentos e traços mais inibidos.

De acordo com Monteiro (2003), as torcidas organizadas expressam seu descontentamento de diversas formas e com diversos graus de intensidade, desde a simples vaia até a agressão física a dirigentes e jogadores ou mesmo contra o patrimônio dos clubes e o aparelho público urbano. Em sua pesquisa sobre uma das mais importantes Torcidas do Flamengo, a Raça Rubro-Negra, Monteiro (2003) explica que a agressão pode ser um dos instrumentos utilizados pelas TOFs para demonstrar descontentamento com o time.

Nos comentários feitos a partir do apanhado teórico do sociólogo Georg Simmel e do psicanalista Sigmund Freud, expressos no quarto capítulo deste trabalho, constatamos

que os atos de violência física em grupo são praticados pela “vontade coletiva”. O sujeito inserido em um grupo é influenciado por diferentes estímulos e age de maneira oposta àquela individual. O que faz Augusto de Sá (2007), acreditar que “esses jovens reunidos sejam capazes até de matar uma pessoa em um ritual de crueldade, o que normalmente não fariam se estivessem sozinhos” (Sá, 2007, p. 6).

Então, porque muitos desses torcedores chegam a organizar brigas e enfrentamentos nos estádios, às vezes até regularmente, via internet, através de Blogs, Sites e outros sítios virtuais? Por que tais ações são, muitas vezes, premeditadas por indivíduos quando ainda encontram-se fora da coletividade? Costa (2003) ressalta que o ato de violência premeditada é a maior prova de que a violência não está necessariamente vinculada ao emocional. Nesses casos, diz ele, não é impossível creditar ao excesso de emotividade e à perda do controle emocional a responsabilidade pela violência, como é impossível dissociá-la da razão. O ato calculado de violência não dispensa a razão: ao contrário, solicita-a. (Costa, 2003, p.37)

Sá (2007) nos traz um ponto importante sobre a discussão. Para ele a massificação não acontece somente quando a pessoa está no meio das demais. A massificação é tomada de um sentimento sempre que algo se relaciona ao tema da paixão que as une, que pode ser uma ideologia, um gosto musical ou um time de futebol. Reforça que, no caso do futebol é uma coisa abstrata, pois a relação é com o símbolo e não com jogadores ou a forma de jogar da equipe. E prossegue afirmando: nos casos que não envolvem a violência de caráter ideológico, como parece ser a praticada por torcedores brasileiros, “a melhor maneira de evitar a violência dos grupos é a conscientização de pessoas sobre as circunstâncias que levam à massificação, momento em que agem movidas por um ímpeto comum e não por razões próprias” (Sá, 2007, p. 6).

Em levantamento feito por entidades européias sobre as causas da violência antes, durante e depois dos espetáculos esportivos, encontramos razões como: exibicionismo

para os meios de comunicação; consumo de álcool e drogas pelos assistentes; grandes massas em contraposição a espaços reduzidos; atitudes e manifestações de dirigentes; tensão reprimida dos expectadores; anonimato nas massas populares; leis inadequadas; a não separação de torcidas rivais; descontrole na venda de ingressos; permissão para entrada de objetos que podem ser lançados; paixão pelas equipes em disputa; público próximo aos atletas; erros dos árbitros; policiamento precário; passividade anterior pelas autoridades e dirigentes esportivos, entre outros (Tubino, 2001).

Mas seria insuficiente o apontamento dessas proposições sem se reconhecer um indicador essencial para a análise, e que é base para o raciocínio do texto em execução, como veremos adiante: o atual processo de fragilização das identificações, a falência dos níveis de sociabilidade existentes nos grupos e entre seus atores, decorrente das transformações sociais em curso, que adentram no universo coletivo. Assim, não só os fatores diretamente relacionados ao esporte devem estar aqui notificados; mas ainda aqueles exteriores às praças esportivas e que produzem o indivíduo enquanto agente responsável e produtor da sua realidade.



CAPITULO II

2 - AS TORCIDAS ORGANIZADAS COMO UM GRUPO SOCIAL

Nosso intuito neste capítulo é investigar mais a fundo a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro para que possamos entender o funcionamento e a sociabilidade do grupo. Feita uma introdução a respeito do contexto ao qual estão vinculadas as TOFs, vale agora destrincharmos o funcionamento da TOF em questão, iniciando por localizá-la a partir da conceituação dos agrupamentos presentes na sociedade. Como pensa o professor Pedro Alves, o agrupamento é próprio da natureza humana. A espécie humana necessita da vida em sociedade para sobreviver. Por isso, os indivíduos formam e participam durante sua vida de variados agrupamentos. Dentre os principais estão a *Massa*, o *Público*, a *Multidão*⁷ e os *Grupos Sociais*.

Daremos maior atenção à categoria de Grupos Sociais por entendermos que esta nos desperta superior interesse e sobre a qual trataremos neste trabalho. Os Grupos Sociais são o tipo de agrupamento cujas características estão vinculadas as formações de Torcidas Organizadas. A razão disto, segundo Alves, é que “os grupos sociais são uma reunião de duas ou mais pessoas, associadas pela interação, e, por isso, capazes de ação conjunta, visando atingir um objetivo comum”. (Alves, p.10) Os mais conhecidos são a família; o grupo vicinal – vizinhança; o grupo educativo – escola; o grupo religioso –

⁷⁾ Alves define Massa dando como exemplo as “pessoas que assistem ao mesmo programa de televisão, vêem o mesmo anúncio num cartaz ou lêem em casa o mesmo jornal. A massa é formada por indivíduos que recebem, de maneira mais ou menos passiva, opiniões, que são veiculadas pelos meios de comunicação de massa” (ALVES, p.11). A massa não obedece a normas, sua formação é espontânea e consiste num agrupamento grande de pessoas desconhecidas. A partir desse pensamento, podemos notar que os grupos de TOFs não se encaixam no conceito de massa, como muitos acabam pensando.

O Público, segundo o autor, “é um agrupamento de pessoas que seguem os mesmos estímulos. É espontâneo, amorfo, não se baseia no contato físico, mas na comunicação recebida através dos diversos meios de comunicação teatral formam o público. Todos os indivíduos que compõem o público recebem o mesmo estímulo.”

Já a Multidão, para ele, é caracterizada pela falta de organização. “Apesar de poder ter um líder, a multidão não possui um conjunto próprio de normas, e seus membros não ocupam posições definidas no agregado” (ALVES, p. 10). A multidão é anônima, ou seja, as características pessoais de seus componentes não importam; possui objetivos comuns; são indiferenciados, os membros da multidão são iguais; e há proximidade física, uma vez que seus componentes se aproximam uns dos outros, com contato direto e temporário. “Um grupo de pessoas observando um incêndio ou um grupo que se encontra na rua para brincar o carnaval são exemplos de multidão” (ALVES). Mas apesar de essa categoria de agrupamentos sociais se assemelhar aos aspectos das TOFs e, muitas, vezes estar presente nos estudos sobre as torcidas, a falta de organização que o caracteriza é pontual para a excluirmos de tal raciocínio.

Igreja; grupo de laser – clube ou associação; o grupo profissional – empresa e o grupo político – Estado, partidos políticos.

Esses grupos coincidem nos seguintes aspectos: 1 - pluralidade de indivíduos, ou seja, na permanência do coletivo; 2 - na interação social que o grupo proporciona; 3 - na comunicação; 4 - na Organização (na qual estão assentadas); 5 - na objetividade e exterioridade – os grupos sociais são superiores e exteriores ao indivíduo; 6 - no conteúdo intencional ou objetivo⁸; 7 - na consciência grupal - maneiras de pensar, sentir e agir próprias. Sobre este aspecto Alves destaca que “existe um sentimento mais ou menos forte de compartilhar uma série de idéias, de pensamentos, de modos de agir; um exemplo disso é o torcedor que, quando fala da vitória de seu time, diz: ‘Nós ganhamos’” (Alves, p.10)). Tais grupos também se caracterizam pela continuidade - grupos que têm certa duração.

Esses mesmos grupos são classificados ainda em Grupos primários e Grupos secundários. Os Grupos primários são “aqueles em que predominam os contatos primários, isto é, os contatos mais pessoais, diretos, como a família, os vizinhos. Os Grupos secundários são os grupos sociais mais complexos, como as igrejas e o Estado, onde são reforçados os contatos sociais que são realizados de forma pessoal e direta – mas sem intimidade – ou de maneira indireta, através de cartas, telegramas, telefone etc (Alves). Nesta passagem podemos notar mais um exemplo de socição, onde os contatos são realizados por meio das interações e relações diretas e por meio de objetivos em comum.

Mas existem também os grupos intermediários, onde as formas de contatos sociais, primárias e secundárias, se alternam. Creditamos a esse último, os grupos intermediários, o lugar das TOFs, uma vez que nela subsistem ambos os tipos de contatos, aquele amigável, mais íntimo e, ao mesmo tempo, têm de se relacionar também de maneira formalizada como Organização legalizada e hierarquizada que prima por suas regras internas e seu ordenamento.

⁸ Destacamos que as TOFs unem-se em torno de certos valores.

Encontramos também em Freud uma outra classificação dos tipos de grupos que se diferenciam entre Artificiais e Efêmeros. Os Artificiais são do tipo Igreja e Exército; e os Efêmeros são os grupos momentâneos. O fato é que, se analisarmos sob essa perspectiva, as TOFs não firmam suas bases num lugar único e fixo. Sua atuação é mutável, inconstante. Sua formação e características oscilam com frequência entre as duas categorias aqui colocadas, pois as torcidas possuem uma organização e hierarquia, a exemplo dos grupos artificiais que têm uma permanência no tempo e, ao mesmo tempo, agem como se não os tivessem nos momentos em que atuam, nos momentos mais célebres de sua existência, nos campos de Futebol, quando realizam o ato de torcer. Pois tudo o que é vivido e sentido dentro de um estádio de futebol normalmente é passageiro e fugaz, portanto se enquadram na categoria de grupos efêmeros. As emoções vividas nesses ambientes são bastante diferentes das vivenciadas no dia-a-dia dessas pessoas, apesar de fazer parte substancial da mesma.

Frente a estas categorizações, assumimos a posição de que as TOFs são Grupos Sociais Intermediários, que têm aspectos de grupos artificiais e efêmeros, que abarcam, ainda que parcialmente, a realidade dessas organizações e as flexibilizam. Vejamos a seguir como nasceu a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, nosso objeto, e o percurso seguido por seus membros nesses 15 anos de existência.

2.1 - CLUBE DE REGATAS BRASIL

A Comando Alvi Rubro nasceu da paixão dos torcedores pelo Clube de Regatas Brasil - CRB. De acordo com os registros do Museu dos Esportes de Alagoas, em 1911, o CRB fundara-se, inicialmente, como Clube Alagoano de Regatas. Uma agremiação totalmente vazia de meios para cumprir o seu destino. A jóia era de um mil réis, e a mensalidade de quinhentos mil. Sua sede era situada na rua do comércio, 138, Centro. Apesar de se chamar Clube Alagoano de Regatas, não possuía yoles nem baleeiras, nem remadores.

Entre seus fundadores estavam o jovem Lafaiete Pacheco, Antônio Bessa, Celso Coelho e Alexandre Nobre. O primeiro procurou junto aos companheiros, um aumento nas mensalidades, mas a idéia não foi aceita pela maioria. Desse mal entendido, nasceu o CLUBE DE REGATAS BRASIL.

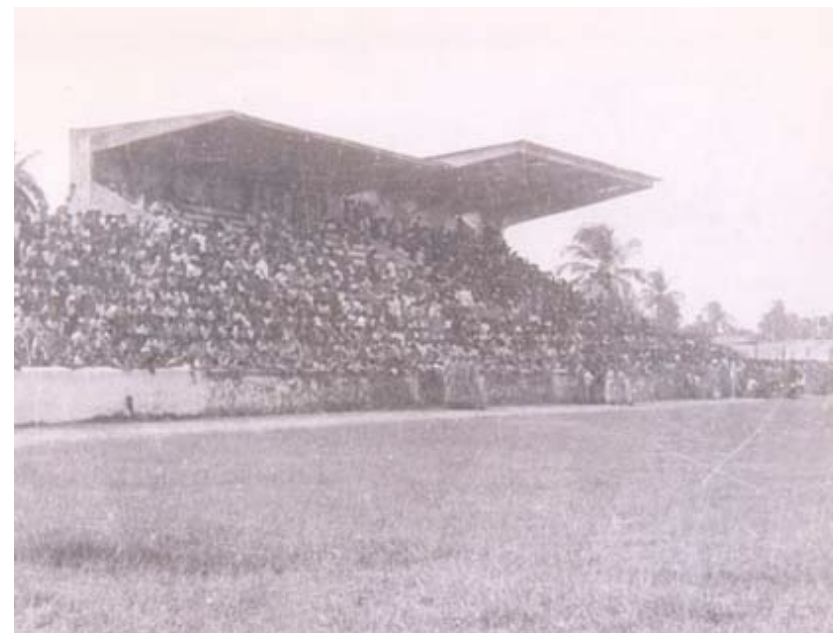
Lafaiete Pacheco, autor da idéia, juntamente com Antônio Viana e mais sete rapazes fundaram o novo clube em Alagoas. Na rua Jasmim, ainda na Pajuçara, no dia 20 de setembro de 1912 foi fundado o CLUBE DE REGATAS BRASIL, com o lema - Esporte pela Pátria Forte. Além de Lafaiete Pacheco e Antônio Vianna, assinaram a ata de fundação os seguintes desportistas: João Luiz Albuquerque, Waldomiro Serva, Pedro Claudino Duarte, Tenente Julião, Agostinho Monteiro, Francisco Azevedo Bahia e João Vianna de Souza. Seus primeiros passos foram dados na regata. Por meio de Lafaiete Pacheco, o CRB comprou sua primeira yole em Santos. Cada sócio fundador contribuiu com cem mil réis e os outros cem foram tomados emprestados. Duzentos mil réis foi o valor da yole. O dinheiro foi remetido através do Banco de Pernambuco e a yole pelo navio Itapetinga. A primeira garagem foi no quintal da casa de Antônio Vianna, um dos fundadores (Museu dos Esportes, 2009).

O futebol foi introduzido na vida do CRB através dos irmãos Gondin juntamente com Lauro Bahia, José Leite e Abelardo Duarte. Começaram jogando "rachas" no meio da rua e logo sentiram a necessidade de trocar as ruas por um local mais adequado para a prática do novo esporte. O lugar escolhido foi o mesmo onde hoje se encontra o estádio Severiano Gomes Filho, no ano de 1916. O terreno pertencia à dona Maria Torres que o arrendou ao CRB por trezentos mil réis. Era um terreno com altos e baixos. Foi necessário que os dirigentes, jogadores e torcedores trabalhassem para transformá-lo num campo de futebol⁹.

O clube possui muitos títulos em seus arquivos. São títulos que não foram conquistados apenas no futebol. Muitos troféus se devem ao esporte amador. O voleibol, o

⁹ Todas as informações contidas neste tópico estão referenciadas no site www.museudosesportes.com.br

basquetebol, o futebol de salão, que já inscreveram páginas memoráveis e inesquecíveis. O CLUBE DE REGATAS BRASIL foi campeão da cidade nos anos de 1927 - 1930 - 1937 - 1938 - 1939 - 1940 - 1950 - 1951 - 1961 - 1964 - 1970 - 1973 - 1977 - 1978 - 1979 - 1983 - 1986 - 1987 - 1992 - 1993 - 1995.



Estádio Severiano Gomes Filho – Pajuçara / crédito: Museu dos esportes

Em 1917, na gestão de Pedro Lima, começaram as obras de construção do Estádio propriamente dito - as arquibancadas de madeira. Haroldo Zagalo, pai de Mário Jorge Lobo "Zagalo", ex-jogador e técnico da seleção brasileira, transmitiu seus conhecimentos para os jogadores, assim como um alemão chamado Peter juntou-se à turma, fazendo avançar o futebol na Pajuçara. Até o ano de 2008 era o único representante alagoano no cenário futebolístico nacional, disputando o Campeonato Brasileiro Série B. Atualmente o CRB disputa a série C do Campeonato Brasileiro.



Museu dos esportes – Fundador Lafaiete Pacheco

De acordo com a fonte citada, o futebol chegou em Alagoas no ano de 1908, por estudantes alagoanos que faziam seus cursos superiores no Recife e em Salvador. Entre esses estudantes se encontravam Manoel de Melo Machado, que cursava medicina na Faculdade de Salvador. Vindo a Maceió em férias, ele convocou amigos acadêmicos de medicina e direito para formar o Alagoano Foot Ball Club. Como aconteceu com a inserção do futebol no Brasil, novos interessados foram surgindo e o futebol passou a ser disputado quase que exclusivamente pela elite. Com o tempo, as “peladas” começaram a ser praticadas também pelos menos favorecidos economicamente, iniciando, assim, a íntima relação que tem hoje o alagoano com o futebol.

2.2- COMANDO ALVI RUBRO

A Comando Alvi Rubro nasceu como Comando Vermelho em 11 de agosto de 1993, um ano após a criação da maior rival, a Mancha Azul, da vontade de quatro amigos em formar uma torcida que pudesse “empurrar” o CRB em campo, proporcionando um espetáculo para aqueles que assistem aos jogos. Desde então o grupo foi crescendo, conquistando cada vez mais adeptos e se tornando um dos maiores do estado de Alagoas. Seu nome, segundo um dos dirigentes, surgiu da idéia de aglomerar uma massa de pessoas comandadas – daí viria a expressão COMANDO. O adjetivo VERMELHO derivaria das cores da equipe Alvi Rubra, formada também pelo branco. O grupo tem como símbolo o desenho de uma caveira, alusão feita, segundo ele, à idéia da morte. O que comunga também com o lema introduzido entre os torcedores: “CRB até a morte”¹⁰.

Como afirmamos, as duas principais torcidas do Estado tiveram suas atividades temporariamente suspensas em novembro de 2005. A partir daí a torcida do Clube de Regatas Brasil (CRB) trocou de nome e passou a se chamar Grêmio Recreativo Social e Cultural de Torcida Organizada Comando Alvi Rubro. De acordo com a Diretoria, a mudança na nomenclatura da Organizada foi essencial para a existência jurídica do grupo. Como as duas torcidas foram impedidas naquele ano de usarem seus adereços e materiais nos campos de futebol, eles foram obrigados a legalizá-la sem seu nome de formação, até então Comando Vermelho.

Durante nossa pesquisa de campo, que se prolongou por sete meses, a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro passava por uma série de mudanças. Sua sede foi transferida, e ainda em obras, dava início ao cadastramento de seus integrantes. Para o novo local estava prevista a criação de uma Lan House com vistas a informatizar os trabalhos, juntamente com a instalação de uma loja onde se comercializaria artigos da Organizada, já em funcionamento. Ao todo a Torcida possuía cerca de 2.500 associados antes da mudança de nomenclatura.

¹⁰⁾ Ver imagem na página 141, capítulo 5.

O presidente e o vice-presidente assumem o cargo por um período de seis anos. Só podem concorrer às chapas os associados e só têm direito a voto os sócios em dia com o pagamento das mensalidades. O presidente da Organizadora dedica-se exclusivamente à torcida, devido às atividades administrativas realizadas pela Diretoria; enquanto que seus componentes fazem parte dos mais diversificados universos profissionais. Como já dissemos, a heterogeneidade dentro do grupo é imperativa e flagrante.

Além das 12 diretorias já instituídas, no ano de 2007 foi formada também uma nova que abarca os projetos sociais do grupo. Os dirigentes fazem questão de ressaltar que pretendem, com essa nova iniciativa, melhorar a imagem que a sociedade tem sobre a TOCV. Eles afirmam investir na realização de eventos beneficentes que possam arrecadar alimentos e roupas para serem doados a comunidades carentes da capital alagoana.

Fazem uma advertência no tocante às imagens e aos textos inseridos nas páginas eletrônicas, comunidades em sites de relacionamentos, como o *Orkut* e *Flogs*¹¹, que mostraremos no último capítulo deste trabalho. Segundo os dirigentes, a Torcida não se responsabiliza pelo que é incluído nesses sítios. Ressaltam que, muitas vezes, os próprios integrantes ajudam a construir a imagem que existe hoje desses grupos. "Aí não é a toa que você chega no Flogão e vê uma foto lá com dois caras com revólver na mão, aí você fala que é a torcida, mas não é? (integrante de 21 anos)... Às vezes eles entram nos sitezinhos de arma, pega as fotos, meio mundo de fuzil, meio mundo de granada e bota no flog. Faz uma montagem..." (integrante de 29 anos).

A Diretoria reafirma que o objetivo do grupo está longe do tema violência. De acordo com seus dirigentes o intuito é unir pessoas com o mesmo propósito: a paixão pelo CRB, incentivar a equipe na arquibancada. "A gente tá lá por uma paixão, o que a gente puder fazer pelo clube a gente faz. Uma campanha pra ajudar o clube, se for pra cobrar

¹¹ Ver nos anexos I e II as páginas eletrônicas.

a gente cobra, se for pra ajudar a gente ajuda. Porquê, na verdade, a nossa paixão é o clube, né?"(integrante de 29 anos).

2.3 - OPERACIONALIZAÇÃO DA TORCIDA ORGANIZADA COMANDO ALVI RUBRO

Nos dias de jogos a TOCV tenta fazer um trabalho integrado com a Polícia Militar de Alagoas para evitar transtornos. As Organizadas dos clubes que vão atuar reúnem-se antes da partida para traçar um esquema que procure evitar o confronto entre os integrantes das TOFs rivais e os ajude a chegar ao Estádio com segurança.

"Porque a rivalidade existe em todos os meios. Tanto no futebol, como na Capoeira, no Judô, qualquer esporte, até mesmo dança existe uma rivalidade. Qualquer coisa existe rivalidade. A gente procura o quê? Seguir uma meta pra poder não se encontrar as duas torcidas. Pra poder evitar o máximo possível o confronto. Porque a gente tá pra fazer a festa na arquibancada e não pra se matarem, né?" (um dos diretores)

Em dias de clássico a torcida se reúne na sede e segue em direção ao campo, acompanhados por duas viaturas da PM. A trajetória seguida pela Comando é traçada de forma a evitar o encontro com os torcedores da Mancha Azul. Normalmente eles seguem pela orla marítima até a entrada do Estádio Rei Pelé (onde comumente são realizados os clássicos entre CSA x CRB). Os membros afirmam que, quando ocorrem incidentes graves entre os torcedores, agressões físicas, a Diretoria normalmente não consegue identificar o agressor. Não tem o controle de tudo o que acontece. Foi citado, na oportunidade, um confronto que ocorreu no bairro Feitosa, onde o Ônibus em que estava a TOCV foi apedrejado, segundo eles, por torcedores do CSA. Um regatiano veio a falecer nesse incidente, vítima de tiro. Essa questão pôde ser problematizada com a fala de um jornalista esportivo de um dos jornais de circulação de Maceió:

"...seus líderes [das organizadas], que normalmente são pessoas mais sensatas e de boa índole, não têm controle sobre a massa de jovens integrantes das organizadas, até porque existe o fator econômico embutido aí também. As organizadas vendem material ligado à sua marca, então acho que a preocupação com quem compra e quem entra é um caso a se pensar, pois a organizada quer lucrar, não importa como. Só sei que eles não têm controle, infelizmente", ressalta. (Jornalista esportivo)

A preocupação em evitar fatos como esse foi novamente vista às vésperas do primeiro clássico estadual no Campeonato Alagoano de 2008, realizado em 23 de março, quando o Comando de Policiamento do Interior reuniu-se com representantes e integrantes das torcidas do CSA e CRB, para apresentar os detalhes do plano de segurança para a partida. O jogo foi disputado em Arapiraca devido à impossibilidade de liberação total das dependências do Estádio Rei Pelé. Parte da imprensa caracterizou os preparativos como "Uma verdadeira operação de guerra"¹², uma vez que os torcedores ligados às duas torcidas seriam monitorados desde a saída de Maceió, seguindo rotas diferenciadas, até a entrada do estádio Estádio Coaracy da Mata Fonseca, no agreste alagoano.

Sobre o assunto, o membro da Diretoria afirma: *"Nem eu nem ele [refere-se à diretoria da Mancha Azul] quer que haja o confronto. A gente já sentou pra almoçar, pra discutir sobre torcida. A gente procura o quê, evitar o máximo possível o confronto".*

2.4 - RELAÇÕES E ALIANÇAS ENTRE AS TOFS

A relação da Comando Alvi Rubro com o Clube de Regatas Brasil é aparentemente amistosa. Porém, a Diretoria faz questão de enfatizar que a torcida é independente e não recebe

¹²⁾ Expressão utilizada no portal www.esportealagoano.com.br (ver anexo)

regalias do time. A única concessão seria o desconto de 50% na compra dos ingressos.

A Comando possui alianças com torcidas em praticamente todo o território nacional, principalmente no nordeste. Como afirmamos, tivemos a oportunidade de participar, através de observação participante, das comemorações dos 14 anos da TOCV, realizada no campo que pertence ao CRB, no Bairro Pajuçara. Conversamos com membros de algumas das "aliadas" dos regatianos, como a Cearamor, Torcida Organizada da equipe do Ceará, Esquadrão Colorado, do time do Sergipe e Fanáticos, do Náutico de Pernambuco, e notamos que a intensidade das relações é recíproca. As torcidas se ajudam de forma semelhante nos locais onde seus times atuam.

Apesar de o clube visitante, no caso o Ceará, ter vencido o CRB no dia anterior por 4 x 0, o relacionamento era bastante amistoso entre os grupos. Um dos diretores da Cearamor ressalta:

"Uma coisa que é bom salientar, que quando o CRB vai jogar em Fortaleza, no caso agora, agente foi com 70, 80 pessoas... A gente foi pro jogo e não foi ninguém do CRB. A gente como torcedor do Ceará, a gente foi prestigiar o CRB lá no PV¹³. E graças a Deus o CRB chegou à vitória, né? Se tivesse aqui, né?... acho que eles fariam a mesma coisa pela gente". (fala de Diretor)

2.5 - O PREDOMÍNIO JUVENIL NAS TOFS

Como pudemos ver, as características que dão à TOCV formato de grupo social estiveram presentes nessa breve apresentação do objeto estudado. Embora esteja longe dos padrões de organização e estabilidade de torcidas maiores e mais representativas, como a já citada Cearamor, a Comando representa bem a pluralidade de indivíduos, que forma o coletivo; a organização, hierarquização e objetividade necessárias a essa

¹³⁾ Estádio Presidente Vargas, pertencente à Prefeitura Municipal de Fortaleza. Está localizado na Rua Marechal Deodoro, 1187, Ceará.

categoria, no envolvimento com um objetivo comum, e pela continuidade que marca o grupo. Outro aspecto que reforça a coletividade em questão é a constatação da forte presença de jovens entre os membros da TOF. O que nos fez despertar para uma questão pertinente: a necessidade de se investigar mais a fundo a categoria de juventude, o que pode contribuir para o entendimento do objeto proposto. Deixemos claro que essa predominância de jovens está na grande maioria das TOFs e foi reconhecida também na Comando Alvi Rubro.

É necessário relatarmos que grande parte dos entrevistados durante a pesquisa e nossa observação participante é de pessoas inseridas na faixa etária de 15 a 25 anos, o que nos leva a imaginar que a busca pela caracterização da juventude pode dizer muito sobre essas formações e sobre o caráter que elas têm hoje, principalmente em tempos de crise de valores, como introduzido no primeiro capítulo, onde os jovens são os que mais sofrem com tal realidade.

Portanto, dedicamos o próximo capítulo ao tema da juventude brasileira. Seus anseios, seus aspectos transitórios e permanentes, sua comunicação, suas formas de identificação, suas marcas, o papel da agressividade e da violência, a sociabilidade, suas angústias, aliado ao contexto esportivo e ao valor que este tem em suas vidas. Uma vez que o objetivo deste trabalho é conhecermos a realidade das TOFs, em especial, da TOCV, faz-se imprescindível adentrarmos no universo dos jovens, parcela majoritária nesses grupos.



CAPITULO III

3 - JUVENTUDE E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Como afirmamos, a abordagem do tema Juventude torna-se importante para o estudo que realizamos, na medida em que as TOFs são, em sua maioria, formada por jovens e a compreensão desta categoria social passa a ser crucial para o conhecimento desta coletividade e da Sociabilidade que os constitui.

Sabemos não ser possível delimitar um perfil exato desse grupo, que possui características tão complexas e heterogêneas. Porém, a discussão sobre alguns elementos que compõem sua dinâmica torna-se fundamental para a compreensão do comportamento deste, isso porque na maior parte dos estudos relativos à questão, seja ela inserida em grupos constituídos ou não, sempre estão presentes os elementos de Masculinidade, Conflitos, Violência e Identidade. Possivelmente, assim, a vida grupal, e em especial nas TOFs, poderá ser melhor apreendida. Seguindo esse caminho analítico, onde identificamos essas dimensões, temos mais chances de entender a dinâmica da vida grupal, em especial, das TOFs.

3.1 - IDENTIDADE SOCIAL E ATUALIDADE JUVENIL

Durante a pesquisa de campo tomamos vários depoimentos pontuais para análise. Um deles foi o do garoto que iremos chamar de SJ, base da presente elaboração reflexiva. No momento da entrevista ele trabalhava há mais de um ano na loja oficial da Comando Alvi Rubro, porém compunha o quadro de associados da torcida desde 2002. O jovem de 18 anos ingressou no grupo com 12 e o mesmo reconhece que a torcida foi uma referência durante toda a sua adolescência.

Veremos, a partir do seu depoimento, como em sua postura demonstra sentir-se membro do grupo, ao tempo em que expressa reflexividade com relação ao seu reconhe-

cimento enquanto membro da TOF. A partir dessa condição de membro, SJ identifica-se com os anseios e perspectivas desta.

Ao questionarmos quanto a seu ingresso e permanência pelo longo período dentro do grupo, seu depoimento veio de encontro a muito do que se ouve do senso comum sobre esse assunto. É certo que aspectos como amor ao clube, incentivo à torcida fizeram parte da sua resposta, mas o principal motivo e também o mais valorizado por ele foi o fator AMIZADE. De acordo com SJ, o que o motivou a entrar na Comando foi a rede de amizades que ele havia feito e a expectativa de ampliá-la estando organizado na TOF. Sobre o assunto SJ diz: “filiei-me primeiro pra torcer, porque gostava do time mas, principalmente, por causa dos amigos. Eu tinha muitos amigos aqui, então um dia resolvi entrar e depois fiz mais amigos ainda...”. A rede de relações constituída no grupo e pelo grupo produz a adesão e permanência dos membros das TOFs.

A respeito da “família” ele ressalta: “minha família não queria que eu entrasse no grupo, por causa do que a mídia e as pessoas falam sobre a violência. Por isso eu quase abri mão da Comando”. Esta fala reforça o que já anunciamos anteriormente sobre a imagem negativa que, muitas vezes, a mídia transmite em relação às TOFs. Outro aspecto relevante em sua fala é o fato de ter ganhado respeitabilidade dentro do grupo em decorrência do longo período de filiação. Ele trabalhava há cerca de um ano vendendo os produtos da Comando. “Essa cargo (vendedor da loja da TOCV) é de confiança. Você adquire respeito pelo tempo que passou aqui...”, diz.

Essas falas revelam a dimensão da reflexividade do jovem SJ, que reconhece as alterações produzidas em sua vida após filiar-se e se tornar um membro da TOF, sendo este um fator que cria obstáculos para a participação de jovens.

É flagrante o tipo de identificação que esse jovem encontrou na Organizada, que não existe somente a partir do desporto, e não funciona exclusivamente como

mecanismo “extravasador” da violência, mas um lugar de desenvolvimento da sociabilidade. Acreditamos que a organizada também pode ser um lugar onde as pessoas podem reconhecer-se como sujeitos ativos e fortalecer suas relações sociais vivenciadas diariamente.

As palavras de SJ são representativas na medida em que expressam uma realidade que é comum no meio pesquisado. Com relação ao tema da violência e dos conflitos entre esses grupos, que por sinal perpassa todo o nosso trabalho, trazemos La Taille (2000) ressaltando que “o comportamento do homem depende, e muito, do contexto no qual ele se encontra” (Taille, 2000, p. 117). A autora afirma que, na maioria dos casos, o que determina a ação do ser humano é menos o tipo de indivíduo que ele representa que o tipo de situação ao qual se encontra. Ou seja, as pessoas não são sempre iguais a si mesmas, seja qual for o lugar em que estiverem, elas são suscetíveis ao contexto e nós, pesquisadores, dependemos da análise deste para compreendermos o comportamento dos indivíduos. Assim, como as palavras são indiciais, categoria importante no estudo na etnometodologia, a análise das situações as quais estão inseridas os indivíduos são imprescindíveis para o entendimento das ações pessoais.

O que nos lembra as teorias expressas no próximo capítulo, onde Simmel e Freud reconhecem que o grupo exerce uma influência decisiva na ação dos sujeitos, impelindo-os a praticar ações que se estivessem sozinhos não cometeriam. Ou seja, o ambiente das torcidas torna-se propício a alguns tipos de comportamento que só são praticados em coletividade. Inclusive o da reciprocidade entre seus membros e, possivelmente, o de fortalecimento da identidade pessoal, como exposto pelo jovem SJ.

Ao mesmo tempo, o contexto da torcida transformou-se, para ele, num lugar de formação da sua personalidade de maneira positiva. “Fiquei mais homem, mais responsável, mais adulto. Minha vida é a Comando, foi aqui que eu me formei como ser humano e me transformei no que sou hoje”, afirma SJ.

O jovem, que passa a maior parte de seu dia entre as ações da Organizadora, lembra do início, ao ingressar no grupo, quando sofreu severas críticas da família. Como expomos, ele reconhece que a família não autorizava seu ingresso na TOCV com receio de toda a violência que os parentes acreditavam existir na dinâmica das TOFs. Mas insistiu e permaneceu. Ao indagarmos sobre a relação torcida e violência, o garoto responde: "Violência existe, mas gente boa também existe. Em todo canto tem violência, veja a situação do senado! Violência não existe só na torcida não, tem no mundo todo". Essa reflexão deixa espaço para pensarmos numa certa aceitação e banalização da violência que, de fato, transcende a realidade das TOFs.

Como afirmamos anteriormente, as torcidas organizadas são marcadas pela heterogeneidade de seus membros. Ou seja, os desejos e anseios de um não são necessariamente os dos outros em particular, e a reação das pessoas não acontece de maneira uniforme e linear.

Tal postura analítica contrapõem-se ao pensamento restrito que atribui as causas da violência apenas à condição sócio-econômica dos sujeitos. De acordo com Takeuti (2002), é comum a referência a "galeras" ou "turmas" como a uma idéia de adolescentes cuja sociabilidade conteria ações lúdicas, transgressivas, mas nem sempre violentas. Essas são características de uma juventude que procura espelhar-se em referenciais que possam lhes garantir o alento em um mundo que não lhes proporciona as expectativas pertinentes à fase em que se encontram. Por sua própria essência, a juventude é composta de elementos marcantes relativos à atração pelo perigo, pelas transgressões e pela prepotência. "Predomina nas representações sobre os jovens, de todas as épocas, o caráter 'periculoso', a sua potencialidade virtual para cometer excessos em relação às suas prescrições sociais, assim como para adotar atitudes de rebelião em relação à ordem e aos valores vigentes" (Takeuti, 2002, p. 286).

As características juvenis são sempre semelhantes em todos os momentos da humanidade. "Aprontar", de maneira grave ou leve, é uma característica da sociabilidade juvenil que atravessa várias culturas, épocas e sociedades (Takeuti, 2002, p.286). Tomamos o depoimento

de um associado à Comando Alvi Rubro que dizia fazer parte da TOCV desde 1993, ano de fundação do grupo. Em entrevista realizada no dia da comemoração aos 14 anos da Organizadora, o membro, que chamaremos de AB, afirmava que, quando jovem, ao adentrar no grupo, "vivía metido em confusões" com integrantes da torcida adversária, Mancha Azul. "Eu brigava porque eu gostava... pra mim era um esporte, um hobby". "Gostava de dar porrada na Mancha Gay, nos manchete... os torcedor normal do CSA não, o torcedor da manchete... Dos gay...Ai eu ia pra cima mesmo, pra quebrar mesmo, rasgar camisa, tomar material dele, dar porrada".

Hoje, trabalhando formalmente na capital alagoana, ele diz que continua associado, mas com outros interesses: o de acompanhar os jogos do clube e obter momentos de lazer, longe das "confusões".

"Eu to agora naquela, tem que ser na paz, né? Quando eu era pivete eu era meio... marginal não que eu nunca assim matei, nunca usei drogas nem nada, nunca fui bandido. Mas gostava de brigar, coisa de adolescente. Agora não brigo mais porque não posso, por causa do meu trabalho... trabalho numa empresa ai...", afirma.

Nas descrições que encontramos na estrutura sobre os "bailes de corredor" e "festivals ou concursos entre galeras", pode-se raciocinar da mesma maneira, uma vez que admitimos ver ressaltar "nessa formação grupal específica, o "gosto da aventura e do risco" que leva os jovens a procurar a "turma" na qual eles possam melhor identificar-se, de maneira a assegurar um sentimento de segurança e pertença grupal. Segundo Takeuti (2002), "é o prazer da briga ou da curtidão em tirar uma onda com boys de outra turma rival", o que une esses jovens nessas ações, muitas vezes, violentas (Takeuti, 2002, p. 294).

No depoimento de AB nota-se que, na fase juvenil, havia mais sentido e era mais instigante participar das brigas entre as duas torcidas. Não era preciso um motivo claro, bastava ser do grupo rival para merecer sofrer opressões e incômodos.

Desde quando se tem conhecimento da literatura referente à juventude, algumas práticas, apesar de tempos distintos, possuem características semelhantes, que parecem envolver o universo juvenil: a vontade de transgredir, a necessidade de afirmação, a emoção do perigo, a dificuldade de vislumbrarem um fim para sua existência. Esses, entre outros fatores, são agregados ao tema que, apesar das mudanças conceituais e das diversidades temporais, geográficas e históricas, continua sempre apresentando uma juventude que tem tais elementos como condição de existência.

"Hoje em dia, a passagem de alguns jovens para a vida adulta é um verdadeiro dobrar de "cabo das tormentas" (via de riscum). Aventura por aventura, envolvem-se então com os amigos, em cada esquina da vida, nas excitações do cotidiano: os excessos de velocidade com as motos, os esportes radicais, as festas rave, as aventuras sexuais, o consumo de drogas etc. Nessas "esquinas da vida", celebram-se muitas das novas sensibilidades das culturas jovens" (Pais, 2006, p.11).

Os jovens vivem uma fase intermediária, entre a infância e a idade adulta e, nesse ínterim, buscam a solidificação de suas identidades. É nesse momento que suas identificações são mais urgentes. Identificações essas ainda mais difíceis de serem reforçadas nos tempos atuais, em termos locais e também globais. As sociedades passam por um processo de fragilização das identificações, os laços valorativos e amorosos estão mais esgarçados; as pessoas, e muito mais os jovens, perdem seus ideais e referências na mesma proporção em que avançam no campo técnico e científico. Num tempo onde as liberdades são ovacionadas, os jovens encontram-se em conflito: a conquista da liberdade pode representar o distanciamento do aconchego familiar, que lhes proporcionava segurança e abrigo.

Os jovens buscam no grupo vivenciar os laços grupais que podem lhes devolver o amparo e conforto perdidos. Assim como tantos outros tipos de grupos sociais, as Torcidas Organizadas de Futebol podem operar, para a maioria de seus associados, como

instrumento a partir do qual vivenciam o acolhimento, o pertencimento, o amparo e o conforto identitários. Essa experiência do grupo com todo o processo de identificação pode ser um elemento esclarecedor para compreendermos porque os torcedores privilegiam suas torcidas em detrimento da equipe.

O sujeito necessitaria construir uma identidade, ainda que passageira, fugaz, como preenchimento desse vazio. Coelho (2006) levanta um debate relembando o paradoxo descoberto pelos estudos sobre a comunidade, de Zigmunt Bauman. Para ele, nos deparamos com um paradoxo quando procuramos um sentimento de comunidade, a partir das sensações de aconchego, segurança e confiança proporcionados, e necessitamos também dos prazeres advindos da busca pela liberdade. "A comunidade de hoje, fragilizada por esse caráter negociado, encontraria na identidade sua substituta" (Coelho, 2006, p. 181).

Por outro lado, os elementos perigosos muitas vezes estruturam a relação dos jovens com a sociedade, dando visibilidade aos mesmos. Visibilidade e reconhecimento que normalmente não encontram fora da coletividade. Takeuti (2002) levanta uma discussão bastante pertinente: a da estetização da violência, na qual a mídia possui papel importante, que acarreta no jovem uma busca pela visibilidade, de sua existência social. "Nas violências ritualizadas, nas performances, nas "encenações", nas "coreografias", todas públicas, a violência constitui-se em uma forma de expressão e afirmação de subjetividades, quer ela esteja associada ao lúdico, ao gozo ou à criminalidade hard" (Takeuti, 2002, p. 297). Sobre este aspecto, Pimenta (2006) também reforça a idéia de que "o torcedor, na formação 'organizada', não é mais um mero espectador do 'jogo'. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo, é protagonista. Vide suas vestimentas e bandeiras (estético), cantos e coreografias (lúdico), sentimento de pertencimento e representação da guerra contra os rivais (simbólico)"... "Um acontecimento, como diria Jean Baudrillard, 'performativo'"(2006, p.46).

A análise do comportamento dos jovens nas TOFs deve considerar, portanto, a necessidade que sentem de dar visibilidade ao roubo juvenil. Muitos outros requisitos, todavia, podem e devem ser observados nesse sentido e o comportamento dos jovens deve ser analisado por muitos ângulos tendo em vista seus anseios, desejos, perspectivas, ambiente aos quais estão inseridos, principalmente em dias em que as referências dos jovens e adolescentes diluem-se com mais rapidez.

3.2 - PERSPECTIVAS JUVENIS E CONJUNTURA SOCIAL

Outro aspecto importante na formação da discussão da identidade juvenil diz respeito à questão estrutural. Taile (2000) aponta a pesquisa sobre o comportamento e as práticas sociais das classes populares no Rio de Janeiro, onde analisa que, há duas décadas, os mecanismos de ascensão social eram menos estreitos.

Para a autora, é por essa razão que muitos desses jovens optam por uma via mais fácil para conseguir essa ascensão. Segundo ela, esses jovens cariocas são muito atraídos pela lógica da violência que passa pela afirmação de uma identidade masculina, da honra, da força, da virilidade, da vontade sem restrições, do mando e, pela capacidade de, por meio da inserção numa atividade do narcotráfico, ter dinheiro para poder adquirir aquilo que permitirá sua participação na sociedade.

A participação na sociedade por meio de atividade ilícita é um caminho procurado por muitos jovens na conquista de poder, respeito e reconhecimento. Essa vinculação estabelecida comumente entre pobreza e violência se realiza quando pensamos nas constantes pressões e relegações vividas pelos sujeitos que não respondem às exigências normativas como sucesso profissional, padrão de consumo, "realização" pessoal. "A perda de estima de si e a vergonha que disso decorre podem ser, em muitos casos, paralisante desencadeadora de condutas agressivas ou (auto) destrutivas" (Takeuti, 2000, p 241).

Problematizando a questão, Cecchetto (2004) lembra os trabalhos de Eric Dunning, quando descreve as raízes sociais da violência masculina a partir da análise do comportamento de alguns fãs de futebol na Inglaterra. Para ele, os padrões de violência encontrados em tais grupos correspondem a uma "configuração social específica dos setores mais 'rudes' das classes trabalhadoras. Assim é que, dada a dificuldade de alcançar significado, estatuto e gratificação e formar identidades satisfatórias no campo da escola e do trabalho, os indivíduos próximos ao fundo da estrutura hierárquica demonstrariam uma disposição mais acentuada para, com maior frequência, confiarem na intimidação física e na luta" (Cecchetto, 2004, p.106).

Esse pressuposto diz respeito àquela aceção de que alguns setores das camadas populares seriam atingidos com mais lentidão pelo processo civilizatório, exibindo um "limiar de repugnância" relativamente elevado quanto a testemunhar e participar de atos violentos.

Tentamos, no entanto, desmistificar a assertiva de que os conflitos e agressões que desembocam em ações violentas persistem nas camadas mais abastadas da população. Para isso apresentamos a idéia de Monteiro (2003) que, em recente estudo sobre a torcida organizada de uma equipe carioca, verificou a permanência de uma cultura masculina agressiva entre os seus integrantes. Mas, ao contrário do que afirma, a literatura referida, são jovens das camadas média e alta da sociedade carioca que têm se envolvido com a violência.

Takeuti (2002) constatou também que entre os praticantes de lutas marciais, há a emergência de um padrão agressivo em um grupo que está igualmente configurado como de camadas média e alta da cidade. "Nesse sentido, é bom ressaltar que o campo esportivo pode ser utilizado como lugar de exibição do "etos guerreiro", do ideal de masculinidade macho de uma maneira exacerbada, desregrada, sem controle" (Takeuti, 2002, p.108).

Distanciando-nos, por ora, do cenário esportivo, temos os inúmeros fatos, denunciados pela mídia, de jovens com estruturas familiares aparentemente sólidas, envolvidos em casos de extrema brutalidade. O caso emblemático que surpreendeu todo o país foi o da doméstica que em 2007 foi espancada num ponto de ônibus no Rio de Janeiro por um grupo de jovens universitários. O argumento que utilizaram para se isentarem da pena foi o de que a confundiram com uma prostituta. Essa postura revela não só a agressividade dos jovens de camada média como sua visão discriminatória, pois deixaram transparecer que em sua concepção, se a mulher fosse garota de programa, seu gesto estaria justificado.

Outro exemplo é o crime cometido contra a menina Isabella Nardoni, que durante muito tempo tomou a pauta principal nos noticiários e programas de TV no primeiro semestre de 2008. Os principais suspeitos de sua morte brutal são o pai e a madrasta, ambos vindos de famílias tradicionais, com oportunidades que a grande maioria dos brasileiros desconhece. A violência se alojou principalmente nos grandes centros urbanos e não pode ser enquadrada em estratificações, gêneros ou quaisquer rotulações. Neste sentido, concordamos com Takeuti (2002) ao afirmar que essas práticas agressivas podem ser explicadas a partir do processo pelo qual passa o país, com a dessensibilização da sociedade para questões referentes à vida humana e à violência, ou seja, à sua banalização, fruto de um longo processo de fragilização dos valores sociais e do respeito ao próximo.

A despeito das diferenças entre as realidades estudadas por Takeuti e por nós, entendemos que seus argumentos nos servem para refletir o dia-a-dia das TOFs e como os jovens agem neste contexto. Retornando ao debate esportivo, percebemos que algumas características permanecem tanto num caso como no outro. Vemos que o desejo da afirmação de uma identidade masculina e a busca pelo reforço da virilidade são pontos em comum tanto nas TOFs cariocas, alagoanas, como de qualquer outra localidade do país.

3.3 - A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE

A idéia de masculinidade na composição do tecido social não é recente. No Debate contemporâneo sobre a Masculinidade, Cecchetto (2004) expõe a riqueza da literatura em relatos sobre a infância e a adolescência de meninos “transformados” em homens pelos jogos ou esportes viris. O esporte é tido como uma espécie de antídoto para a feminilização, um locus propício para a construção da masculinidade, porque apresenta aspectos de competição, violência e combate que, mesmo ritualizados, são considerados atributos da masculinidade (Cecchetto, 2004, p.77).

É possível admitirmos que muitas das aproximações entre violência e torcidas organizadas podem estar vinculadas à idéia da construção de uma “masculinidade agressiva”, principalmente entre os jovens, masculinidade essa construída cultural e historicamente pelas sociedades. Observamos na conduta de muitos dos integrantes da organizada que pesquisamos a percepção desta conduta que expressa masculinidade como uma estratégia para denotar “superioridade” em detrimento da inferiorização de um grupo adversário, com ofensas e ataques à sua virilidade. Fazendo referência aos esportes violentos, Cecchetto (2004) ressalta a presença de uma “cultura viril” entre os jovens, onde a força física passa a ser o símbolo da masculinidade e, conseqüentemente, da sua superioridade.

Monteiro (2003) comenta essas demonstrações de superioridade entre as torcidas e delega as manifestações de violência praticada por esses integrantes como construídos de um “Etos Guerreiro”, que ele descreve como um tipo de comportamento que privilegia o confronto violento, a agressividade viril e a demonstração de superioridade física sobre o outro.

“Adquirir status, respeito, poder e domínio sobre os outros membros do grupo ou sobre os que de algum modo com ele se relacionam e interagem

também faz parte dessa crescente presença do Etos Guerreiro em nossa sociedade ou pelo menos nas torcidas aqui pesquisadas. Mostrar-se mais forte, mais valente, mais macho e mais brigão é uma característica marcante dos membros das torcidas organizadas” (Monteiro, 2003, p.110).

As demonstrações de reforço da masculinidade também são aspectos pontuais, indispensáveis para se compreender o sentido dado pela Comando Alvi Rubro a suas ações. Os ataques à honra e à masculinidade do grupo oponente, a Mancha Azul, encontram-se presentes em grande parte dos gritos de guerra, canções e palavras de ordem da Comando Vermelho.

1 – VAI COMEÇAR A FESTA.....E A CIDADE AVERMELHOU... AVERMELHOU
ENTÃO... VAI BATERIA PODE ESCULACHAR SOLTE O SOM DA FESTA PARA OS
MANCHA-GAY CHORAR... A MANCHA É GAY É GAYYYY)

1 – SOM DA FESTA PARA OS MANCHA-GAY CHORAR... A MANCHA É GAY É GAYYYY)

As palavras, quase sempre de insulto e depreciação, indicam o sentido que a organização pretende transmitir de si própria, bem como de seu adversário. Os “Mancha Gay”, como são chamados os integrantes da Mancha Azul, acabam tendo que conviver com esse rótulo que, muitas vezes, move os conflitos vivenciados por ambos os grupos. As composições transcritas abaixo são reveladoras da estratégia que a Comando usa para depreciar a torcida adversária.

Em nossa sociedade a expressão “Gay” é associada a uma imagem de fragilidade. Assim, ao dizer que os “Mancha é Gay” vão chorar, associam o grupo ao universo feminino e ao mundo gay.

Calar é uma postura de imposição e superioridade. “Tomar no cú” traz o entendimento da questão da homossexualidade e da posição passiva.

2 – FUNK CHAMA A SAMU

*Domingo eu fui pro jogo
Foi lá no trapichão
O galo de virada
Calou os “mancha” cuzão
A mundiça se calou
Foi maior “azução”
Gritei a mancha é gay
e cadê o banderão.
O trapichão é nosso
O azulão tomou no cú
Antes de ir pra casa
cantei o chama a samu..*

3 – Galera chama samu, espanca mais...

eu perguntava para mancha cu, a trovo cu e a bagay no trapichao a cv eh rei!!!

A linguagem utilizada para a comunicação dos integrantes dessa TOF denota a forma como eles se reconhecem enquanto grupo e os valores a partir dos quais definem o grupo rival. Os elementos da masculinidade, que se expressam tanto verbalmente quanto gestualmente, e o comportamento viril fazem parte da construção de uma identidade que se reconhece superior. Vejamos outro exemplo:

*“ Rema, Rema, remador,
vou botar no cú, do tricolor
se o tricolor for sapatão,
vou botar no cú do azulão
Se a canoa não virar olê, olê olá, eu chego lá ”*

Essas composições foram extraídas de comunidades criadas no Orkut (site de relacionamentos) pelos torcedores. É importante lembrar que a diretoria da TOCV não reconhece esses sítios e indica como oficial somente o endereço www.comandoalvirubro.com.br. Cecchetto (2004) nota que “através dos termos “atividade” e “passividade”, encontramos atribuições de dominação e submissão, instaurando uma relação hierárquica: atividade, o ato de penetrar outro homem, sempre é “apresentada” como uma forma positiva de auto-afirmação masculina e significa poder em relação à passividade” (Cecchetto, 2004, p.54). A partir dessas reflexões de Cecchetto, pode-se pensar nos torcedores da Comando como ativos, aqueles que mandam no “jogo”, e os seus adversários, os Mancha, aqueles passivos, comandados, derrotados. Entendemos que a presença do argumento “vão tomar no cú”, na linguagem dos membros, reforça essa dimensão de passividade e submissão a todo instante.

É importante destacar a indicialidade presente nas falas dos torcedores. Como havíamos discutido anteriormente, “embora uma palavra tenha uma significação transitiva, tem igualmente um significado distinto em toda situação particular que é usada (...) Isto designa, portanto, a incompletude natural das palavras, que só ganham seu sentido ‘completo’ no seu contexto de produção, quando são ‘indexadas’ a uma situação de intercâmbio lingüístico” (Coulon, 1995, p. 32). As músicas ganham um sentido de agressividade quando cantadas no contexto dos estádios e dos jogos, explicitando um claro confronto e rivalidade com o grupo opositor.

O sentido atribuído pelo grupo, o da superioridade e o da atividade, foi construído contextualmente, com palavras, jargões e expressões retiradas da situação e do histórico de cada torcedor e do grupo em geral. Apesar de serem reconhecidos também fora daquele ambiente, elas ganham o sentido propostos pelos sujeitos somente nesta situação.

No processo de socialização as TOFs constroem uma realidade que reforça permanentemente a divisão entre os superiores e os inferiores neste universo esportivo. São va-

lores que vão sendo indicializados pelos jovens em suas canções e que dão significado às suas práticas rotineiras, e passam a compor o universo representacional de todos que compõem o grupo.

Sobre isto, Toledo (1996) afirma que “as ambigüidades sexuais que alimentam o imaginário ao redor da figura do veado remetem àqueles que estão sendo xingados ao universo feminino e frágil, hostil, portanto, ao universo popular masculino predominante no futebol” (1996, p. 25). Em seu estudo com torcidas organizadas em São Paulo o referido autor admite tais atributos recaírem sobre as classes mais abastadas identificadas idealmente nos são-paulinos [...], “os frescos, pó-de-arroz e cuzões” (Toledo, 1996, p.25).

Tal fato não ocorre, porém, de forma linear. Esses indivíduos possuem formas diferentes de lidar com os sentimentos advindos dos embates, nas rixas violentas e nas experiências lúdicas grupais. Essas maneiras são ditadas por meio de uma série de ações cotidianas relacionados à idade e à própria construção de gênero dos participantes. Por isso, o simbólico encontra-se tão presente nas representações dos sujeitos.

Os debates em torno da construção social da masculinidade e virilidade caminham junto também no que diz respeito ao elemento corpo e suas expressões. O corpo se apresenta como lócus da dominação de gênero, como forma de violência simbólica. Ele representaria o esforço habitual de garantir presença no “patético jogo viril”. Esse pode ser um caminho coerente para pensarmos as expressões físicas (estéticas) de torcedores como forma de garantir seu espaço e permanência nesse jogo. Isto nos faz pensar que a masculinidade possui aspectos sociais em várias culturas, afirmando que socialmente nenhum menino “nasce homem”, mas “torna-se homem”, como nos explica Gilmore (2004, p.76). “A identidade masculina não está assegurada somente por atributos atômicos, como a posse de um pênis ou uma musculatura desenvolvida, mas sim pela filiação do indivíduo a um grupo e a determinados valores e condutas considerados masculinos” (Cecchetto, 2004, p.76).

A dimensão corporal passa a ser extremamente valorizada no universo das identificações juvenis e o “Etos Guerreiro” pressupõe o confronto, a agressividade e a superioridade física.

3.4 - DÚVIDAS E INCERTEZAS JUVENIS – UM PANORAMA

As análises de Takeuti (2002) apontam para possíveis insuficiências dos processos identificatórios no universo juvenil. O mundo hoje vive uma crise no campo das identificações imaginárias sociais globais que possibilitam nutrir (apoiar) as significações imaginárias sociais das entidades específicas, socialmente instituídas, e que têm um peso determinante no processo identificatório, como por exemplo, a família (p. 242.). Ou seja, as referências e valores que um dia norteavam as atitudes pessoais e em coletividade estão esgarçadas, e os laços que fortaleciam as condutas individuais e, principalmente as juvenis, foram encurtados e fragilizados.

O que leva também ao enfraquecimento dos processos de identificação que, para a autora, representa a perda “do suporte dos interditos sociais que, quando comprometido, concorre para o extravasamento das pulsões destrutivas, das “perversões sociais”, as quais emergem, na sociedade atual sob múltiplas facetas” (Takeuti, 2004, p. 243). Assim, é possível que as atitudes de arrogância e a necessidade de impor o medo constituam-se em expressões dos mecanismos de defesa individuais face aos sentimentos de humilhação, de vergonha e de revolta resultantes de uma experiência social negativa.

Tal raciocínio nos remete à discussão realizada em uma das reuniões do Núcleo de Estudos sobre a Violência no Estado de Alagoas (NEVIAL), onde um dos participantes nos chamou atenção. Bacharel em Direito e professor universitário ele comunga com a idéia acima lembrando que, muitas vezes, esses jovens apenas reproduzem a violência que recebem no

meio social. Citando sua experiência docente ele diz que muitos são obrigados a conviver com uma rotina dura e as práticas agressivas poderiam representar uma forma de resistência.

“Muitos não tiveram carinho e atenção na infância, ou foram bastante reprimidos, acostumando-se, assim, com esse tipo de tratamento. Tanto que se você tratá-los de uma maneira diferente e tomar uma postura oposta àquela a qual vivenciam, eles ficam bastante sensibilizados” (fala do membro do Nevial). A carência afetiva, a falta de limites e o preconceito vivido por muitos jovens¹⁴ também são formas de violência que podem desembocar num cenário cada vez mais perverso.”

Esses elementos formam um quadro complexo. As atitudes violentas podem ser também um sintoma de um desejo de pertencimento e auto-afirmação por parte dessa juventude ou mesmo um pedido de socorro. Podemos observar esta questão no depoimento de SJ exposto no início do capítulo.

Seria coerente acreditar que as relações vividas e constituídas pelos jovens integrantes das torcidas organizadas, as sociações e trocas simbólicas também seriam responsáveis pelos processos de identificação pelos quais eles passam durante sua vida. Quando vimos acima a fala de SJ ao afirmar que “em todo canto tem violência”, entendemos que:

“A violência é uma constante social desde a origem da humanidade. Nos primórdios da civilização encontra-se a violência fundadora original (Freud, Totem e Tabu). Ela sempre fez parte dos diferentes padrões de sociabilidade. O que difere é a relação dos homens face a ela, de acordo com cada sociedade e época. Ou seja, cada sociedade institui a sua significação para a violência, passando a fornecer os “padrões” de comportamentos aos indivíduos que dela fazem parte” (Takeuti, 2002, p. 166).

¹⁴) Entenda-se aqui os jovens como categoria formada pelas mais diversas características, classes e históricos sociais, em sua heterogeneidade.

Não sem razão, diante da realidade vivenciada nos últimos tempos, o jovem tem trazido o estigma da violência em sua sociabilidade. Essa herança não vem na sua carga genética, mas sim por ser essa faixa etária que vive uma condição potencial de transformação. Cada vez mais as estatísticas apontam para um maior índice de criminalidade urbana entre os jovens e adolescentes. E quando se trata de jovem em situação de pobreza a realidade é mais agravante. É comum nos depararmos com pesquisas que situam a delinquência, a violência e a criminalidade entre os jovens de baixa ou nenhuma escolaridade, dos segmentos mais pobres da sociedade. E já sabemos que, para a grande maioria da população, a juventude pobre é discriminada, porque é tida como responsável pela violência nos grandes centros urbanos.

Trabalhamos com a compreensão de que nenhum segmento social está isento da prática da violência. Isso porque estamos lidando com um problema que envolve a condição humana, independente de estrato social. Além da quase ausência de mobilidade social, onde ter estudo já não garante inserção no mercado de trabalho, está muito presente em nossa sociedade a "insegurança ontológica"¹⁴ pela qual passam os jovens.

São muitas as incertezas vivenciadas nos dias atuais que proporcionam um profundo medo do futuro. O tema da violência já faz parte do imaginário constituído dos jovens, como afirma Novaes (2006). "Mesmo que nem sempre os jovens tenham sido atingidos pela violência urbana, o tema faz parte do imaginário socialmente construído. É um marco geracional importante. Entre os jovens de hoje há o temor expresso da morte prematura" (Novaes, 2006, p. 110-111).

Novaes (2006) lembra ainda que quando na juventude se fala de riscos, transgressões, se está fazendo referência a um ponto de vista histórico onde os limites são

¹⁴) *Insegurança Ontológica* – Termo que contrapõe a tão almejada "segurança ontológica", utilizado por Giddens. A segurança ontológica, isto é, o "ser no mundo", "se refere à crença que a maioria das pessoas têm na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes" (Giddens, 1991, p. 95). Ela diz respeito ao sentimento que temos sobre a continuidade das coisas e das pessoas; um sentimento inculcado desde a infância e que se vincula à rotina e à influência do hábito. A necessidade de "segurança ontológica" produz um novo ambiente de confiança (Id, 1991, 104).

testados justamente porque os jovens estão, "em termos biológicos, mais longe da morte". Na geração atual encontramos um paradoxo, pois na medida em que se alarga cronologicamente o tempo de ser jovem, ampliando-se a expectativa de vida da população em geral, também se "generaliza um sentimento de vulnerabilidade dos jovens frente à morte" (Novaes, 2006, p. 111).

Essa realidade continua sendo reforçada diariamente a partir dos problemas apresentados pela sociedade contemporânea. As sensações de "vazio", próprias da experiência humana, vão se tornando mais agudas. Coelho (2006) lembra da questão da impossibilidade de construção de identidades sólidas e de uma identidade permanente, como principal característica do vazio contemporâneo (2006, p.178). As identidades e os padrões identitários das quais os sujeitos necessitam se dissipam. E com essa falta os indivíduos "tentam arrumar uma identidade que lhes permita viver os instantes, identidades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças, trocas, descartabilidade". (Coelho, 2006, p. 179). As pessoas buscam hoje na formação de suas identidades o fortalecimento que encontravam na comunidade, como refúgio contra a insegurança do mundo contemporâneo.

O anseio pela segurança possibilitou, por certo, a permanência de SJ na TOCV. O encontro com essa sensação de pertencimento a um grupo, portador de uma identidade, ainda que provisória, foi o que o fez permanecer na coletividade e vivenciar uma experiência positiva dentro dele. Quando se ouve "A CV é minha vida, minha paixão", algo mais significativo está embutido. A CV lhes proporciona uma referência de identificação, uma identidade que os fazem assumir responsabilidade e os localizam no contexto social. Tal formação discursiva os coloca em um contexto onde esses jovens são referências para alguém ou algo e têm seu "lugar no mundo".

Em seu estudo com fã-clubes, o autor explica que o pertencimento a essas comunidades (de fãs-clubes) atua no sentido de propiciar ao indivíduo "um sen-

timento ilusório de segurança e solidariedade, que seria o “círculo do aconchego” mencionado por Bauman – o que propicia um caminho possível para se lidar com os sentimentos de vazio causados pelas dificuldades identificatórias que marcam a experiência do sujeito contemporâneo. O mesmo raciocínio pode ser aplicado aos grupos de torcedores, uma vez que a formalização de sua participação na TOF, através de fichas, carteirinhas, produz um sentimento de pertencimento buscado por muitos associados.

Nesse contexto, a formação das identidades torna-se precária, dificultando ainda o processo conflituoso inerente à própria condição juvenil. Aliada a essa falta de referência juvenil, está a “falta de perspectivas” do mundo moderno, onde tudo ganha uma efemeridade, ampliando a sensação de insegurança e abandono. O que antes parecia consistente, estável, agora assume uma dimensão de mobilidade, altamente vulnerável e eminentemente modificável. Realidade essa aplicada tanto ao contexto global quando aos jovens membros das TOFs. A consequência dessa modernização acelerada é a perda do sentido de si, não daquele sujeito fixo, imóvel, do iluminismo, mas a perda do sujeito como indivíduo, como fazendo parte de um todo que se diferencia, que tem seu papel constitutivo e diferencial no mundo. É a sensação de um indivíduo desindividualizado, sem base. É uma crise de existência que pode levar a resultados ainda mais conflituosos e torturantes.

Como agravante temos um homem obrigado a assumir várias identidades. E ele deixa de lado aquela idéia de um ser fixo e passa a aceitar-se como inconstante e multifacetado, atribuindo esse quadro a crise de identidade vivenciada na contemporaneidade.

A crise das identidades, reforçada num contexto de crise da modernidade, apresenta uma juventude em conflito e ávida pela sensação de conforto e segurança, ainda que passageira. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo, que nossas identidades

estão sendo continuamente deslocadas.”(...) “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 1998, p. 13).

Muitos são os sentimentos e sensações de insegurança que perpassam o universo juvenil neste momento atual, e é nesse contexto que seguem o caminho de formação de suas identidades e identificações. As TOFs, como grupos sociais, aparecem nesse cenário como uma opção viável nessa busca de construção de um eu “permanente”, “estável” e “confiante”.

3.5 - PERTENÇAS E CONFLITOS GRUPAIS

Os conflitos e incertezas refletem-se inexoravelmente nos grupos, que são também reflexos desse quadro de crises. O papel dos grupos sociais na constituição dos indivíduos é de fundamental importância para sua formação e em seu atuar perante a comunidade. Tais grupos podem “ditar” e “direcionar” as ações de seus componentes enquanto coletividade, traçando seu perfil no espaço social.

Souza (2005), debatendo as teorias de Sigmund Freud sobre a inclinação originária do ser humano para o mal, a agressão, a destruição e a crueldade, refere-se às forças anímicas contrárias apontando para a importância da presença do outro na constituição do humano e na proteção ao sentimento de desamparo original.

Também reforça a idéia de que na massa, o indivíduo se distancia da experiência trágica do desamparo; a massa encontra coesão na identificação dos integrantes e pela sujeição às determinações de um líder, uma causa ou uma idéia. E essa massa¹⁶ passa a ter um sentido especial para esse indivíduo, sentido semelhante àquele dado à família, o qual, muitas vezes, esse indivíduo desconheceu durante sua formação. Fator indicador do processo de sociabilidade encontrado neste ambiente.

¹⁶) Esse termo está substituindo o de GRUPO devido à denominação da autora.

A autora explica as situações de pânico como expressões do rompimento ou da fragilidades dos laços libidinais e a perda da eficácia dos códigos simbólicos, vivenciada quando um perigo real ameaça a todos e “os laços recíprocos se rompem e surge uma angústia imensa, sem sentido” (Souza, 2005, p. 52). A partir desta interpretação da autora, podemos encontrar alguns sinais do que ocorre nos tumultos vivenciados pelas TOFs. Quanto mais fortalecidos forem os laços grupais dos indivíduos, menor a probabilidade de seus interesses particulares sobressaírem-se.

“Se o que une o grupo é o “amor”, todos os que não fazem parte dessa grupalidade podem ser alvo de crueldade, intolerância e violência” (Souza, 2005, p. 52). Segundo a autora, quando o grupo está coeso os aspectos agressivos são dissociados e projetados na “estranheira” dos outros grupos. Essa relação nos remete ao discurso de AB, que expressa sua vontade de eliminar a torcida rival simplesmente por não pertencer àquela a qual faz parte.

No relato abaixo o torcedor utiliza-se de sua reflexividade para explicar o que os mobiliza para o confronto com o grupo rival:

“Não, é rixa... a mesma coisa ele faz com a gente, quando pega um da gente os azulinos faz a mesma coisa... Sem motivo nenhum... basta ver a gente com o material da Comando, vai pra cima pra dar na gente e tomar... Ai quando a gente vê desconta, vai apanhar, é? Se você vem passando numa rua, ai um cachorro vira lata, né? Um pitbul não que um pitbul vai arrancar seu pedaço, se ver um vira lata mesmo, pequenininho e te morde, cê num vai chutar não? Pronto, e a mesma coisa, os mencheite são vira lata, eles vêm morder a gente, vai revidar também não? Ai se der pra revidar bom, se não der a gente marca num exemplo, se tiver dois clássicos CSA x CRB. Ai CRB x CSA a gente apanhou, no outro clássico a gente vai pra descontar... Ai era assim... o motivo da briga era esse ai...”(integrante de 29 anos)

O trecho revela as bases de diferenciação dos grupos, a constituição do sentimento de rivalidade com os adversários, que passam a ser vistos como inimigos. Esse caráter elementar, para Souza, se manifestará no “narcisismo das pequenas diferenças” e se sustenta na “perfeição” ilusória do eu ou do grupo. Esse processo de identificação e oposição ao grupo rival define o “fechamento narcísico” do grupo sobre si, resultando na perda do valor do espaço público como palco de reconhecimento das diferenças, das discussões e de mudanças (Souza, 2005).

Tal idéia pode ser entendida como atos intolerantes que, segundo Vasconcelos (2007), são incompatíveis com os princípios democráticos porque os atos violentos e intolerantes eliminam do sujeito que sofre qualquer possibilidade de fazer uso de sua força para garantir-se íntegro. “A violência suprime um dos atores como sujeito” (2007). Assim, se o grupo tenta eliminar seu oponente ele perde o caráter democrático e, conseqüentemente, produz uma postura autoritária e violenta em relação ao outro.

Numa posição inversa, Vasconcelos (2007) valoriza o “pluralismo agonístico”, como condição de vitalidade e exercício da democracia em sua radicalidade. Para isso relembra a distinção feita por Chantal Mouffe, entre “agonismo” e “antagonismo”, que se enquadra na tese da perda do valor do espaço público. Para Mouffe, as diferenças que se traduzem em antagonismos abordam o “outro” diferente como um inimigo que deve ser eliminado e não como adversário que deve ser respeitado em sua diferença; contrariamente, as diferenças que assumem um caráter agonístico vêem o diferente como adversário e não como inimigo. Com o adversário admite-se a legitimidade das diferenças, não buscando eliminá-las. Assim, o objeto da política democrática seria “transformar um ‘antagonismo’ em ‘agonismo’” (Mouffe, 2007, p. 8). Este sentido foi expresso por alguns dos integrantes da TOCV, refletindo essa perspectiva antagonista, de eliminação do outro, do diferente.

Para Vasconcelos “contrariando a cultura de violência que tem sustentado, historicamente, as práticas que justificam a eliminação do ‘outro’ em função de conflitos e

divergências no campo subjetivo, político, social etc, a cultura democrática propõe que o 'outro', o diferente, seja visto com um 'adversário' e não como um 'inimigo a ser destruído'. A abordagem do 'outro' como 'adversário' e não como 'inimigo', possibilita vê-lo como um "inimigo legítimo, um inimigo com quem temos em comum uma adesão partilhada aos princípios ético-políticos da democracia. (Vasconcelos, 2007, p. 9).

Contrariamente à tese exposta vemos, na prática de alguns integrantes, a necessidade de eliminação, ainda que simbólica, do outro, uma vez que esses grupos são vistos como inimigos e não como adversários, necessários à prática competitiva. O membro da TOCV, de 18 anos, demonstra sua impossibilidade de delegar ao outro grupo os mesmos direitos e a importância que ele acredita possuir. Quando perguntado sobre a relação dele com a torcida rival, no caso a Mancha Azul, ele responde: "Rapaz, com as rivais não tem boquinha não, é pau, e pau... Porque quando os prego vê quer embaçar, quer tomar a festa... Vai pra porrada... tomar a roupa dos caras. Se tiver com a camisa do CRB os cara quer tomar, então a gente tem que tratar do mesmo jeito, né? Toma de lá, toma de cá também. Fazer o quê?"

E reforça ainda: "A mancha não tem nem o que falar veio. Pra mim é vergonha, a nossa é Comando Alvi Rubro, só isso mesmo..." Outro membro da TOF, de 21 anos, também demonstra esse sentimento de rivalidade, afirmando ser impossível conviver com a Mancha Azul: "... assim, eu vejo a Mancha como uma torcida rival, né? Tem que disputar, assim, o reino em Maceió... Porque não dá pra ser duas de uma vez só. Tem que ser uma ou outra", conclui.

Vemos, portanto, que vivemos num processo de esgarçamento das relações sociais positivas e num processo de fragilização das identificações no mundo contemporâneo. É possível, de acordo com Souza, encontramos grupos homogêneos¹⁷ e que experimentem uma vivência grupal onde se possa reforçar estratégias de reconhecimento para se con-

¹⁷) A expressão "homogêneo" é empregada referindo-se à "homogeneidade narcísica", que decorre no sentido dado à coesão no texto, a qual se refere a autora, e não em relação às particularidades e singularidades dos indivíduos. Souza refere-se à importância da construção dos lócus sociais e redes solidárias nos espaços grupais, alertando, no entanto, para o perigo do fechamento do grupo e da rivalidade produzida pelo "narcisismo das pequenas diferenças".

trapor à estigmatização e à hegemonia de outras categorias.

As palavras do repórter que entrevistamos reflete a compreensão de como a dinâmica dos grupos rivais resulta na explosão da violência entre as TOFs no mundo contemporâneo:

"Mas dos anos 80 até hoje um fenômeno nacional explodiu a índices alarmantes, em quase todos os níveis na sociedade, e o futebol foi atingido em cheio. E esse fenômeno chegou às "organizadas modernas", repleta de jovens das classes mais pobres à média. E, infelizmente, esses mesmos jovens, boa parte deles, é claro, para não generalizar, levou esse espírito de violência para as organizadas e, podemos afirmar, sem nenhum constrangimento, que as torcidas organizadas viraram uma "boa causa" para eles tornarem as torcidas em facções, termo muito ligado a questões policiais, uma espécie de extravasamento de seus ímpetos bestiais e de uma aparente rebeldia sem causa, revolta, em quais quebrar vidraças de ônibus, brigar com torcidas rivais, apedrejar o patrimônio alheio, confronto com a polícia e até fazer uso de entorpecentes virou espécie de "lugar comum". Mas devo reconhecer, que, quando eles querem, sabem fazer festa, mas isso tem se tornado cada vez menos freqüente, infelizmente" (repórter).

É importante ressaltar que a grupalidade tanto pode ser um suporte para o domínio das pulsões destrutivas, como para contribuir com transformações necessárias da realidade, quanto uma via para a liberação da impulsividade e da violência (ver Souza 2005). As ações praticadas por uma grupalidade não necessariamente estão voltadas para a liberação da agressividade e impulsos negativos direcionados a formações rivais. Essa coletividade expressa suas predisposições a partir dos tipos de identificações vivenciadas pelos seus integrantes, pelo caráter da sociabilidade construída no espaço compartilhado e, ainda, pela existência ou não de interditos intragrupal capazes de obstruir as deliberações violentas ou intolerantes dentro dos mesmos. O que talvez seja refletido na consistência identificatória e nos valores que esses grupos, em especial os de TOFs, adquirem.

3.6 - TOFS E CONFLITOS

Segundo Pimenta, as ações violentas e conflituosas praticadas por torcedores influenciam no estilo de vida dos jovens e podem ter relação com as instabilidades produzidas pelas micro-organizações, provocadas pelo poder de mando do complexo industrial brasileiro. Para o autor, uma das conseqüências desse cenário seria o esvaziamento da noção do coletivo na formação dos jovens.

Porém, o pesquisador faz questão de afastar o reducionismo das explicações e justificativas econômicas, afirmando que violência não é coisa “exclusiva da pobreza”. Ele persiste na idéia de se entender a violência como expressão do esvaziamento do sujeito social que, diminuído em sua capacidade de filtragem, constrói a identidade e as identificações, tendo a violência como elemento estruturante. Pimenta (2000) explica o fenômeno da violência na sociabilidade juvenil a partir de três aspectos: a) a juventude, cada vez mais esvaziada da consciência coletiva; b) o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; c) o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos. Para ele “a violência, nos moldes pensados no texto¹⁸, estruturam a identidade e as identificações produzidas ‘no’ e ‘pelo’ grupo” (Pimenta, 2000, p. 48).

Apesar de reconhecermos o esvaziamento da consciência coletiva entre os jovens e o reforço ao individualismo no mundo contemporâneo, características já discutidas durante essa explanação, não creditamos à violência, como dissemos, um caráter essencialista. Muito menos tivemos elementos que nos levassem a crer na insuficiência de condições materiais e econômicas como base para se pensar tais atos agressivos ou mesmo para a inserção dos jovens na TOCV. Conseguimos diagnosticar essa inclusão, ora como motivos de mero apoio ao clube, ou lazer, ora por desejo de pertencimento a um grupo “coeso” e forte capaz de reforçar seus laços, já fragilizados na sociedade e, muitas vezes, como

¹⁸⁾ *Torcidas Organizadas de Futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas.* Carlos Alberto Máximo Pimenta.

forma não só de construção e fortalecimento de suas identidades, mas sim de exercerem esse “direito identitário”¹⁹ num ambiente onde são reconhecidos e legitimados pelos demais. Causando um sentimento de reconhecimento social, o qual não era sentido fora do grupo. Em outros momentos também pudemos constatar indícios de todos esses fatores reunidos, ou de alguns deles em um mesmo caso.

Esperamos ter conseguido, nesse capítulo, explicitar alguns dos problemas experimentados pela sociabilidade juvenil. Na certeza de que era necessário um estudo mais apurado dos jovens e seus problemas, procuramos tratar daquelas categorias mais visadas no mundo juvenil que entendemos ser crucial para sua constituição, principalmente a da violência, que tanto os afeta. Somente assim, pensamos ser possível estudar as TOFs, uma vez que essa juventude forma a base desses grupos. No capítulo seguinte vamos abordar algumas questões que revelam os conflitos, que provocam situação de violência entre os torcedores organizados, que acreditamos não ser de caráter distinto dos conflitos vivenciados nas outras esferas sociais, porém, possuem configurações específicas.

¹⁹⁾ *Termo nosso que quer significar a possibilidade real e legal de exercerem suas habilidades e possibilidades subjetivas.*



CAPITULO IV

4 - VIOLÊNCIA, CONFLITOS E COMPORTAMENTO NAS TOFS

Após a delimitação de alguns elementos complexos que compõem a realidade juvenil brasileira, nos aprofundaremos, neste capítulo, nos conflitos como fator relevante para entendermos o estágio em que se encontram os jovens na atualidade, em especial, os membros que compõem as Torcidas Organizadas de Futebol, TOFs, a partir do trabalho de campo desenvolvido com a Comandante Alvi Rubro. A violência, fruto do fracasso da negociação dos conflitos, é vista aqui como um elemento que ajuda na compreensão da atual conjuntura desses grupos e nas representações construídas pela sociedade com o advento desse fenômeno.

Inúmeros são os fatores constitutivos das grupalidades, que ganham maior complexidade quando compostas por jovens e adolescentes. Em se tratando dessa realidade não podemos trabalhar com unicasalidades para compreender a violência entre os jovens membros das TOFs. Há muitos caminhos analíticos que podem nos conduzir para entendermos porque eles, como membros das TOFs, explicitam sua agressividade em tantos atos de intolerância.

Norbert Elias (1990) sugere em "O processo civilizador" que demos atenção para as formações históricas e sociais, para que seja possível entender as redes de relações e os conflitos entre os grupos. As relações de poder ajudam a explicar a violência como algo socialmente aprendido, portanto, não como algo inato ao sujeito. Para Elias, o surgimento e o desenvolvimento do esporte, como exercício controlador da violência, possuíam o caráter civilizador (Elias, 1990). Se admitirmos que a violência é socialmente aprendida, diversas são, assim, as possibilidades de sua manifestação.

As condutas de violência também assumem vários e contraditórios formatos na dinâmica de uma TOF. Cecchetto (2004) associa essas práticas às relações de poder

vivenciadas pela sociedade. A violência é múltipla em possibilidades e expressões, não sendo possível indicarmos espaços onde ao menos uma dessas formas não esteja presente. Ela está por todos os lados, seja fisicamente, seja discursivamente. E no âmbito esportivo, em especial, no âmbito do futebol não poderia ser diferente. Como o mais popular esporte da atualidade, não há como ignorar a presença, às vezes marcante, destes atos dentro e fora dos estádios. Mas seria precipitado, como já fizemos questão de destacar, desconsiderarmos as relações que decorrem da violência no âmbito esportivo com os acontecimentos pelos quais passa a sociedade e seus atores. Por isso, entendemos ser essa violência um braço daquela exercida nos mais diferentes meios sociais; um reflexo do conturbado processo de sociabilidade vivido nos tempos modernos e na impossibilidade de concedermos ao outro igualdade de oportunidades.

Murad (2007), uma das personalidades do cenário da sociologia nacional, enfraquece muitas das ditas “inquestionáveis” opiniões sobre a violência no campo esportivo, quando mostra que a violência não é elemento constitutivo do esporte e vive-versa. Para ele, o esporte em todos os períodos históricos, é praticado como forma de conter a agressividade e promover a união entre os praticantes e até entre povos distintos. Pensamento que parece ter bases Norbertianas.

Alguns estudiosos defendem ser a violência inerente ao futebol desde suas origens. Muitos são os relatos que afirmam ser o futebol recheado de eventos legendários e históricos que apontam para o lado violento e agressivo de seus praticantes. De acordo com Giulianotti (2002), a história diz que essa prática veio com a disputa dual, em que os grupos representavam identidades coletivas, nações, localidades geográficas e culturas específicas. Ele refere-se a relatos onde os jogadores participavam de partidas de futebol com punhais que acabavam ferindo de forma acidental e também intencionalmente adversários e companheiros de equipe (Giulianotti, 2002). Eram comuns socos, pontapés e golpes de lutas, ossos quebrados, ferimentos graves e morte.

Essa idéia comunga com o posicionamento tomado por um repórter esportivo que, ao comentar a origem da violência no âmbito futebolístico, afirma:

“naturalmente é jogo, competição. Vamos nos reportar ao antigo Coliseu em Roma, onde carnificinas foram promovidas para entretenimento da população. Homens e feras se digladiando, sangue e lágrimas na arena. Lá estavam todos. Ricos e pobres. Nobreza e a plebe. Os estádios de futebol são arenas modernas. Vez por outra surgem ecos desse sentimento de confronto, vitória e derrota. Morte e vida. Por isso, considero que quando o azul e o vermelho²⁰ se enfrentam, muita coisa está em jogo. O acirramento e a ira afloram. A rivalidade é o combustível” (fala do repórter).

Etimologicamente “por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). A violência consiste, tem por finalidade destruir, ofender e coagir. Pode ser direta ou indireta” (Bobbio, 1995, p.1291). Mas sabemos, não é somente à agressão física que podemos chamar de violência. Ela pode manifestar-se também com outros formatos. Pois expressa-se, muitas vezes, nas mais sutis relações vividas em coletividade, também delineadas como relações de poder.

Deteremo-nos, por ora, aos aspectos práticos e admitimos que a violência, apesar de “ter caminhado quase que de mãos dadas com a história da humanidade”, segundo alguns estudiosos, se apresenta no século XXI com uma audácia nunca vista. O processo de urbanização das cidades, as migrações, o avanço das tecnologias juntamente com a globalização transformou fortemente o cenário mundial e nacional e deu nova cara à civilização e seu desenvolvimento.

²⁰) Refere-se às equipes do CSA e CRB, da capital alagoana.

Os meios pelos quais a violência se manifesta e é instrumentalizada estiveram cada vez mais sofisticados e diferenciados no século XX. Nesse cenário está o futebol, que também se desenvolveu de forma muito acelerada nos últimos cem anos, especialmente a partir da década de 50, com a profissionalização dos jogadores.

Apesar das discordâncias teóricas aqui colocadas, identificamos um ponto consensual entre os autores de diversas correntes e linhas metodológicas: a violência, no modelo ao qual assistimos hoje, transferiu-se para os estádios de futebol devido a uma série de anseios e mudanças de comportamentos, como dissemos, por parte dos atores do espetáculo, tanto dos jogadores, quanto dos torcedores.

Passemos, então, a apresentar alguns elementos obtidos a partir da nossa pesquisa de campo, onde podemos demonstrar de que forma essas transformações influenciaram no modelo de sociabilidade vivenciado pelos jovens na atualidade, em especial, no esporte e como a violência é encarada e praticada pelos grupos de TOFs.

4.1 – UM FATO HISTÓRICO: TOCV E A VIOLÊNCIA

Em setembro de 2005 a TV Gazeta de Alagoas completava 30 anos de existência e promoveu, no Estádio Rei Pelé, um reencontro com grandes nomes da história do futebol alagoano. O marketing em torno da partida foi grande, uma vez que as duas torcidas – do CRB e do CSA - teriam a oportunidade de rever em campo ídolos que marcaram época no Clássico das Multidões, como Joãozinho Paulista, Coca, Silva, Edson, Paranhos, Jorginho Siri, Peu, Jacozinho, Rommel, entre outros.

Esse momento marcava também o retorno do CSA à primeira divisão do Campeonato Alagoano, do qual ficou de fora por dois anos subsequentes. À época, o time do CSA vinha com uma seqüência de maus resultados na Copa Alagipe (Campeonato onde participam times alagoanos e sergipanos), onde, por algum tempo, ficou “segu-

rando a lanterna” do Grupo B. Como expomos anteriormente, após o clássico deu-se início ao tumulto, que foi encerrado com um saldo de mais de 100 pessoas detidas. Impossível mensurar as motivações para o ocorrido, mas é coerente admitirmos que o razoável espaço de tempo em que esses dois grupos ficaram sem se enfrentar tenha aguçado os ânimos de seus torcedores. Muitos dos membros da TOF citam esse fato como atenuante para o ocorrido.

Como afirmamos, alguns integrantes da Comando creditam a extinção das TOFs alagoanas à falta de preparo do policiamento. Eles também repreendem a ação do Ministério Público, ao extinguir a atuação das TOFs. O jovem de 21 anos alega: “eu acho isso uma besteira porque mesmo se extinguir a torcida, não vai ter outra do mesmo jeito? Pronto a Comando Vermelho e Mancha Azul, teve a Extinção da Comando Vermelho, foi criada a Comando Alvi Rubro agora... E o da Mancha eu não sei... Ai eu acho isso uma besteira por parte das autoridades assim...”.

Fala semelhante ouvimos de um membro da Mancha Azul: “E a Mancha ainda tá proibida de entrar nos estádios por conta da liminar do Ministério Público, e pressão, pressão mesmo da imprensa que queria extinguir as torcidas e não combaterem a violência... Não acaba a violência extinguindo a torcida. Você acaba punindo quem pratica a violência. Você tem que punir quem cometeu os crimes pra que não cometa mais. É... exemplo em São Paulo passou quase 10 anos sem entrar a torcida organizada nos estádios e não acabou, e não acabou com a violência...”

Os torcedores argumentam que os confrontos ocorrem normalmente por motivos de provocação por parte da torcida adversária: “acontece porque às vezes bate de frente assim e não tem como evitar... tem que ir pra cima ou apanha... Ou vai pra cima ou apanha... Não tem jeito é briga... Não tem jeito não. Se não der apanha... a gente anda na da gente, né? A gente anda no percurso da gente. Só porque sempre tem um mais espertinho que tem que vir pra cima, aí... rola madeira...”(integrante da TOCV).

Diferentemente do pensamento do senso comum, os atos de agressão não são vistos como privilégios de torcedores, uma vez que nada indica que a violência praticada por estes seja de caráter diferenciado daqueles praticados por um cidadão comum. Assim também o diz Souza (2005), quando expressa ser mais inquietante e mais absolutamente necessário reconhecer que “a disposição para a violência está em todos nós. Ela está na origem da cultura, no mito do assassinato do pai primordial²¹ que a funda, no ódio primordial que surge como sombra da imagem narcísica, e na aniquilação repetitiva dos dominados pelos dominadores” (Souza, 2005, p. 29).

Num diálogo com um dos membros da Comando Alvi Rubro, ao levantarmos o tema da violência física contra os integrantes da Torcida Mancha Azul, ao ter sido visto circulando em “território inimigo”, obtivemos o seguinte comentário: “não tem como deixar passar, o pessoal tem ódio mesmo. A violência vem de dentro. O cara já tem a violência dentro de si, e quando acontece um episódio desse, parte pra cima mesmo”, enfatiza. Este depoimento deixa transparecer uma certa naturalização da violência inter-torcidas. Mas, é importante trabalharmos com a idéia de que apesar de constitutiva dos sujeitos, a violência não pode ser a regra nas relações civilizadas.

“O fato de a violência fazer parte da constituição do psiquismo não pode nos levar a diluir seu impacto e atenuar seu horror. Desta forma, é preciso pensar que destino será dado à agressividade, própria dos sujeitos humanos, e as circunstâncias que favorecem a irrupção incontrolável e generalizadora no tecido social, do abuso da força em detrimento de outras formas possíveis de resolução dos conflitos e da diferença” (Souza, 2005, p. 28). Necessário se faz recorrer às instâncias e mediações sociais que nos levam a interditar tais atitudes, sejam elas físicas ou psíquicas.

²¹) “O pai primordial monopoliza as mulheres – portanto, o prazer – e submete os filhos. Eles odeiam o pai e combinam entre si matá-lo e devorá-lo. Unidos pela culpa do parricídio, formam um clã com tabus de parricídio e incesto que são auto-impostos. Deixam de lutar pela sucessão do pai primordial, pois compreendem que tais lutas são inúteis. Isto ao leva a estabelecer uma união entre si, uma espécie de contrato social. Aparece então a primeira forma de organização social acompanhada pela renúncia às satisfações instintuais; pelo reconhecimento de obrigações mútuas; por instituições declaradas sagradas, que não podem ser dissolvidas, em suma, começam a surgir a moralidade e a lei (MacIntyre apud Costa, 2003, p. 45-46).

Quando Tubino (2001) propõem relativizarmos a violência no espaço esportivo, considera que os atos de vandalismo em espetáculos de futebol iniciaram-se, quase sempre, fora das áreas de competição. Como ruas, bares, internet e outros encontros sociais.

Atribuímos à fragilização dos laços identificatórios grande responsabilidade nas práticas violentas que também conduz ao enfraquecimento dos valores e das relações sociais positivas. Como vimos, somente o fortalecimento desses laços, que são culturais, poderia evitar a explosão das pulsões destrutivas entre os indivíduos. Essa realidade nos põe diante de alguns dilemas: como evitar tal problema em uma conjuntura onde esses vínculos estão demasiadamente fragilizados? Que projetos identificatórios nossa sociedade oferece, principalmente para sua juventude?

Tais questões podem ajudar a encontrar elementos de compreensão para parte do comportamento violento dos jovens na contemporaneidade. Quando esses laços emocionais estão enfraquecidos as atitudes ofensivas estão mais sujeitas a virem à tona; e esta possibilidade se agrava quando os jovens estão em aglomeração.

4.2 – RELAÇÕES INTER-GRUPOS E IMPRENSA

Um dos fatores que podem desembocar nesses confrontos são as provocações que, por diversas vezes, são “plantadas” em outros cenários, e não, necessariamente, nos estádios e seus arredores. O simples fato de um azulino circular nas proximidades²² da torcida regatiana pode ser motivo da explosão de atos violentos.

Durante nossa observação participante, antes de entrarmos no estádio Rei Pelé, na partida entre CRB x Barueri, no último jogo pelo Campeonato Brasileiro da

²²) Ou seja, nos bairros que compreendem a região da Pajuçara e adjacências, onde se localiza a sede do Comando Alvi Rubro e a concentração do Clube do CRB.

Segunda Divisão de 2007, em Maceió, deparamo-nos com um verdadeiro arrastão promovido por torcedores da Comando. Eles gritavam palavras de ordem e iam ao encontro dos torcedores da Mancha. A partida sequer havia começado, o que nos deu a impressão de ser uma ação com intuito de demarcação de território, o “território Alvi Rubro”.

Tubino (2001), seguindo explicações de sociólogos e psicólogos na área esportiva, reforça como causa das agressões levadas para as disputas esportivas, as experiências frustrantes que as pessoas vivenciam. A violência nas praças esportivas, que até bem pouco tempo era apenas um prolongamento dos ânimos em função da própria disputa, permanece após o término das partidas. Atualmente, diz ele, acontece o contrário. Existe toda uma preparação entre os grupos para uma outra “guerra”, que se inicia nos insultos gratuitos e geralmente estende-se até as agressões físicas após o jogo.

Um outro episódio que presenciamos em nossa pesquisa de campo aconteceu quando chegávamos ao Estádio Rei Pelé, para a partida entre CRB x Santa Cruz, pelo campeonato Brasileiro da 2ª divisão. Cerca de 40 minutos antes do início da rodada, percebemos um motorista de uma das Rádios que estava dando cobertura à partida transtornado por ter sido atingido, com uma pedra, por torcedores da equipe do Santa Cruz. Havia um corte superficial na testa do motorista.

Era clara a revolta da vítima, que se perguntava o porquê de tanta violência. Inconformado com a cena, o repórter do mesmo veículo fez um relato do acontecido no ar e demonstrou toda a sua indignação com um discurso onde se posicionava a favor da total eliminação jurídica das Torcidas Organizadas de Futebol:

“...isso não pode mais acontecer. A polícia é insuficiente no local. Se não houver mais policiamento, um policiamento reforçado vai haver mais

confusão com certeza. Faça um apelo para o reforço do policiamento. É por isso que sou contra a existência dessas torcidas organizadas. Não concordo com a atuação dessas torcidas nos estádios”.

Essa idéia, que também está presente no senso comum, não foi construída gratuitamente. Fator atenuante para a imagem que possui a sociedade dessa violência exacerbada nas TOFs está numa realidade bastante complexa e difícil de ser percebida por aqueles que não se envolvem com os pormenores da questão. Além dos elementos aqui citados, existe também outro agravante: muitos associam-se às Organizadas no intento de buscarem mais espaço e “liberdade” para impor a força perante os outros componentes e até para encontrar respaldo em práticas ilícitas, escondendo-se por trás da multidão, que forma a TOF. Essa realidade dificulta ainda mais a possibilidade de reconhecimento e aceitação das TOFs perante a sociedade.

Essa avaliação está presente na literatura que pesquisamos e também entre a imprensa esportiva e alguns membros das TOFs. Essa postura agressiva “no meio da multidão” diminui as chances de identificação do agressor, o que reduz a possibilidade de o agressor ser punido pelo seu ato. Arent (2001), sobre esta questão, faz a seguinte reflexão: “onde todos são culpados ninguém o é; as confissões de culpa coletiva são a melhor salvaguarda possível contra a descoberta dos culpados... a melhor desculpa para fazer nada” (Arent, 2001, p.48). A atitude de violência gratuita pode ser conferida pelo membro de uma TOF:

“...Agora, não era briga por causa do time, era briga porque é como se fosse um exemplo, duas gangues, duas gangues que gostam de brigar uma com a outra... de galera... Como trio elétrico, bairro contra bairro... por exemplo a Coréia brigava com os cara do Vergel, quando tinha Festival da Pipoca, lembra? Aí brigava, aí pronto... E a mesma coisa Comando e Mancha, briga, briga como se fossem rivais assim, duas gangues...” (membro de 29 anos).

Mas afirma ser minoria aqueles que procuram as TOFs somente pela violência:

"...é minoria... Nem todo mundo vai não, porque pra você ver, você pode ate ir pro jogo do CRB... agora não que o CRB deu uma recaída... Quando o CRB tiver bom, que ta ganhando, que da um monte de gente mesmo, que fica em cima e em baixo a Comando... Cê pode olhar que ali tem pra mais de mil cara ali... pulando... Na hora do arrastão da rua se você vê 500, 600 e muito... Então não vai nem a metade... Agora os cara que vão com a metade vai com o instinto de brigar mesmo, no meu caso quando eu ia... Agora hoje eu não vou. Se eu tiver com dinheiro sobrando eu pego um táxi, eu pego um ônibus ou vou pra casa de pé... Eu não vou brigar porque também... Primeiro eu não posso por causa do meu trabalho e segundo porque eu já to um cara maduro, né?" (integrante de 29 anos).

A questão da violência, dentro e fora dos grupos, surge a partir de múltiplos fatores. Um olhar superficial pode resultar em motivações e generalizações que não nos interessa fazer enquanto pesquisadores. O problema das infiltrações de membros nas TOFs deve ser tratado com bastante cautela, uma vez que esse dado traz mais complexidade à realidade vivenciada nas TOFs. Na maioria dos discursos percebemos grandes semelhanças a respeito das motivações de violência gratuita. Muitos ressaltam com veemência que aqueles que se infiltram no grupo são os que fazem a má fama das Organizadas.

"Olhe, e também não é nem as torcidas... Tem gente, muitos que gostam. Como te falei, pra você... Às vezes a maioria diz que briga mesmo, pra dizer a verdade, pra resumir a historia, pra dizer a verdade, às vezes não são nem da Comando, nem cadastrado e. Às vezes eles se infiltram nas torcidas... Eu falei que é, é. Não adianta escutar, tem cara que gosta de brigar, como eu no caso, eu gostava... Só que não é maioria dos componentes... Alguns que gostam e às vezes esse algum que gostam...Um exemplo, se

tiver 50, e 50 que tem a carteira e 30 que não é nem cadastrado... Pronto, nesse caso de ônibus, eu falei de briga, mas no caso que apedrejam ônibus... Quem apedreja ônibus não é os cara que é cadastrado, é os cara que não são cadastrados na torcida. Às vezes é maloqueiro que vai ali pra vender alguma coisa, vender alguma droga, roubar e bagunçar, quebrar o vidro do ônibus, mas não é da torcida, não são cadastrado... Às vezes é maloqueiro que vão lá e se infiltram... A camisa tá ali pra vender pra qualquer pessoa, compra quem tem dinheiro", explica.

Há um consenso entre os sociólogos que estudam os fenômenos esportivos, particularmente os que pesquisam o fenômeno dos grandes grupos, que muitos praticantes de delitos estão infiltrados nas torcidas para a prática de tais ilicitudes. Outro grande problema no que concerne à imagem das TOFs perante a sociedade está em como as informações são transmitidas pela imprensa. De acordo com Pimenta (2004), a maioria dos cronistas e dos dirigentes esportivos enxergam na pobreza a causa da violência e vandalismo, atribuindo esses atos para uma pequena parcela de "marginais" que gerenciam as ações de violência entre os agrupamentos de jovens.

Na pesquisa pudemos verificar aspectos desse discurso, tanto entre os comunicadores, como entre os órgãos institucionais. Muitos creditam a violência à pobreza; outros à falta de estrutura familiar e emocional; à desesperança no futuro; ao uso de drogas; ao extravasamento dos instintos agressivos; à identificação com o grupo; às atitudes agressivas praticada por esses grupos. Porém, reconhecemos ser ainda muito forte o estigma que reforça a seguinte equação: TOF = Violência + Pobreza.

Além desses fatores que podem formar uma sociabilidade complexa e, muitas vezes, violenta entre os grupos existe ainda um ponto crucial que merece ser explorado, que é o comportamento grupal, ou seja, a sujeição pela qual passam os indivíduos quando envolvidos num coletivo.

4.3 – A LÓGICA DOS GRUPOS

O movimento de torcidas organizadas ainda não existia no contexto histórico vivenciado por Simmel e Freud. Todavia, o detalhamento com que foram expostos os temas referentes aos grupos autorizam-nos a utilizá-los como ferramentas de compreensão do mundo coletivo. O estudo dessas características grupais é essencial para o entendimento das ações de uma TOF.

A importância desse fenômeno já era considerada pela própria psicologia, como admitiu Freud em seu livro "Psicologia dos Grupos e Análise do Ego":

"É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desses indivíduos com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social" (Freud, 1974, p. 91).

Simmel (2006), indubitavelmente, soube reconhecer também o caráter psicológico das massas que influencia o comportamento grupal. Para ele, a partir dos processos de socialização, as ciências sociais tomaram para si a obrigação de estudar os grupos entendidos como unidades. Era clara a necessidade de trazer esse enfoque para o questionamento sociológico a partir do qual buscou entender as diferentes características na formação do sujeito em sociedade e na vida individual. Segundo ele era preciso tratar a unidade grupal "como se ela fosse um sujeito com vida, leis e características internas próprias" (Simmel, 2006, p. 40).

A primeira importante questão levantada por Simmel é de extrema relevância para nosso estudo, e vem no sentido de ressaltar a determinação dos grupos em contraposição à hesitação do indivíduo. O que significa dizer que as certezas são mais presentes entre os grupos. Embora possam oscilar entre seus intuítos, os grupos são sempre mais determinados em suas ações. Se transportarmos esse pensamento para as TOFs fica claro perceber porque a formação de torcedores, apesar de heterogênea, comporta alguns aspectos que podem ser vistos como homogêneos. As ações desses integrantes são sempre semelhantes em grupo, seja na hora de xingar o juiz, de insultar o time adversário, ou mesmo de comemorar. O agir coletivo se sobrepõe ao individual como forma de "contágio".

O referido autor relaciona as atitudes determinantes nos grupos àquelas mais primitivas existentes no indivíduo, às quais não existem hesitações. Talvez esteja embasada aqui a crítica de Toledo (1996), já exposta anteriormente. Porque, segundo Simmel, nas ambições primitivas, o indivíduo não escolhe e não hesita.

Quando essa noção de impossibilidade desaparece tudo é possível de acontecer, inclusive, uma explosão de violência contra a torcida rival. De acordo com Simmel, as ações da sociedade possuem um propósito muito mais definido do que a dos indivíduos. Ainda que mudassem o direcionamento de ação, dificilmente os indivíduos não acatariam as decisões propostas pelo grupo.

Essa idéia é tão presente no universo social na atualidade que muitos tendem a responsabilizar a coletividade por atos de extrema imprudência, muitas vezes, do poder público ou administrativo de instituições. Como exemplo, citemos o que ocorreu no Estádio da Fonte Nova, em Salvador, pelo Campeonato Brasileiro da série C de 2007, jogo no qual o Bahia Futebol Clube ascendeu à série B do Brasileiro. Uma parte da arquibancada superior desabou, matando sete pessoas e deixando 85 feridas. A direção da Sudesb (Superintendência de Desportos da Bahia e empresa que

administrava o estádio) acabou por desviar o foco do problema e responsabilizar os torcedores que invadiram o campo logo após a partida. Desta forma ninguém fica responsabilizado, pois na ação grupal é difícil se apontar o verdadeiro culpado.

Outro aspecto de seu pensamento que merece atenção é o que diz respeito ao significado sociológico da semelhança e diferença entre os grupos. Ainda que admita ser de extrema validade a busca pela semelhança entre os componentes de uma unidade, o autor confere grande importância à diferença. "Bastaria dizer que, para a ação no âmbito das relações do indivíduo, a diferença perante outros indivíduos é muito mais importante que a semelhança entre eles. A diferenciação perante outros seres é o que incentiva e determina em grande parte a nossa atividade" (Simmel, 2006, p.26).

E não é difícil provar tal assertiva. Nos estádios de futebol são constantes os comportamentos que denotam o interesse pela diferenciação individual perante o grupo. A TOCV possui cerca de 14 Pavilhões, que seriam tipos de sub-grupos divididos a partir da localização geográfica dos bairros da capital. São grupos formados no interior das torcidas que visam obter controle de uma parcela da Organizada. Porém, essa divisão pode denotar ainda o desejo implícito de diferenciação.

Corroborando com o que aponta Simmel, a TOCV está subdividida em pavilhões que representam as comunidades. Basta que analisemos as faixas colocadas no estádio em dias de jogos, fazendo referência a esses sub-grupos existentes dentro da TOCV. Quando acessamos as Comunidades direcionadas à TOCV no Orkut se percebe, através dos cânticos, gritos de guerras e frases, as tentativas dos Pavilhões em demonstrar superioridade, não só às torcidas adversárias, mas também aos outros da própria Comando. Coaduna-se com a afirmação de Simmel: "é como se cada individualidade sentisse seu significado tão somente em contraposição com os outros, a ponto de essa contraposição ser criada artificialmente onde antes não existia" (Simmel, 2006, pgs. 46-47).

Citemos, para exemplificar, um trecho extraído da Comunidade da Torcida – Pavilhão 3: "essa comunidade é pra quem é do p3 só moral..bonde sinistro, bonde do terror quem entra na comando é maconheiro e pinchador". Estas divisões dentro de um mesmo grupamento, como é o caso das TOFs, já foram analisadas por Simmel como um elemento comum às associações.

"Percebe-se assim, que associações – desde grupos legislativos até agremiações com fins de diversão – com pontos de vista e objetivos unificados, após algum tempo, se desmembram em facções que se relacionam entre si da mesma maneira que, quando unidos, se mobilizariam contra um grupo de tendência radicalmente diferente" (Simmel, 2006, 46).

É sabido que Simmel nunca realizou estudos sobre o comportamento das TOFs. Fazemos essas análises a partir das proposições destes autores porque ambos trataram da ação grupal com a atualidade pertinente à questão. Poderíamos agora dizer que essa busca pela diferenciação tem início já na própria base dos grupos, em sua origem, do desejo de se destacar dos demais torcedores comuns. Essa óptica pode ser percebida também pelos profissionais da imprensa, estando presente no comentário de um dos radialistas entrevistados. Para o repórter, os integrantes dessas facções buscam ocupar um espaço diferente do torcedor sem organização que vai voluntariamente aos estádios com o intuito de torcer e admirar os seus jogadores preferidos. E reforça:

"Tudo começa com um grupo de vizinhos, amigos, colegas de trabalho, etc. Vão aos estádios, torcem juntos e voltam juntos para casa. No entanto, alguns grupos se aprimoram e desenvolvem uniformes, camisas, bandeiras, papel nas cores do clube, gritos de guerra e outras coisas mais. Daí, começam a apresentar algo diferente dos demais. Seguindo

uma lógica natural, esse grupos passam a serem notados pela verdadeira massa e a conquistarem adeptos” (radialista, 2008).

Todo grupo para constituir-se como tal também precisa de alteridade. Deve mostrar-se mais forte, superior, mais imponente. Um grupo sem adversários não se sente coeso. A rivalidade é condição essencial para sua existência. E para reconhecer-se como unidade potente ele precisa valorizar suas qualidades e ressaltar as “fraquezas” do outro.

E imprescindível que essa superioridade seja demonstrada e reforçada a cada instante. Em um de nossos encontros com integrantes da TOCV, ficou explícita a necessidade de vitalidade nas torcidas. “A torcida precisa de número; quanto maior, melhor”. O interesse pela grande “multidão”,²³ e até pela “democratização” a qual seus dirigentes primam, advém da compreensão de que número impõe respeito e valoriza o grupo. Mas é certo que, sem a alteridade, sem a imagem formada de um outro sujeito, um adversário, um rival, oponente, esse grande número de pessoas não teria a quem dirigir sua competitividade e rivalidade. É em relação ao outro que um grupo existe e persiste, traçando suas ações, seus objetivos e suas estratégias. Para tanto, um dos artifícios mais utilizados pela Comando, e também pela maioria das TOFs, é a desvalorização da torcida adversária através de agressões verbais. São muitos os xingamentos e ataques que tentam atingir a virilidade do adversário.

Essas agressões e os ataques à honra e à “masculinidade” da torcida rival são também uma forma de reforço da unidade e identidade grupal, como expomos no capítulo 3. Entendemos que o termo “Mancha Gay”, atribuído aos torcedores azulinos (CSA) pela Comando, é usado para enfraquecer e fragilizar o oponente e mostrar a “superioridade” da TOCV.

²³) *Multidão como expressão comumente utilizada no sentido de aglomeração de pessoas com um fim determinado, não no sentido real de grupo utilizado no texto.*

4.4 – SOCIABILIDADE NO GRUPO

Tomando como referência o pensamento de Simmel, observamos que a sociedade baseia-se nos processos de interações sociais que o autor denomina de sociação. Esse processo de interação e mudanças constantes é o que cria os sistemas existentes na sociedade, e que a constitui enquanto coletividade.

Aqueles tipos de interação que fazem parte do dia-a-dia das pessoas, contidos nas relações humanas mais simples, como a conversa, os jogos, e as relações menos pretensiosas, também formam e atuam na constituição das instituições como um todo. Muito mais do que as decisões operacionais, as ações despreziosas e as trocas simbólicas fazem desses grupos (as TOFs) o que eles representam hoje. Esse é o pressuposto predominante nas teorias Interacionistas e Etnometodológicas, sobre as quais expomos nossa pesquisa e a partir das quais valorizamos as formações discursivas formuladas pelos membros das TOFs. São essas relações que formam as TOFs e que, aliada às suas ações, ajudam a compor o tecido social.

Os indivíduos possuem ligações muito próximas e exercem influências constantes uns sobre os outros. As interações são determinantes para a constituição dos grupos; seu contato com os outros formam e transformam essa unidade. A esse processo Simmel chama de sociação, como assinalado anteriormente. Em muitas formações coletivas, e mais especificamente nas de Torcidas, são os processos de sociação que formulam sua base. Ousamos afirmar que é nesse processo de sociação que os indivíduos afirmam-se e se individualizam, criam e recriam estímulos indispensáveis para suas ações diárias. Nem sempre o lema de “Torcer e empurrar o time” vigora como fundamental, por isso acreditamos ser no processo de sociação e mais do que isso, na sociabilidade existente, que esses grupos se fortalecem a partir das particularidades encontradas na coletividade.

4.5 – INDIVÍDUO X GRUPO

Entre tantos pontos convergentes nas leituras dos pensadores aqui citados, apresentamos um em especial: a constatação de que os indivíduos agindo isoladamente têm mais capacidade de reflexão crítica que quando estão inseridos no grupo. Assim, pretende-se uma superioridade do indivíduo em relação ao grupo.

"Pode realmente acontecer que se fale com desprezo do "povo" e da "massa" sem que, com isso, o indivíduo se sinta atingido, pois realmente não é dele que se trata: quando se considera o indivíduo em si e em seu todo, ele possui qualidades muito superiores àquelas que introduz na unidade coletiva" (Simmel, 2006, 48).

Isso porque, para Simmel (como também para Durkheim), o grupo não seria a soma dos indivíduos, mas um novo fenômeno que aparece dos fragmentos de cada um que coincidem com os demais e esses fragmentos seriam os mais primitivos, aqueles que ocupam o lugar mais baixo no desenvolvimento. Sendo assim, o grupo tenderia a demonstrar as reações mais primitivas. E, por isso, o indivíduo nesse meio não agiria mais em seu nome e suas características não mais seriam explicitadas, mas sim aquelas características que o faz semelhante aos demais que, segundo o autor, seriam as mais inferiores.

Essa nova unidade, na qual se transformou o grupo, é bem menos complexa do que o indivíduo. Simmel diz que ela (a nova unidade grupal) possui idéias simples e talvez por isso tenha sido concedido a ela o caráter primitivo. Citemos um fato referente à partida entre CRB x Barueri, pelo Campeonato Brasileiro (série B) de 2007, em que identificamos o que está sendo exposto. Entre os torcedores era perceptível a alegria e satisfação com a iminente vitória da equipe. O jogo finalizou com o placar de 4 x 1. O time regatiano não corria mais risco de rebaixamento e a tranquilidade já imperava. Era dia de festa, e todos estavam em clima de comemoração. Diferentemente de outras partidas em que o clima era de constante

tensão, quando a equipe brigava pelos pontos necessários à sua permanência na Série B, o momento era de descontração. A torcida adversária não representava nenhuma ameaça para a "Comando", uma vez que não existia nenhum histórico de rivalidade entre ambas.

A alegria, os cânticos, as demonstrações de afeto para com o time e seu torcedor, os abraços, expressões de um grupo realizado, eram gestos que dificilmente se poderia presenciar entre os indivíduos em sua vida particular. O que era dito naquele momento, só podia ser dito naquele momento, o que era feito em tal situação, não era possível nem permitido ser realizado em outro ambiente, levando-se em conta os padrões valorativos vigentes na sociedade. O grupo se constitui numa personagem com características próprias de uma formação coletiva, assumindo posturas mais simples, emotivas e sendo mais enfático em suas atitudes. No contexto grupal a vergonha, as inibições e os raciocínios mais complexos dão lugar à descontração e à afetividade momentânea e fraterna, expressa em abraços e beijos entre os membros das TOFs.

Simmel sustenta que o sentimento, em contraposição ao intelecto, é o que existe de mais primário e universal. Segundo ele, no âmbito do sentimento fica patente o recuo do nível individual diante do social. Entre as "massas" aglomeradas dentro de espaços fixos o estudioso sente que *"há algo que se poderia chamar de nervosismo coletivo: uma sensibilidade, uma paixão, uma excentricidade freqüentemente próprias das grandes massas, raramente demonstradas em qualquer um de seus integrantes considerado isoladamente"* (Simmel, 2006, 52).

Enquanto Simmel dava atenção para os efeitos que o sentimento provoca na ação dos grupos, Freud destaca o sentido da Sugestionalidade. De acordo com o que vimos, podemos constatar que a massa é sugestionada a agir pela "ordem" das lideranças, podendo levá-lo a assumir tanto comportamentos negativos como positivos, na mesma proporção.

"Somente ele [o sentimento] explica os crimes de massa, a respeito dos quais, posteriormente, cada participante isoladamente declara sua inocência – com consciência subjetiva limpa e também não desprovidos de razão objetiva, uma vez que a predominância excessiva dos sentimentos destrói as forças do espírito que habitualmente sustentam a consciência e a estabilidade da pessoa, e, portanto, sua responsabilidade" (Simmel, 2006, 54).

Essa sugestionalidade pode ajudar na explicação do fenômeno da violência entre os torcedores, mas não pode ser responsabilizada unicamente por tal fato. É certo que a sugestão pode levá-los a cometer atos que não fariam fora daquele ambiente. Quando a emoção se sobressai à consciência do indivíduo ele pode ser capaz de cometer ações impensadas. É a sugestão que faz com que os sujeitos ajam de acordo com o desejo do grupo e abstraia suas "vontades" como ser uno. O espaço entre o pensar e o agir fica tão precário que o membro perde a capacidade reflexiva. Por outro lado, ainda segundo Freud, no grupo as ações generosas estão mais suscetíveis a realização do que no plano individual; enquanto que com os indivíduos isolados o interesse pessoal é quase imperativo, nos grupos ele muito raramente aparece (Freud, 1974).

Para Freud, um indivíduo tem seus padrões morais elevados por um grupo. Simmel concorda quando diz que "o arrebatamento da massa pode ser direcionado também para um lado eticamente valoroso: é capaz de produzir um entusiasmo nobre e uma dedicação irrestrita que não eliminam seu caráter distorcido e irresponsável" (Simmel, 2006, p. 54). Observando os momentos de euforia vivenciados pelos fanáticos torcedores, podemos concordar que, em grupo, as pessoas estão mais predispostas a atitudes arrebatadoras e impensadas; o que não significa dizer que essas ações estejam sempre voltadas a atitudes agressivas. As ações negativas assumidas pelo grupo dependerão das circunstâncias e dos estímulos recebidos pelos mesmos.

Enfatizando a diminuição do inconsciente nos fenômenos de massa, Simmel e Freud nos ajudam a compreender o comportamento dos grupos, considerando que a ação destes é díspare da ação individual. "Sabemos hoje que, por vários processos, um indivíduo pode ser colocado numa condição em que, havendo perdido inteiramente sua personalidade consciente, obedece a todas as sugestões do operador que o privou dela e comete atos em completa contradição com seu caráter e hábitos" (Freud, 1974, p. 99).

A imprevisibilidade da ação dos grupos, particularmente das TOFs, nos faz concordar que os membros assumem posturas que, isoladamente, não assumiriam, fazendo com que, inclusive, não se sintam responsáveis por seus atos quando inseridos no contexto grupal.

"A multidão é impulsiva, versátil e irritável e se deixa guiar quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heróicos ou covardes, mas são sempre tão imperiosos, que a personalidade, inclusive o instinto da conservação, desaparece ante eles. Nada nela é premeditado" (Freud, 1974).

Esse aspecto é crucial na medida em que é possível constatar que as motivações para a prática de atos agressivos podem ser estimuladas pelo grupo e pelo processo de identificação vivido pela coesão do coletivo. União, força, referências, vontade de poder, superioridade, potência, auto-afirmação, identidade são adjetivos que embasam os grupos e que atraem tantos adeptos em momentos coletivos. Identificamos que os jovens são extremamente atraídos por estes contextos, pois vivenciam um processo de construção de suas identidades que ficam fortalecidas pelos laços de pertencimento e os estímulos e sugestões estabelecidos pelo grupo.

Outro aspecto importante para refletirmos as ações dos grupos diz respeito à

tendência de os membros deixarem em suspenso seus próprios valores em favor da vontade coletiva. Assim, o membro atua como parte do grupo e não mais como um sujeito "isolado". Enquanto algumas características somem, ou estão suspensas, outras aparecem e o personalizam.

Para ilustrar o que estamos discorrendo no campo teórico, trazemos o relato do comportamento das torcidas do CRB (Comando Alvi Rubro) e do Santa Cruz (Inferno Coral) na partida realizada no estádio Rei Pelé, conhecido como Trapichão, pela 22ª rodada do Campeonato Brasileiro série B, onde tivemos a oportunidade de fazer uma observação participante. O estádio estava repleto de torcedores e as duas torcidas divididas em locais reservados. A separação geográfica não surtiu o efeito desejado; ao invés de acalmar os ânimos dos torcedores, esquentava ainda mais a disputa, que se revelava em provocações e xingamentos de parte a parte.

Os gritos de guerra, o som da bateria, as músicas pareciam estar sendo cantadas quase que exclusivamente para provocar o torcedor adversário. Não bastasse a tradicional rivalidade regional existente entre os times, os membros da torcida do CSA, arquiinimiga do CRB, uniram-se aos torcedores da Inferno oral. O clima de rivalidade ampliara-se, tornando o ambiente ainda mais favorável ao descontrole e ao embate corporal. O time do Santa Cruz iniciou ganhando, mas o CRB empatou e depois virou o jogo. A situação ficou muito tensa e o conflito ficou inevitável.

As torcidas se agrediram invadindo mutuamente os espaços reservados às torcidas rivais. Como estávamos localizados entre os torcedores regatianos, presenciamos alguns "arrastões". Foram vários os momentos de conflitos em que a Polícia Militar teve que atuar com intensidade. Numa mistura explosiva de sentimentos de medo, raiva, entusiasmo e insegurança os elementos de rivalidade não bastavam para explicar o que ocorria. Através do contágio, da sugestionalidade, atos imprevisíveis poderiam ocorrer, anulando o verdadeiro sentido daquela reunião.

Corroborando com a tese de Freud, aquela situação demonstra que a massa "vai diretamente a extremos: se uma suspeita é expressa, ela instantaneamente se modifica numa certeza incontrovertível; um traço de antipatia se transforma em ódio furioso" (Ibid, p.102). Esta dimensão de tensão com a vivência coletiva fica claramente expressa nas palavras de um profissional da imprensa que entrevistamos.

"Os estádios de futebol são arenas modernas. Vez por outra surgem ecos desse sentimento de confronto, vitória e derrota. Morte e vida. Por isso, considero que quando o azul e o vermelho se enfrentam, muita coisa está em jogo. O acirramento e a ira afloram. A rivalidade é o combustível. Por causa da onda de violência e dos arrastões promovidos pelas tais organizadas muitas famílias deixaram de frequentar estádios de futebol. Os gritos desafidores, provocantes. A cólera nos gritos desafidores e a paixão potencializada pelo álcool e pelas drogas acabam por formar uma combinação explosiva. Ou seja, do jeito que o diabo gosta. Basta um insulto, um olhar, um empurrão desprentensioso e o cenário está pronto" (fala de radialista, 2008).

4.6 – HETEROGENEIDADE E COESÃO

A complexidade da torcida e sua heterogeneidade é outro ponto relevante para a análise do comportamento desses grupos. Ele pode ser guiado por um objetivo central. Porém, no momento de sua constituição, no engajamento de cada membro, podem estar ocultos diversos interesses e motivações incapazes de serem reconhecidos por completo. Essas possíveis motivações podem ser desconhecidas até mesmo pelo próprio membro.

Os grupos de torcedores são formações coletivas com um fim específico, porém cada pessoa cumpre um papel diferente na organização e dá um sentido especial à

sua própria participação. As causas da adesão e permanência podem ser de diversas ordens, como por exemplo, amor pelo time do coração, por uma questão de tradição familiar (aí estão incluídos fatores como orgulho, virilidade, aceitação, amor a um ente querido), disputas físicas, ideológicas, econômicas, rivalidades regionais, reconhecimento social, identificação pessoal e grupal etc. Torcer pode ser apenas um pretexto. Vejamos o que diz uma jornalista, que participou da fundação da Mancha Azul, quando indagamos sobre a importância das torcidas para seus membros:

"Para muitos integrantes, as torcidas representam TUDO! Muitos até idolatram mais a torcida do que o próprio clube por qual torcem. É como uma religião, envolve fanatismo e paixão. Como já fiz parte de uma TO, a Mancha Azul (fui uma das fundadoras), que antes era Força Jovem, eu pude perceber isso em muitos componentes. O q acho errado, porque eles têm que colocar o clube em primeiro lugar, porque sem o clube, a torcida não tem razão de existir" (Jornalista, 2008).

Um integrante da Mancha Azul, torcida rival à Comando Alvi Rubro, comunga com esse pensamento, que também esteve presente em muitas das falas dos associados regatianos, como exposto durante a discussão. *"Pra maioria é tipo assim, uma religião. Isso é tudo pra eles, né? A torcida tá até em primeiro do que o clube, né? Muitos entram primeiro na torcida pra depois começar a gostar do time."* Reforço ao argumento de que o pertencimento a um grupo de TOF pode, por vezes, significar a busca da afirmação compartilhada com os demais componentes, e não somente a participação efetiva nos espetáculos futebolísticos.

Durante nosso trabalho de campo pudemos observar, por diversas vezes, esse aspecto de heterogeneidade do grupo. As torcidas não fazem restrições nem seleções para o ingresso de seus participantes e a única exigência é o pagamento de uma taxa mensal, além da apresentação dos documentos necessários, para se tornar Torcedor Organizado.

"A torcida é democrática", afirma um dos membros.

Para se associar é necessário apenas apresentar uma foto, xérox da identidade, xérox do comprovante de residência e, se for menor, autorização do pai, mãe, ou responsável. Não há restrições. A diversidade de perfis é aguda. Pessoas de todas as classes, ocupações e idade fazem parte do quadro da Organizada. *Mas é forte a presença de jovens no grupo. "Temos Famílias, crianças, marido, mulher, crianças... Policial civil, policial federal... mas o que predomina hoje é adolescente assim... de 18 a 19 anos... de 18 a 25"*. (fala de membro da Diretoria)

Pessoas das mais diversas idades, segmentos sociais, dos mais variados interesses integram as TOFs. Porém, na medida em que o jogo começa, essas diferenças se dissipam, ainda que por instantes, e o que prevalece é basicamente a vontade de ver seu time a frente da tabela. Essa coesão torna o grupo homogêneo por alguns instantes.

As questões aqui expostas sobre a operacionalização dos grupos vieram no sentido de propiciar o entendimento do que existe em comum em seu comportamento sob a óptica de alguns autores clássicos reconhecidos, tanto na área da sociologia como na da psicologia. Com essas reflexões definimos alguns elementos para analisar o mundo das TOFs.

É preciso lembrar que essas teorias não são aceitas aqui como regras que devem ser seguidas, mas sim como ingredientes que podem ser utilizados para se pensar o fenômeno. Até porque mergulhamos no campo das trocas simbólicas e das interações vivenciadas pelos seus integrantes e constatamos que qualquer tipo de enquadramento determinista nos levaria a conclusões falsas e precipitadas. O que nos autoriza reafirmar que muitos são os fatores que dão forma a essa coletividade, como os que vamos expor no próximo capítulo, que trata dos efeitos de sentidos produzidos pelas manifestações discursivas, práticas e performances das torcidas; um tema que entendemos ser crucial para o estudo das TOFs.



CAPITULO V

5 - EFEITOS DE SENTIDO

As Torcidas Organizadas animam as multidões nos estádios de futebol por todo o mundo e empolgam a festa, empurram o time, contagiam a torcida e servem também como demonstrações de auto-afirmação dentro e fora dos gramados. Os gritos de guerra, hinos, as palavras de ordem, as canções, as rimas são elementos importantíssimos na constituição e atuação das Torcidas Organizadas de Futebol e funcionam, muitas vezes, como fatores determinantes na condução da partida, como também no comportamento coletivo.

Para Monteiro (2004), além de ser uma forma de afirmação da masculinidade por parte dos membros de uma TOF, essas expressões servem para apresentar retrocessos do processo civilizatório que se observa em vários setores da vida coletiva. Pensamento semelhante ao de Simmel e Freud, que comparam o comportamento impulsivo coletivo às ações mais primitivos dos homens. O fato é que os efeitos que as palavras, jargões e a linguagens utilizadas pelas torcidas proporcionam no ser e agir desses sujeitos são suficientes para modificar condutas grupais e é esse o real interesse do presente capítulo.

Nosso intento, contudo, é revelar os efeitos de sentidos que têm essa comunicação no comportamento das TOFs, pois estes ajudarão a compor o tipo de sociabilidade compartilhada pelo grupo e o lugar que a violência ocupa nesse ambiente. Os significados que tais elementos dão às práticas dos grupos são imprescindíveis para se compreender a sua atuação.

Como assinalamos anteriormente, as expressões que compõem as canções na Comando Alvi Rubro são, normalmente, de insultos depreciativos em relação ao adversário e normalmente indicam a imagem que a organização quer passar de si

própria, como também como quer que seu inimigo seja visto. Nesse caso, grande parte dessas criações vão no sentido de atingir a honra do adversário, colocando em dúvida sua masculinidade e virilidade. Os "Mancha Gay", como os membros da TO Comando Alvi Rubro denominam os integrantes da Mancha Azul, torcida do CSA, acabam tendo que conviver com esse rótulo, que muitas vezes, é motivo de agressões de ambas as partes.

Esse sentido está presente não só nos gritos de guerra e cânticos, como também na rotina desses componentes. Onde quer que esteja, essa linguagem, utilizada para a comunicação intra-grupo, denota a forma como eles se reconhecem enquanto coletividade, como eles enxergam o outro, e representa uma espécie de "habitus"²⁴ viril entre os membros. Os aspectos da masculinidade, que se expressam tanto verbalmente quanto gestualmente, e o comportamento viril fazem parte da construção de uma identidade que se acha permanente e superior, o que envolve também uma questão de gênero.

Em muitas das composições que formam o repertório da Comando estão explícitas as tentativas de intimidação do adversário. A esse capítulo damos fundamental importância ao conceito de indicialidade, uma vez que essas palavras e expressões são utilizadas no contexto das TOFs e ganham um sentido próprio neste ambiente. As palavras possuem uma incompletude natural e vão ganhando forma durante a produção e manifestação por parte dos sujeitos. Portanto, as expressões ofensivas proferidas por um "Mancha" ou por um "Comando" só ganham o significado pretendido se ditos naquele momento, com aquelas personagens e naquela realidade. Apesar de serem palavras do conhecimento geral e de serem entendidas pela maioria das pessoas de uma sociedade, perdem a razão de ser se retiradas daquela situação de intercâmbio lingüístico. Esse é um dos princípios da etnometodologia, básicos para o entendimento da metodologia em questão.

²⁴) *Habitus*, segundo Pierre Bourdieu, é um sistema de disposições incorporadas que engendra ações, sentimentos, visões de mundo, etc. e lhes confere uma certa coerência. BOURDIEU, Pierre A economia das trocas simbólicas (org. Sergio Miceli). São Paulo, Perspectiva, 1992.

Apesar de não serem reconhecidas pela Diretoria da TOCV, não podemos deixar de considerar que as páginas virtuais as quais tivemos acesso são construídas por torcedores dos mais diversos pavilhões²⁵ e esse conteúdo expressa as representações apreendidas a partir da Organização a qual integram.

Destacamos as expressões de depreciação da imagem do grupo rival, que também produzem o efeito de intimidação. A construção do medo, do terror, as ameaças também estão presentes; o que não deixa de ser também uma forma de violência: a violência verbal e simbólica. Vejamos o que estamos afirmando nas construções a seguir, extraídas de comunidades produzidas por torcedores:

TOCV NA FITA!!!!

Quando vou pro estádio vou com muita adrenalina

Eu levo rojão e bomba na minha muchila

De beka vermelha invadimos de mulão

Com muita revolta e muita disposição

Na TOCV só tem leke sinistro

Baixada, Clima Bom, Osman Loureiro e u bixo

Feitosa, Pajuçara em Fernão Velho é o terror

Toda Alagoas é COMANDO VERMELHO

Pode, pode xegar batendo

Na TOCV só tem brother veneno

²⁵) Pavilhões – Termo utilizado para identificar os sub-grupos constituídos pelas TOFs de acordo com os bairros e comunidades.

Funk do arrastão

Pode chorar!

pode chorar!

La vem o lado b

apavorando o lado a (2x)

torcida cv rei

*faz safado **passar mal***

está em todo canto

do sertao ao litoral

*nosso bonde é o **terror***

os "manchete" sao "fregues"

já foi feita a união

do jaça e do P3

a nossa torcida

***estremece** o trapichão*

e se você duvidar

*então veja o **arrastão**...*

sai, sai da frente, sai que a comando é chapa quente.(2x)

ooooo abram passagem, a comando aê, o terror dessa cidade.(2x)

A linguagem (grifo nosso) e os códigos apresentam a disposição para o confronto e a "convicção" da vitória grupal. Essas palavras de ordem expressam o desejo de eliminação do outro; o que nos leva a crer que para os membros da Comando os torcedores do CSA são inimigos e não adversários; inimigos que precisam ser eliminados. Essa postura compromete a legitimidade da competitividade, tornando a disputa um lugar de negação dos conceitos democráticos, uma vez que nesse 'jogo'

somente um sobrevive. Isso retira, ao menos no campo simbólico, a possibilidade da existência do diferente.

Faço nossas as palavras de Toledo (1996): "Satíricos, jocosos, ofensivos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e *gritos de guerra* traduzem uma série de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol" (Toledo, 1996, p. 64-65). Toledo realça que, além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em músicas e versos, retiradas da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes (1996, p. 65).

Para o referido autor, os palavrões fazem parte de padrões de condutas e comunicação na expressão dos conflitos, negociações e protestos. Tais padrões de comportamento verbal, segundo ele, reportam-se de maneira dramática, sempre aos temas de características da sociedade brasileira, como a representação de uma certa proeminência da condição masculina, códigos de sexualidade, relações de mando e obediência, estereótipos sociais, desigualdades e hierarquias (Toledo, 1996, p. 72). Assim, os palavrões incorporam-se ao espetáculo como mais uma via de expressão das emoções, alegrias, tristezas e tensões. "O que importa ali, de fato, é sempre exagerar, demarcar e estabelecer as diferenças entre as torcidas, entre os times, as torcidas contra as PM, juízes" (Toledo, 1996, p. 72).

Outro aspecto a ser notado é que essa comunicação expressa por muitas TOFs parece remontar à comunicação de uma organização militar e, muitas vezes, ao sistema carcerário. Esse último mais fortemente presente devido ao nome do grupo. Não podemos deixar de registrar que o "Comando Vermelho" é o nome de uma facção criminosa do Rio de Janeiro. Palavras como "rojão", "bomba", "invasão", "terror", "chapa quente", "pavilhão" e sua própria nomenclatura reafirmam o argumento aqui exposto.

A característica burocrático/militar induz seus componentes a se comportarem como se estivessem num campo de batalha, onde vencer a torcida adversária é, muitas vezes, mais importante que a competição esportiva em si. O que interessa é derrotar o inimigo, por vezes, tomar sua camisa e queimá-la, como expressão de superioridade. “*TORCIDA É FORÇA,*” assim um membro definiu a TOCV. Apesar de reconhecermos esses elementos constitutivos das TOFs não comungamos com a idéia de Pimenta quando afirma terem as TOFs sofrido influência do regime militar.

Como nosso objetivo é perceber os efeitos de sentido das palavras e expressões das TOFs, recorreremos à Orlandi, que além de considerar os efeitos do dito, reconhece os efeitos do não-dito no contexto da linguagem.

“Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender... Esses sentidos têm a ver com o que foi dito ali, mas também em outros lugares, assim com o que não é dito, e que o poderia ser dito e não foi” (Orlandi, 1999, p.30).

Além de tudo o que seus membros expõem em suas práticas discursivas através de músicas e gritos de guerra, existem os significantes que nos remetem a outros contextos que trazem na memória discursiva. Os termos rojão, bombas, invasões, pavilhão são significantes que nos remetem a outros contextos; têm uma memória discursiva vinculada ao cárcere e aos campos de batalha.

Portanto, é natural que tais palavras utilizadas pela CV remetam a outros contextos, particularmente ao ambiente de batalha, de guerrilhas e de conflitos, onde essas expressões são comumente utilizadas. As expressões *Comando Vermelho* e *Pavilhões*

remontam ao contexto do Sistema Prisional. “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (Orlandi, 1999, p33). Nestes termos, o jogo de sentido produzido pela própria denominação da TOF do CRB já traz a marca do crime organizado dentro dos presídios.

É válido, contudo, que analisemos o que está contido no discurso desses integrantes. Quando os torcedores gritam as palavras de ordem: “Quando vou pro estádio vou com muita adrenalina, eu levo rojão e bomba na minha muchila”, nos remete ao contexto do campo de batalha. Apesar de não fazerem parte de uma organização militar nem para-militar agem como se fossem. Essa postura reforça no imaginário do torcedor alguns signos que evocam e estimulam a agressividade.

A passagem da palavra ao ato não é algo que possa ser controlado; tudo dependerá do contexto e das disposições subjetivas dos membros. O que é certo é que se cria um ambiente potencialmente explosivo. Da mesma forma que as palavras de ordem podem gerar situações de violência, podem servir apenas para reafirmar a coesão do grupo, impondo “respeito” perante o adversário. Ou seja, a linguagem utilizada pelo grupo pode ser interpretada como uma situação potencial de ação violenta, mas também como elementos simbólicos que os ajudem a construir um ambiente forte e coeso, a partir das representações expressas pelas práticas discursivas.

Gostaríamos de chamar atenção para o fato de que da mesma forma que essas canções, gritos de guerra, expressões podem exprimir situações potenciais de violência; podem também assumir um outro caráter sem qualquer conotação de agressão ou insulto; apenas para explicitar amor pelo clube. A seguir transcreveremos alguns trechos de canções criadas por membros que formam os pavilhões da TOCV, retiradas das comunidades do grupo no Orkut (site) que demonstram os sentimentos de identificação que os mantêm coesos na TOF.

TOCV Pavilhão 1

CRB não é apenas um time ..é um TIMÃO!

COMANDO VERMELHO não apenas uma torcida ... uma é á torcida!

Ser REGATIANO é ter mais uma religião ..

Ser REGATIANO é ir além de ser ou não seR o primeiro ..

Ser REGATIANO é tbm ser um pouco mais BRASILEIRO!

O gostoso de ser REGATIANO,

não é vencer ..

não é ganhar títuloS ..

não é gozar dos adversárioS ..

O goStoso de ser REGATIANO?!

é seR REGATIANO!

O CRB supeRa a razão,

é um sentimento difícil de explicaR

e que torcedores rivais não entendem,

É por isso que odeiam E SECAM tanto o GALO

pq não sentem essa paixão!

E para REGATIANO não há derrota ou vitória:

o CRB é maior, e acabou!

CRB: o MELHOR time DE ALAGOAS ..

tem a maior torcida organizada do ESTADO ..

que tem o maior bandeirão do ESTADO ..

é mesmo, Ser REGATIANO é um Privilégio

POR ISSO CARREGO NO MEU PEITO O MEU TIME APAIXONADO...

SOU TOCV A MAIOR DO MEU ESTADO!!!

...:CRB:...MINHA PAIXÃO ETERNA

CRB ATÉ A MORTE!

Os sentimentos expressos de paixão que superam a razão fazem com que se identifique o "ser regatiano" como uma religião. Com este material discursivo temos a nítida sensação de que pertencer à Comando Vermelho parece muito mais do que ser torcedor de uma equipe de Futebol. Como mesmo já diz o lema da organizada: "Vivo seremos respeitados, mortos seremos lembrados, somos COMANDO VERMELHO e nunca seremos COMANDADOS!". Estar associado ao grupo funciona como um pacto de fidelidade e lealdade eterna. Este verbete está fortemente embutido nas idéias de muitos dos seus integrantes. "A Comando Vermelho pra mim é um orgulho. Em primeiro lugar a minha Torcida Organizada, primeiramente, e depois....", explica um jovem de 18 anos. Assim, a comunicação realizada por seus torcedores é uma expressão do ser Comando Alvi Rubro e de suas disposições, que age a partir do poder simbólico²⁶ e que potencializa a coesão no grupo.

Reconhecemos a força e a eficácia da linguagem expressa na formação discursiva do grupo como algo fundamental. É importante realçar que a comunicação do grupo acontece no campo verbal, virtual e em gestos e expressões visuais que produzem múltiplos sentidos ao grupo. Por exemplo, a caveira e a foice, que compõem os símbolos na bandeira da torcida Alvi Rubra, denotam sentidos macabros; são significantes de morte que mostram um aspecto sombrio no imaginário social. Não podemos desconsiderar que todo discurso remete à memória dos significantes (caveira, foice), que contribui para o entendimento do membro da TOF, no caso específico.

²⁶) Poder Simbólico no sentido do reconhecimento, respeito e prestígio de sua força junto ao grupo.



Símbolo da Comando Alvi Rubro

Todos os símbolos inseridos na bandeira, de acordo com a diretoria da TOF, indicam o lema da Organizada: "CRB até a morte". "Nosso lema é CRB até a morte. Por isso que a gente usa a morte em várias bandeiras, camisas. Entendeu? Porque a gente tem que usar a morte. Porque o lema é CRB até a morte", ressalta o representante. Quando indago sobre os desenhos ele responde: os desenhos...A gente tem vários desenhos... No caso a gente usa Bob Marley, usa Zumbi dos Palmares..." Mas, de acordo com ele, o desenho oficial é "o mapa de Alagoas, o escudo do CRB no meio, e a morte em cima, representando que "Alagoas tem dono".

5.1 – COMANDO VERMELHO: UMA SIMBOLOGIA CRIMINOSA?

Considerando que o objeto de nosso estudo é a TOF do CRB, entendemos de fundamental importância discutirmos sobre a origem do nome "Comando Vermelho", como se autodenomina a TOF do CRB. Comando Vermelho, pela história, é o nome de uma organização criminosa do Brasil. Antes chamado Falange Criminosa, o CV foi criado entre 1969 e 1975 no Rio de Janeiro por Rogério Lemgruber e outros encarcerados no Instituto Penal Cândido Mendes, mais conhecido como presídio da Ilha Grande ou "Caldeirão do Diabo". A proposta era lutar contra as condições subumanas pelas quais os presos passavam.

O Comando Vermelho teria sua origem na reunião de presos políticos com os presos comuns na galeria B do presídio da Ilha Grande. Os presos comuns haviam sido condenados de acordo com a lei de Segurança Nacional, quando o governo militar tentou equiparar os revolucionários de esquerda à criminosos.

A partir daí nasceu um respeito e admiração por parte dos presos comuns à organização, disciplina e companheirismo existentes entre os revolucionários de esquerda, o que lhes permitia sobreviver àquela situação de encarceramento. Os presos comuns e revolucionários passaram a partilhar experiências, tendo os primeiros adquirido o *modus operandi* das guerrilhas revolucionárias. A organização interna dos presos contra os excessos das autoridades carcerárias foi uma das bases da Organização, juntamente com a proibição de ataques, roubos ou violência física e sexual entre os presos.

Segundo a literatura sobre o tema, teria sido no início dos anos 80 que os primeiros presos foragidos da Ilha Grande começaram a pôr em prática todos os ensinamentos que haviam adquirido a partir da convivência com os presos políticos, organizando e praticando numerosos assaltos a instituições bancárias, algumas empresas e joalherias²⁷ (2007). Os presos não eram inocentes, mas aprenderam o sentido de planejamento, táticas e estratégias com a convivência com os presos políticos.

Algumas características da Comando Alvi Rubro e da maioria das torcidas pesquisadas acabam por assemelhar-se ao ordenamento do Sistema Carcerário. A subdivisão dos bairros por Pavilhões é uma delas, por sabermos que as divisões existentes nas penitenciárias são denominadas de pavilhões. As propostas são divergentes. Porém esse imaginário coletivo pode, de alguma maneira, influenciar na dinâmica da torcida, pelo processo de vinculação pela história e pela memória. É o dito que produz o não dito, e vice-versa. "O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito,

²⁷⁾ As informações contidas neste tópico estão referenciadas no site (http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando_Vermelho)

mas presente)... De todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam.” (Orlandi, 1999, p.82)

Os elementos expostos indicam a vontade de poder vivenciada pela Organizada. O comportamento viril, a masculinidade e as expressões advindas de organizações militares dão à Torcida uma suposta impressão de legitimidade de poder. Ainda assim, a Diretoria não associa o nome da torcida com nenhuma outra Organização. Indagado sobre o assunto, um dos membros da Diretoria explica: “é um grupo de pessoas, reunidas, comandadas, material vermelho, em prol do CRB, né?” Para seus representantes o nome, assim como os discursos, justificam-se pela sua realidade e atualidade e não possui qualquer outra influência externa.

Longe de adentrarmos na polêmica sobre a origem do nome “Comando Vermelho”, nosso estudo visa apreender o sentido que se atribui às ações do grupo, a seu modus operandi e como eles lidam com as significações a eles relacionadas. A maneira como se percebem e como enxergam o diferente revela muito da proposta compartilhada e, nisso, os signos e a comunicação praticada são instrumentos básicos. Entendemos que esses símbolos e significantes relacionados à morte, à crimes e à violência podem produzir um efeito que predispõe as TOFs a se envolverem em situações de violência e, muitas vezes, a agirem com agressividade.

5.2 – O DISCURSO, OS SENTIDOS E A IDEOLOGIA

Ainda que o grupo pesquisado, assim como a maioria das TOFs no cenário nacional, não possua características ideológicas claras, não desconhecemos tal caráter na formação do discurso. Concordamos com a assertiva de Pêcheux quando afirma: “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Pêcheux, 1975. p. 30). Ou seja, a comunicação exercida pelos componentes das TOFs está, efetivamente,

imbricada de idéias relativas à visão que cada um possui do seu universo social. Essa comunicação não é neutra, ao contrário, está carregada de significações.

Vejam os exemplos. As duas principais torcidas de Maceió – Comando Alvi Rubro e Mancha Azul – têm a prática rotineira de pichar, ou seja, deixar sua marca nos muros da cidade. Uma forma de demarcar território e mostrar presença no maior número possível de regiões na cidade. É comum depararmos com as pichações formadas pelas siglas CV (Comando Vermelho), MA (Mancha Azul) ou Comando/ Mancha, principalmente nos bairros próximos às sedes dos clubes (CRB e CSA). A prática de inserção das iniciais da TOF nos muros da cidade explicita a dinâmica de disputa e rivalidade entre as TOFs. Geralmente os membros da CV cobrem as letras da MA e vice-versa, como na forma de revelar superioridade. Quanto mais próxima a pichação estiver da sede do clube, maior é a demonstração de força e do caráter ofensivo da Organizada. Isso porque as siglas nas pichações são uma forma de eternizar a existência do grupo nos locais onde são deixadas e vivenciar uma experiência prática de obtenção de controle desses pontos.

Observemos as fotografias feitas de muros localizados no bairro da Pajuçara, região onde está sediada a TOCV.



Há uma inscrição em azul com as letras MA (Mancha Azul) que está rasurada com um X e ao lado as letras CV (Comando Vermelho)



Pichações como estas podem ser encontradas por toda a capital alagoana. Quanto mais “territórios” demarcados, maior o poder simbólico do grupo. Opinando sobre os writers na cultura grafite, Pais (2006) afirma serem estes uma forma de institucionalização dos espaços de afirmação simbólica. “É o que acontece quando determinadas claques (“torcidas”) desportivas grafitam nas cercanias do estádio da equipe rival como forma de superioridade simbólica. A grafitagem no espaço rival significa sua apropriação em termos simbólicos” (Pais, 2006, p.14).

Para Arce (1997), pichar lugares difíceis confere popularidade e respeito, mas também pode ativar a rivalidade, sobretudo quando esta já existe em outros âmbitos sociais (Arce, 1997, p.133). Como dissemos, as pichações em “território inimigo” podem valorizar a ação do pichador, além de reforçar a suposta superioridade do grupo. Porém, ao invés de incitar a agressividade entre tais, o autor argumenta que

elas são capazes até de reduzi-la, uma vez que “essa nova dimensão das batalhas urbanas teve uma importante participação na atenuação dos níveis de violência entre esses setores jovens, na medida em que as rivalidades são canalizadas para o território simbólico” (p.133), o que acredita ser um dos aspectos pouco avaliados e submetidos à reflexão.

Além desse tema, Arce (1997) também desmistifica o fato de os grafiteiros fazerem parte das classes privilegiadas da sociedade ou de famílias desestruturadas. “O certo é que o fenômeno grafiteiro abriga muitos jovens pertencentes a família não desintegradas, assim como muitos garotos que são excelentes alunos”(Arce, 1997, p. 129). O que ajuda a pensar também a atuação dos membros da TOCV nesse tipo de atividade que, nem sempre, merecem os rótulos que lhes são conferidos.

O autor admite que o fenômeno grafite insere-se no processo de crise das identidades sociais. De acordo com Arce, os jovens, através dos grafites, reconstróem velhos referenciais de identidade e os utilizam num novo contexto; contexto esse que os tira dos espaços de expressão tradicionais e os oferecem espaços nos quais eles participam de maneira ampla e livre; sem censuras moralistas. A imprensa, os jornais, TVs, rádios, revistas, e mesmo a sociedade lhes negam a visibilidade, realidade bastante presente na rotina das TOFs alagoanas, assim, restam os espaços de expressões alternativos.

Assim como os grafites, a camisa também se constitui num símbolo bastante representativo das TOFs, chegando a possuir um grande valor na dinâmica das organizadas. Da mesma forma que a camisa da Organizada é considerada um dos objetos mais sagrados para o grupo, senão o mais importante, “tomar” a camisa do adversário torna-se uma das maiores expressões de potencialidade e coragem para a maioria das TOFs. Conquistar os símbolos do “inimigo”, possui-los e destruí-los são rituais que ajudam a reforçar o que se compreende como superioridade grupal.



A imagem acima foi captada no aniversário de 14 anos da TOCV, dia 15 de setembro de 2007. É a socialização da captura do símbolo da TOF rival, Mancha Azul, sua representação maior.

De acordo com a análise de Toledo (1996), a camisa da torcida expressa o pertencimento ao grupo; revela o afeto ao time tanto quando à própria torcida. Ela demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedades e oposições. Sua eficácia consiste no uso pelas ruas, trajetos até os estádios e mesmo dentro deles. A camisa demarca entre os torcedores, segundo Toledo, uma certa *distância simbólica* entre aqueles que a usam dos torcedores comuns. “Assim, o simples fato de se encontrar um *independente*²⁷ na rua suscita, por parte de muitos, uma inquietação, temor, ódio, respeito maiores que se encontrasse um torcedor comum vestido com a camisa do time” (Toledo, 1996, p.58). Transcreveremos as reflexões de Toledo, que vêm reforçar os argumentos a respeito do peso simbólico dos adereços utilizados pelas TOFs:

²⁷) Referência a uma das Torcidas Organizadas pesquisadas pelo autor, no caso em destaque, a Torcida Independente Tricolor, do São Paulo Futebol Clube.

“Camisas, bandeiras e bonés servem de troféus a serem disputados pelos torcedores. Um motivo de humilhação para qualquer Torcida Organizada é ver suas bandeiras, ou qualquer outro adereço coletivo que a represente (as faixas, por exemplo) em poder de terceiros. Este tipo de prática, ou seja, roubar bandeiras dos outros, é sempre motivo para acirrar os ânimos entre as Torcidas Organizadas (...) Com as camisas das Torcidas Organizadas acontecia algo similar. Roubá-las significava, antes de se popularizarem pelo comércio informal da cidade, ter em suas mãos um objeto valioso na medida em que eram escassas e comercializadas somente entre os sócios” (Toledo, 1996, p. 59).

Os adereços são instrumentos de identificação que reforçam os laços e vínculos entre os participantes das torcidas. Neste sentido estão os cânticos, os gritos de guerra e adereços como instrumentos fundamentais que reforçam a necessidade de identificação entre os jovens. Importante neste momento lembrarmos esta discussão e chamar a atenção para o fato de que as TOFs podem ser vistas como espaços de reconhecimento fundamentais para a constituição da sociabilidade de toda uma geração de jovens na contemporaneidade.

Realçamos que a noção de membro, referida por Coulon (1995) e reforçada constantemente durante o texto, nos possibilitou ver o torcedor não apenas como uma pessoa que respira e pensa, mas uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a faz capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca. “É alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe “naturalmente” a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar” (1995, p. 46). O principal fator de reconhecimento dos membros de um grupo é a linguagem que passa a ser a sua referência e a expressão de sua identidade coletiva.

A noção de membro vai muito além do que imagina o senso comum. Muito além da adesão de um indivíduo a um grupo. A idéia que pretendemos compartilhar no trabalho é a de um membro que está-no-mundo das instituições sociais da vida cotidiana a partir de sua maneira de enxergá-lo e de suas particularidades.

Como já afirmamos no início de nossa dissertação, uma vez ligados à coletividade, os membros não têm necessidade de se interrogar sobre o que fazem, ou seja, aceitam as regras e rotinas inscritas nas práticas sociais. Este sentimento de pertencimento os insere numa ordem institucional e os inscreve num universo de conhecimentos que os torna um “ser pertencente”. Essa é a característica básica para a sociabilidade, da qual insistentemente discorremos.

Assim, podemos reiterar, com as palavras de Pais: “tantas vezes designadas como “culturas de margem”, o que estas culturas juvenis reclamam é a inclusão, pertencimento, reconhecimento. Daí suas performatividades, que não por acaso se ritualizam nos domínios da vida cotidiana mais libertos dos constrangimentos institucionais – os do lazer e do lúdico (espaços lisos)” (2006, p.14-15).

Todas as práticas expressas através dos membros das TOFs nos apontam para o nosso argumento central de que as Organizadas são espaços de sociabilidade onde os jovens constroem identidades e identificações que os fazem sentir-se pertencentes, enquanto membros, a um grupo que ajudam a constituir, mas ao mesmo tempo, que os constitui.

CONCLUSÃO

A intensa exposição midiática sofrida pelas Torcidas Organizadas Brasileiras a partir da década de 90, com a constante visibilidade da violência praticada por integrantes, levantou uma questão pontual: o lugar das TOFs nos espetáculos futebolísticos. Necessárias ou descartáveis? Extingui-las ajudaria a diminuir os alarmantes índices de violência nos estádios ou estaria ferindo um direito constitucional de livre expressão e associação?

As experiências de extinção das Organizadas não produziram efeitos significativos com relação às práticas de violência relacionadas ao esporte. No Brasil, e em Alagoas particularmente, não se percebeu qualquer redução de ações violentas em torno dos espetáculos esportivos a partir da extinção oficial desses grupos. A violência continua existindo nesse cenário porque, como expusemos, ela não é privilégio dos esportes e sim um fenômeno com fatores sociais inegáveis. O esporte, e o futebol em particular, é apenas mais uma esfera de manifestação dos conflitos sociais que assolam toda a sociedade.

Porém, problematizar a questão do crime ou das infrações praticadas por torcedores organizados não foi a proposta do presente trabalho. A pesquisa focalizou as relações e interações vivenciadas pelos torcedores com o intuito de descobrir como se reconhecem entre si e o que, a partir desse processo, se formava como primordial para sua existência, ou seja, qual era a base da existência das Torcidas pesquisadas, em especial, a Comando Alvi Rubro. Investigar o papel e os efeitos da violência intra e inter-grupos também foi foco de nossa proposta. Para compreendermos as formas de sociabilidade dos integrantes das TOFs, estudamos a Torcida Organizada Comando Alvi Rubro que está, juntamente com a Mancha Azul, entre as torcidas mais expressivas do Estado de Alagoas.

No período em que desenvolvemos nosso trabalho de campo, verificamos algumas particularidades na forma de atuação dessa Organizada que ajudaram na compreensão do que a constitui enquanto coletividade. Mais do que isso, constatamos que não exis-

te uma relação necessária entre a dinâmica das TOFs com atos de violência. As ações coletivas respondem a momentos constituídos no calor das emoções, podendo seguir uma direção destrutiva ou construtiva. Em se tratando de ações grupais, o imponderável estará sempre presente.

Na rotina desses integrantes constatamos elementos que reforçam atitudes muito presentes na juventude como a masculinidade e a virilidade exaltadas, características próprias dos grupos de torcedores pesquisados também em outras regiões, reconhecidas, muitas vezes, como motivadoras da agressividade através da busca de uma suposta superioridade. Porém, esses fatores, por si só, não indicam a disposição para o confronto, pois outros elementos também encontrados no grupo estudado viabilizaram um entendimento diferente sobre suas condutas.

Não podemos desconsiderar os aspectos da indiciabilidade e da reflexividade para compreendermos as atitudes que envolvem os membros das Organizadas. A cada acontecimento são produzidas ações e reações que exigem uma contextualização e a consideração reflexiva dos atores envolvidos.

A relevância do futebol para o povo brasileiro é algo já internalizado nacionalmente e, porque não, mundialmente. Foi elemento constitutivo de sua cultura, especialmente no século passado, quando se desenvolveu e tomou as feições hoje delineadas, no sentido da profissionalização. Mas assim como o futebol está inquestionavelmente associado à História das terras Tupiniquins, estão também, talvez na mesma proporção, as formações de Torcidas Organizadas de Futebol. Com um perfil diferenciado daquele da década de 40, com caráter estritamente familiar, as TOFs modernas caminharam de mãos dadas com o crescimento do futebol como um todo, mas também herdaram as marcas do complexo processo de urbanização e desenvolvimento das cidades, e hoje representam tanto o que existe de positivo como também os reflexos e entraves produzidos por esse novo cenário.

As TOFs brasileiras possuem características muito peculiares à realidade social a qual estão inseridas e seu percurso está vinculado às mudanças que estão condicionadas às questões políticas e econômicas pelas quais o país foi submetido. As Torcidas Organizadas de Futebol, como é próprio dos grupos sociais, refletem o conturbado percurso seguido pelo país e reforçam ainda uma necessidade de pertencimento e visibilidade em meio a uma realidade cada vez mais problemática, que não proporciona os meios pelos quais seus cidadãos possam reafirmar-se como sujeitos ativos. As TOFs aparecem como lugar seguro, onde é possível construir alicerces e firmar a base para uma vivência social reconhecida no tecido social.

A TOFs modernas tiveram origem na década de 70, auge do processo ditatorial brasileiro, e começaram a mostrar a cara em meados dos anos 80. Vieram, provavelmente, influenciadas pelo ambiente político de então; ao contrário do que se pensava, sem o caráter ideológico que marcava a época e que é característico desse tipo de agrupamento em outros países, principalmente os do continente europeu. Elas surgiram, aparentemente, sem ideais políticos claros, porém, para muitos estudiosos do tema, carregadas de significações do berço em que foram geradas. Como afirmou Toledo (1996), a emergência das torcidas está vinculada ao surgimento do futebol profissional e ao processo exacerbado de crescimentos das cidades, principalmente nas décadas de 50 e 60. Para ele, durante a repressão, os torcedores buscavam nessas Organizações sua inserção popular, impedida aos partidos políticos e a outras formas de associacionismo. Era uma maneira de se representar e buscar afirmação quando os direitos políticos eram cerceados.

Pimenta (2000) atribui também à repressão militar a forma de operacionalização e hierarquização das Organizadas Modernas. Seus novos padrões de comportamento, vestimentas, cânticos, transgressões às regras sociais, a virilidade, a linguagem militar, o respeito aos mais experientes e a violência foram legados deixados pela ditadura e que foram incorporados, segundo o autor, na forma de atuação das TOFs. Esse último aspecto bastante ponderado no presente trabalho, uma vez que se percebeu que a questão da

violência está vinculada a múltiplos fatores que não nos autorizam vinculá-la exclusivamente às ações dessas Organizações.

Compartilhamos o argumento de Misse (2006), que atribuiu o fenômeno da violência nas TOFs à nova realidade constituída com o processo de urbanização e a industrialização vivenciada em várias regiões do Brasil. A violência urbana, que atinge a sociedade e abarca diversos tipos de condutas nos mais diferentes grupos sociais, assumindo múltiplos formatos, é característica de uma conjuntura criada a partir das transformações provocadas pela industrialização do país. Não podemos desconsiderar que a violência praticada pelos torcedores tem um caráter eminentemente urbano.

Mostramos também, a partir da análise do comportamento dos grupos, subsidiada por Simmel e Freud, que as pulsões destrutivas, mais características das ações em grupo, proporcionavam o entendimento dessas grupalidades, subtraindo do sujeito a responsabilidade por seus atos.

Aliado a isso, expomos ainda que algumas práticas referentes à juventude possuem elementos semelhantes e singulares. A vontade de transgredir, a necessidade de afirmação, a emoção pelo perigo, a dificuldade de vislumbrarem um futuro para sua existência, constituem uma categoria que, apesar da diversidade temporal, continua fazendo parte do ser jovem. Através das TOFs os jovens buscam o fortalecimento de suas identidades para sustentação da instabilidade e vulnerabilidade vivenciadas neste tempo da existência.

Na atualidade, os jovens deparam-se com uma grande dificuldade de manterem e reforçarem suas identificações. A crise de valores fragiliza os processos de identificações entre os jovens, tornando-os mais vulneráveis pelo enfraquecimento dos laços sociais e dos ideais e referências valorativas que dão suporte a suas ações. Neste sentido, as Organizadas passam a ser a sua base, o seu esteio, a sua "religião". A complexidade vivenciada pela juventude expressa-se pela tensão e o paradoxo de desejarem viver a

liberdade ao tempo em que têm que abrir mão do abrigo e aconchego familiar.

A integração e identificação com um grupo podem lhes proporcionar a sensação de abrigo e aconchego vivenciada no espaço familiar. Por isso, desenvolvemos no texto a idéia de que as Torcidas Organizadas de Futebol podem oferecer, para muitos, a percepção do envolvimento atribuído ao seio familiar.

Esse pensamento está presente não só nos discursos dos torcedores e no entendimento apreendido no trabalho de campo. Encontramos resquícios dessa idéia também nas falas da imprensa e de outros profissionais entrevistados. O que nos faz compreender que as formações de TOFs no Brasil são muito mais complexas do que se imagina e possuem motivos outros além daqueles mensurados muitas vezes. As respostas não serão encontradas unicamente em âmbito esportivo.

Importante explicitar que tal raciocínio não é uma máxima na presente pesquisa. Muitos são os fatores aos quais os indivíduos se apegam para filiar-se às TOFs, o que é confirmado por sua característica heterogênea. Há uma heterogeneidade de intenções, de motivações, de perfis sociais e pessoais daqueles que constituem uma Torcida Organizada. O argumento acima reforça a visão de que, a partir da fragilização dos processos de sociabilidade e das identificações produzidas entre os membros, esses grupos podem representar muito mais do que uma massa que apóia e incentiva um clube de futebol. As interações vivenciadas por seus integrantes expressam de forma contundente o que estamos afirmando.

Em outra direção, porém, ainda tratando do fator heterogeneidade, a inserção de integrantes nesse tipo de agrupamento pode significar também o espaço real para a prática de ilicitudes por parte de alguns que encontram nesse grupo a impessoalidade necessária a um tipo de postura ofensiva e violenta. A heterogeneidade citada nas linhas anteriores explica muitos dos atos pelos quais as TOFs brasileiras ficaram marcadas pelo

signo da violência. Essa diversidade de condutas e posturas também distingue aqueles que praticam a violência dentro das TOFs e aqueles que vêem as TOFs como um local de reconstrução das suas identidades ou mesmo aqueles que desejam somente um momento de lazer compartilhado.

Seu aspecto diversificado faz parte do processo democrático e as Organizadas, quando não limitam nem discriminam a participação dos componentes, trabalham com esta perspectiva. Além do elemento de "impulsividade", que fica mais evidenciado no espaço do grupo, tornando-o mais propenso a ações inesperadas, existe o fato de que muitos dos atores de agressões associam-se apenas como forma de viabilizar e facilitar suas práticas violentas. Esse dado permite-nos colocar a análise das TOFs num outro patamar de compreensão.

Longe de adentrarmos nos pormenores dos fatores que favorecem a violência, faz-se necessário destacar que a propensão para a agressividade está presente em todo e qualquer indivíduo. Porém, o fato de estes sujeitos estarem em grupo, ficam mais vulneráveis a cometê-la; mas não significa que cometerão necessariamente. Como muitos pesquisadores demonstram, há muitas mediações e interditos que impedem a explosão da violência, criando uma distância entre a propensão e sua efetividade.

E o que são esses interditos? Como já colocado, têm suas bases na força das identificações entre os sujeitos, no que eles compreendem como fundamental para seu convívio e no estágio em que se encontram internalizadas suas significações e trocas simbólicas. Num ambiente onde a fragilização das identificações é preponderante, provenientes de um histórico conflituoso, as vulnerabilidades individuais e grupais tornam-se mais suscetíveis.

Outro atenuante desse processo é o tipo de linguagem utilizada pelos membros das TOFs. Na Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, assim como na maioria das TOFs brasileiras, é marcante o tipo de comunicação socializada interna e externamente; co-

municação essa que também contribui para uma condição de agressividade entre seus membros e os membros de outros grupos. As palavras de ordem e de reforço da rivalidade e superioridade grupal vêm em conjunto com as expressões relativas a um ambiente de batalha e de guerrilhas. Os códigos compartilhados pelos torcedores da Comando Alvi Rubro os remetem para um contexto onde os conflitos são travados em nome de uma soberania: as guerras e, por vezes, o Sistema Carcerário.

Essa forma de socialização de códigos influencia no modo com que esses componentes se expressam e externam sua visão de mundo e práticas cotidianas. Demonstram ainda como vêem a realidade, como se relacionam e como compartilham seus bens simbólicos e idéias. E está, de alguma forma, relacionado com a maneira de agir e atuar dessa coletividade.

Essa comunicação, as relações com as torcidas "amigas", ou melhor, "aliadas", e sua operacionalização remontam a um ambiente que, apesar de não estar objetivado como atualidade, aparece enquanto memória. Essa memória discursiva, de alguma maneira, deixa resquícios significativos para a compreensão de seu comportamento.

O discurso é apenas uma das instâncias que nos ajudam a entender um grupo que constitui uma Torcida Organizada de Futebol. Esta, assim como muitas outras aqui dispostas, é imprescindível para compreendermos o modus operandi de uma TOF, que não está fechada em si mesma. A dinâmica de uma TOF expressa não apenas aquilo que acontece no universo esportivo; requer a consideração de outras instâncias que compõem a complexa e paradoxal Sociedade contemporânea.

Por fim, o trabalho de campo realizado fez transparecer uma realidade não muito animadora. A constituição dos indivíduos, em especial, a da juventude alagoana focada numa parcela da população, aquela parcela inserida em um grupo de torcedores de futebol, está cada vez menos estruturada e sem perspectivas.

A insegurança está no âmago da construção da sociedade, na base da formação dos sujeitos, na insuficiência de valores e motivações que os permitam vivenciar uma experiência de vida positiva, não só no grupo de TOF, que parece funcionar como a esperança do preenchimento dessa falta, mas sim em todos os locais onde se possa estar inserido. Em todas as esferas sociais onde os indivíduos possam mostrar sempre a mesma referência, a mesma "cara", a mesma "identidade" e possam também agir com a coerência de um sujeito que se entenda formador e transformar da realidade em que vive e do mundo ao qual pertence. "Na falta de identificações, tentam arrumar uma identidade que lhes permita viver os instantes, identidades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças, troca, descartabilidade" (COELHO, 2006, p. 178).

Concluímos este trabalho sem colocarmos um ponto final na discussão a que nos propomos realizar. Ao contrário, abordamos campos de reflexão que precisam ser aprofundados e revisitados posteriormente. Mas entendemos que nosso espaço analítico foi importante na medida em que assumimos outras possibilidades de interpretação e compreensão das TOFs no universo esportivo, considerando toda a complexidade em questão. Muitos outros pontos podem e devem ser estudados a partir do presente estudo.

A discussão desenvolvida nestas páginas esteve voltada para a análise da formação e atuação da TOCV; sabemos, porém, que muitos outros aspectos precisam ser explorados mais detalhadamente tais como: a análise da formação hierárquica no espaço das TOFs, as relações de mando-obediência, as disputas e conflitos internos, enfim, o funcionamento organizacional da Comando Alvi Rubro.

O estudo desenvolvido teve caráter inicial em termos locais e fincou suas bases nas relações entre as TOFs e a sociedade, assim como em suas identificações e processos de sociabilidade. Concluímos esta obra com a esperança de termos dado um norte para um longo caminho que, com certeza, será percorrido na busca por um melhor entendimento da realidade desses grupos no Estado.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Pedro. Conceitos Básicos de Sociologia. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/arte/sagarana/sociologia/conceitos_de_sociologia.pdf> Acesso em 15 março de 2008.

ARCE, José Manuel Valenzuela. Vida de Barro Duro: Cultura popular juvenil e grafite. Editora UFRJ. Rio de Janeiro. 1999.

BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. UNB. Brasília. 1995.

BUFORD, Bill. Entre os Vândalos: a multidão e a sedução da violência. Companhia das letras. São Paulo. 1992.

COELHO, Maria Claudia. Juventude e sentimento de vazio in Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Jorge Zahar Editor, 2006.

CECCHETTO, Fátima Regima. Violência e Estilos de Masculinidade. FGV. Rio de Janeiro. 2004.

COSTA, Jurandir Freire. Violência e psicanálise. Edições Graal. Rio de Janeiro. 2003.

Comando Vermelho. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando_Vermelho>artigo da Wikipédia "Economia">. Acesso em < jan. 2008>

DAMO, Arlei Sander. Resenhas. Disponível em <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_31/rbcs31_resenhas> Acesso em 5 março. 2007.

DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Autêntica. Belo Horizonte. 2001.

DAMATTA, Roberto. Explorações – Ensaio de Sociologia Interpretativa. Rocco. Rio de Janeiro. 1986.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma história dos costumes. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1990.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Formação do Estado e Civilização. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1993.

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. IMAGO. Rio de Janeiro. 1974.

FIENGO, Sergio Villena. El fútbol y las identidades: Prólogo a los estudios latinoamericanos in *Futbológicas: Fútbol, Identidad y Violencia em America Latina*. Clacso. Buenos Aires. 2003.

GERCHMANN, Léo, Et Alii. *Movidos a Ódio*. 8ª Edição. São Paulo. 2007.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Unesp, São Paulo, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Nova Alexandria. São Paulo. 2002.

GUESSER, Adalto H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala in *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 1, nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168. Disponível em < http://www.emtese.ufsc.br/h_Adalto.pdf> Acesso em 01 out. 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 1998.

HENRIQUEZ, E. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1996.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Autores Associados. Campinas, SP. 2001.

MACROSCÓPIO. Uma entrevista interessante a Zygmunt Bauman. 2007. Disponível em < <http://macroscopio.blogspot.com/2007/07/uma-entrevista-interessante-zygmunt.html> > Acesso em 8 out. de 2008.

MIGNON, Patrick. Uma exceção francesa: um futebol sem Hooligans? In *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. COSTA, Maria Regina da e SILVA, Elisabeth Murilho. Educ. São Paulo. 2006.

MUSEU DOS ESPORTES. Disponível em: < <http://www.museudosportes.com.br/alagoano>> Acesso em 02 nov. 2007.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro Negra!*. FGV. Rio de Janeiro. 2003.

MISSE, Michel. *Crime e Violência no Brasil Contemporâneo: Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana*. Lumen Juris. Rio de Janeiro. 2006.

MURAD, Maurício. *Violência e Futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. FGV. Rio de Janeiro. 2007.

NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias in Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Jorge Zahar Editor. 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discursos: princípios e procedimentos*. Pontes. Campinas, SP. 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*. Unicamp. Campinas. 2003. Disponível em: < http://www.discurso.ufrgs.br/evento/conf_04/eniorlandi.pdf> Acesso em 30 set. 2008.

OLIVEIRA, Alberto. Disponível em: < www.esportealagoano.com.br> Acesso em 17 março. 2008.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas*. São Paulo em Perspectiva. São Paulo. 2000.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Brutalidade Uniformizada no Brasil in Faces do Fanatismo*. PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Ed. Contexto. São Paulo. 2004.

PAIS, José Machado. *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis in Culturas jovens: Novos mapas do afeto*. Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugenio (org.) Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2006.

PÊCHEUX, M. *Les Vérités de La Palice*. Maspero, paris, trad. Brás. *Semântica e Discurso*, E. Orlandi ET alii, Editora da Unicamp. São Paulo. 1975.

RATTON, José Luiz de Amorim. *Senso comum, linguagem, ação e ordem: uma introdução à Etnometodologia*. Recife. UFPE. 2001. Disponível em <<http://www.ufpe.br/eso/revista4/ratton.html>> Acesso em 30 set. 2008.

SCHWAAB, Reges. *Pensando noções da análise do discurso in Diagrama: análise crítica e informações sobre jornalismo*. NUPEJOR/UFRGS. RIO GRANDE DO SUL. 2007.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da & VOTRE, Sebastião Josué. *Etnometodologia e Educação Física*. 1997. Disponível em <<http://www.geocities.com/Athens/Styx/9231/etnometodologia.html>> Acesso em março 2008.

SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. *Violência: uma multiplicidade de sentidos e de questões*. Casa do Psicólogo. São Paulo. 2005.

SIMMEL, George. *O nível social e o nível individual in Questões Fundamentais da Sociologia*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Maria Suely Paula. *As inquietações da Modernidade*. 2004. Disponível em < <http://www.cefetrn.br/dpeq/holos/anterior/artigos/art13.htm>> Acesso em set. 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença in Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes. Petrópolis, RJ. 2004.

TOLEDO, Luis Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Autores Associados. São Paulo.1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Autores Associados/ANPOCS, Campinas, 1996.

TUBINO, Manoel José Gomes. *Dimensões Sociais do Esporte*. Cortez Editora. São Paulo. 2001.

TAKEUTI, Norma Missae. *Do outro lado do espelho: A fratura social e as pulsões juvenis*. Engenho de Sonhos. Relume-Dumara. Rio de Janeiro. 2002.

TAILLE, Yves de La. Violência: Falta de limites ou valor?: uma análise psicológica in Juventude em debate. Cortez Editora. São Paulo. 2000.

VELHO, Gilberto. Juventudes, Projetos e Trajetórias na sociedade contemporânea in Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Jorge Zahar Editor, 2006.

VASCONCELOS, Ruth. O Enfrentamento da violência na atualidade: o lugar da democracia na construção de movimentos sociais de pacificação da sociedade brasileira in Educação e Movimentos Sociais: Novos Olhares. Editora Alínea. Campinas, SP. 2007.

WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio: o futebol e o Brasil. Companhia das Letras. São Paulo. 2008.

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades

T.O.C.V. Pavilhão 1 (OFICIAL)
Início > Comunidades > Outros > T.O.C.V. Pavilhão 1 (OFICIAL)

descrição: **Vergel Ponta Grossa, J.Leão e PRADO se Tu Bater de Frente Tu Vai ser é derrubado, Eu Sou é do P.1 Onde Tudo Começou, Si Ligaa Mancha Gay Olhaa Aê o Seu TERROR !**
UuuuuuH... é o P.1 UuuuuH... é o P.1 Caçador de Cú Azul



idioma: **Português (Brasil)**
categoria: **Outros**
dono: **dj Jajá RTS COMANDO É PASSADO!!!**
moderadores: **•Grandão•**
tipo: **pública**
privacidade do conteúdo: **aberta para não-membros**
local: **maceio, alagoas, 570140, Brasil**
criado em: **23 de agosto de 2006**
membros: **539**

fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Deixe um salve e o seu comando.	7	13/07/09
<input type="checkbox"/> INVASAO A ARACAJU	1	31/05/09
<input type="checkbox"/> [ON] 100% LADO B - MP3	1	28/05/09
<input type="checkbox"/> amo pelo time	1	25/05/09
<input type="checkbox"/> Comando No Pavilhão 1 no classico	0	

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >>](#)

Página eletrônica de uma das Comunidades da Comando Alvi Rubro.
Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=19324666>> Acesso em 16 de jul. 2009.

SÁBADO, 11 DE JULHO DE 2009

PAVILHÕES SAÍDA DOMINGO

PAVILHÃO 1 - arrastão do p1 as 14:00 horas na praça do rei, geral do P. 1 ta convocado pra o nosso grande arrastão, concentraçãõ na praça do rei as 14:00 bora apoiar nosso galo galera, vamos pra a cabo reis conto com a presençã de todos vlv!

PAVILHÃO 8 - Todo mundo nos CORREIOS de 13:00 horas, vamos mostrar que agente ainda ta vivo e reunir todos os bairros

PAVILHÃO 2 - Todo mundo HORTEGAS de 13:00 horas, como sempre P2 em peso.

Fonte: Retirada da Comunidade oficial do Comando Alvi Rubro

POSTADO POR COMANDO ALVI RUBRO-CRB ÀS 17:42 - 1 COMENTÁRIO

PREVIA FESTA 16 ANOS

Estamos Trabalhando pra fazer uma festa de Previa da festa de 16 anos

Tudo indica que será:



- Dia 09/08
- Local: a definir
- Atrações: Funk, Reggae, Rap e Talvez Svingueira * Bandas a Definir
- Ferjoada Grátis
- Valor R\$ 15,00 - No jogo Dia 12/07 - CRB x cufiança Já vai ta à Venda

*OBS: ALGUMAS COISAS PODEM MUDAR AÉ, NÃO TEM NADA CERTO AINDA

COMANDO VERMELHO - Diretoria

Fonte: Retirada da Comunidade oficial do Comando Alvi Rubro

POSTADO POR COMANDO ALVI RUBRO-CRB ÀS 17:55 - 0 COMENTÁRIOS





VOCÊ VAI PARA O PROXIMO JOGO DO GALO?

Sim	80 (84%)
Não	15 (15%)

Votos até o momento: 95
Enquete encerrada
Enquete encerrada

TORCEDOR ORGANIZADO NÃO É VAGABUNDO!



EMBELEÇO DA SEDE:

- Sede Social:
 - ...:Endereço: Rua Araújo Bivar, 121 - Pajuçara (Ao lado do campo do CRB)
 - ...:Horário: Seg a Sex das 09H00 às 18H00.
 - ...:Sábado das 09H00 às 16H00.
 - ...:Telefone: (82) 3235-3263

Página eletrônica de um dos Blogs da Comando Alvi Rubro
Disponível em: <http://www.comandoalvirubro.blogspot.com> Acesso em 16 de jul. 2009.

A presente obra trata da sociabilidade vivenciada a partir dos grupos de Torcidas Organizadas de Futebol – TOFs – tendo como objeto de estudo o Grêmio Recreativo Social e Cultural de Torcida Organizada Comando Alvi Rubro, do Clube de Regatas Brasil (CRB), radicado na cidade de Maceió. Buscamos apreender o real significado do que é ser torcedor hoje, utilizando como vieses básicos para a pesquisa as categorias de Sociabilidade, Masculinidade, Juventude, Identidade e Violência. Esta última com especial atenção, devido às constantes polêmicas que envolvem as TOFs e os conflitos noticiados pelas diversas mídias. Aferimos que o fenômeno esportivo, ao tempo em que produz espaços de sociabilidade e troca, também oferece um campo de disputas que podem desembocar na prática da violência. Constatamos, porém, que a realização dessa violência pode estar sujeita, muitas vezes, a singularidades e particularidades do comportamento grupal e na maneira com que este se identifica e internaliza seus valores e referenciais. Tal aspecto, verificado através da pesquisa de campo, não nos possibilitou associar as TOFs à violência de forma direta. Os processos de socialização permitiram-nos visualizar uma gama de fatores capazes de constituir um grupo social como os de Torcidas Organizadas, que produzem práticas específicas de uma coletividade, propiciando, com isso, uma série de possibilidades que interferem em seu atuar.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60719-07-5



9 788560 719075

Ministério do
Esporte

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA